

ISSN 0100-199X

# **bib**

**BOLETIM INFORMATIVO E BIBLIOGRÁFICO  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO  
E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

# **12**

**Neste número:**

**Análises sobre Pensamento  
Social e Político Brasileiro**

**Cultura Popular:  
Controvérsias e Perspectivas**

O BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (ISSN 0100-199X) é uma publicação, semestral, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais destinada a estimular o intercâmbio e a cooperação entre as instituições de ensino e pesquisa em ciências sociais no país. O BIB é editado sob a orientação de um Editor e um Conselho Editorial composto de profissionais em ciências sociais de várias instituições do país.

*Editor*

Charles Pessanha (IUPERJ)

*Conselho Editorial*

Pres.: Silke Weber (UFPE)

Membros: Bolívar Lamounier (Idesp)

Marcos Coimbra (UFMG)

Maria Regina Soares de Lima (IUPERJ)

Maria Suzana A. Soares (UFRGS)

Otávio Guilherme Velho (UFRJ)

*Secretária*

Maria Elizabeth R. Cobra

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em  
Ciências Sociais  
Editoria do BIB  
Rua da Matriz, 82 – Botafogo  
22260 – Rio de Janeiro – RJ

*Composição e Impressão*

Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda.  
Rua Irineu Marinho, 30, s/loja 206  
Rio de Janeiro – RJ

ISSN 0100-199X

# **bib**

**BOLETIM INFORMATIVO E BIBLIOGRÁFICO  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO  
E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

# **12**

*Colaboram neste número:*

Célia Camargo de Simone, coordenadora do Setor de Documentação do Cpdoc/FGV.

José Guilherme Cantor Magnani, que até 1978 foi professor e pesquisador na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Buenos Aires), está atualmente concluindo sua tese de doutoramento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ruth Corrêa Leite Cardoso e com o auxílio de uma bolsa de estudos concedida pela FAPESP.

Maria Tereza Sadek R. de Souza, pesquisadora do Idesp e autora de *Maquiavel, Maquiavéis: A Trágédia Octaviana – estudo sobre o pensamento político de Octávio de Faria*, São Paulo, Símbolo, 1978.

## Sumário

Apresentação	5
Análises sobre pensamento social e político brasileiro / <i>Maria Tereza Sadek R. de Souza</i>	7
Cultura popular: controvérsias e perspectivas / <i>José Guilherme Cantor Magnani</i>	23
História política e fontes documentais: O Acervo do Cpdoc (1930-45) / <i>Célia Camargo de Simone</i>	41
Perfil institucional	49
Teses e dissertações	53
Pesquisas em andamento	57
Livros	65
Noticiário	69
(lista de abreviaturas usadas na p. 72)	

A crescente institucionalização da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais exige não somente a contínua reformulação dos instrumentos que ela tem a seu dispor para veicular as atividades que promove, mas também a ampliação ou mesmo criação de meios que lhe permitam concretizar de forma cada vez mais eficaz seu objetivo primordial de estimular o intercâmbio entre os centros de pesquisa e de pós-graduação existentes ou em fase de implantação no país.

O *BIB* tem representado o elemento central desse intercâmbio, na medida em que tem assegurado aos pesquisadores da área de Ciências Sociais, com periodicidade regular, o acesso a informações relevantes ao desenvolvimento do seu trabalho acadêmico. De fato, a seção intitulada *Perfil Institucional*, em que são apresentadas as principais características das diversas instituições de pesquisa e de ensino pós-graduado e, sobretudo, as seções *Resenha Bibliográfica* sobre temas atuais das Ciências Sociais e *Pesquisas em Andamento* e *Teses e Dissertações*, têm constituído um importante referencial acadêmico e de intercâmbio para os que atuam nessa área de conhecimento.

Entretanto, outras informações, resultantes do próprio trabalho desenvolvido pela Associação, ou da produção acadêmica dos seus membros, aguardam ainda um espaço para uma difusão mais ampla. Exemplo disto são os estudos concluídos no seio dos grupos de trabalho, nú-

cleos básicos das atividades da Associação, que congregam pesquisadores de instituições as mais diferentes, trabalhando sobre temáticas semelhantes. Importa mencionar também a reflexão sistemática promovida pela Associação, com o freqüente apoio de outras instituições como o CNPq, a CAPES, a Fundação Ford e a Finep, sobre problemas e perspectivas das Ciências Sociais no Brasil. Destaquem-se, ainda, alguns subprodutos diretos ou indiretos da atividade de pesquisa, sejam eles inventários das condições de pesquisa sobre determinados temas, sejam avaliações do estado atual do conhecimento sobre um tema ou problema ou, finalmente, comentários críticos sobre a produção recente em algumas áreas temáticas.

Assim, o Conselho Editorial do *BIB* introduziu algumas alterações no formato da revista — que serão progressivamente implementadas — de modo a consolidar o seu papel de órgão efetivo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, embora resguardando o seu aspecto informativo e bibliográfico e de instrumento de intercâmbio. São elas: a criação de novas seções, o deslocamento para a segunda metade da revista das seções informativas por natureza e a programação de números especiais.

As novas seções são: *Problemas da Pesquisa e da Pós-Graduação em Ciências Sociais*, *Ensaio de Crítica Bibliográfica* (avaliação da pro-

dução recente em determinadas áreas temáticas), *Livros Novos* (listagem, com rápida súmula, de textos recentemente editados), *Fontes de Pesquisa* (indicação de material, sua localização, condições de acesso, para o estudo de certos temas) e *Cartas* (comentários, críticas, avaliações do conteúdo do *BIB* ou de algumas de suas seções).

Os números especiais pretendem dar conta de temas específicos que expressem as preocupações e atividades da Associação. Planeja-se, inicialmente, a elaboração de dois números, um contendo um balanço exaustivo da produção de dissertações e teses recentes nos diversos Centros de Pós-Graduação e outro incluindo os tex-

tos de avaliação e perspectivas das Ciências Sociais no Brasil, patrocinados pela Fundação Ford.

Espera-se, dessa forma, estar simultaneamente construindo as bases para que o *BIB* possa, no futuro, e o mais rapidamente possível, expandir-se como revista acadêmica. O que, no entanto, dependerá sobretudo das disponibilidades financeiras da Associação que, por sua vez, decorrem da prioridade atribuída às Ciências Sociais pelos diversos órgãos financiadores da pesquisa e da pós-graduação.

#### O Conselho Editorial

## Análises sobre pensamento social e político brasileiro

Maria Tereza Sadek R. de Souza

Um exame da bibliografia existente sobre o pensamento social e político brasileiro surpreende-nos pela grande quantidade de obras publicadas nos últimos anos. Pode-se mesmo dizer que a quase totalidade dos títulos referentes ao estudo das ideologias data da década de 70. Este fato testemunha uma apreciável revitalização desta área de estudos. O que provocou esta alteração? Acredito que o fator principal foi o redimensionamento da produção ideológica no conjunto de variáveis responsáveis pela explicação do desenrolar da vida econômica, social e política. A questão complementar também se impõe: o que justificou o pequeno interesse, até alguns anos atrás, por este tipo de pesquisa?

A resposta a este tipo de indagação não é simples, sobretudo porque envolve, como sugerido acima, a discussão do "lugar" e "peso" da ideologia nos diversos modelos explicativos das ciências humanas. Não há exagero em se afirmar que este problema percorre toda a produção intelectual. Assistia-se, principalmente até os anos 60, à presença de certas atitudes, que faziam do estudo do pensamento social e político nacional algo bastante secundário. Para exemplificar, basta lembrar o peso dado ao fato de que o pensamento brasileiro não era verdadeiramente nacional, mas mera cópia do que se produzia nos EUA e na Europa. Partindo-se deste primeiro diagnóstico ficava evidente o quanto era desnecessário ao estudo da produção intelectual brasileira.

Além disso, a preocupação com o valor de verdade das idéias era mais importante que o estudo propriamente dito das obras e autores. Assim, os conceitos de consciência de classe, de nação ou ainda o de ciência forneciam os parâmetros do conhecimento verdadeiro em oposição ao sentenciado como falso.

Deve ser salientado, no entanto, que não compreenderemos devidamente as atitudes responsáveis pela caracterização da ideologia social e política como algo sem vigor, se não atentarmos, como aponta Bolivar Lamounier, que "não se trata, apenas, de insuficiência conceitual e metodológica; ou antes, insuficiências desse tipo não se apresentam (...) desvinculadas de razões históricas mais substantivas" (1977:347).

A redemocratização de 1945, o descrédito das idéias autoritárias e totalitárias respondem em grande parte pelo número restrito de obras publicadas. O problema primordial, então, parecia ser o da existência ou não de bases sociais capazes de sustentar o novo tipo de Estado. Além disso, acreditava-se que não havia porque analisar autores que reiteradamente haviam justificado o Estado Novo, quando este deveria agora ser superado, senão esquecido.

Antes, porém, da discussão das atitudes mencionadas acima, convém salientar que elas não se confinam às décadas de 40, 50 e 60, mas que são ainda compartilhadas por muitos estudiosos. Queremos simplesmente apontar que,



naquele período, elas têm muito a ver com o relativamente pequeno número de análises realizadas e com o baixo grau de legitimidade desta área de interesse.

Estas atitudes revelam uma variedade bastante grande de orientações, o que nos leva à discussão de seus paradigmas, bem como à delimitação e configuração deste campo de estudo. Primeiramente, contudo, é necessário indicar o critério adotado para a seleção das obras.

#### *Âmbito da Resenha*

Está bastante longe de ser uma questão consensual a indicação e justificativa dos limites do tema – pensamento social e político. Desde os trabalhos pioneiros de Fernando de Azevedo (1943; 1956), João Cruz Costa (1945; 1956a) e Florestan Fernandes (1958) – para só citar os mais significativos –, esta questão pode ser colocada como um problema. Os critérios de inclusão/exclusão de obras e autores dependerão fundamentalmente do modelo de análise adotado, como a própria discussão dos paradigmas procurará demonstrar. Assim, para aqueles que se guiam pelo critério “nacionalismo”, o recorte será sem dúvida diferente daquele realizado pelos que acreditam que o corte essencial está na institucionalização das atividades científicas, ou ainda dos que creem que a determinados grupos correspondem certas formas de pensar.

Deixando de lado, por ora, estas divergências, esta resenha bibliográfica procurará ser o mais abrangente possível, incluindo desta maneira trabalhos discordantes entre si. Provavelmente, a tentativa de um levantamento exaustivo ver-se-á frustrada devido aos inúmeros textos e teses dedicados ao tema nos últimos anos. Acredito, no entanto, chamar atenção para as principais orientações e para as publicações mais importantes.

Este levantamento bibliográfico versará, pois, sobre estudos e análises sobre o pensamento social e político brasileiro, entendendo por isto apenas os estudos de discursos manifestos, formalizados e razoavelmente articulados. Não incluiremos obras cuja preocupação é descrever e/ou interpretar consciência de grupos – sejam eles operários, empresários, estudantes, mulheres etc. –, a não ser que elaboradas em sistemas estruturados de idéias. Também não comporão este inventário livros de memórias e biografias. Estão incluídos neste levantamento trabalhos de reflexão geral sobre o tema; antologias sobre o pensamento nacional; análises de correntes, doutrinas, escolas, instituições, grupo de autores; análises de discursos presidenciais e estudos

monográficos sobre pensadores, ensaístas e/ou cientistas. Este critério mais amplo, repetimos, não leva em conta o que cada analista entende por ideologia, por pensamento social e político, o que nos obriga a apontar orientações, no mais das vezes bastante distintas, no interior de cada uma das categorias. Isto nos remete à discussão dos paradigmas e das atitudes citadas acima.

#### *Paradigmas*

A discussão dos paradigmas nos permitirá indicar os aspectos valorizados, as diferentes orientações presentes nas obras de análise sobre o pensamento social e político, bem como o seu reconhecimento ou não como uma problemática. Em outros termos, esta reflexão é capaz de apontar quando a categoria “ideologia” assume a função de *encerrar* o assunto ou, ao contrário, de *abri-lo*, de mostrar a complexidade do tema, a dificuldade de se ajustar qualquer modelo *a priori* à variedade de autores e *temáticos*.

Este tipo de esforço foi substancialmente realizado por Wanderley Guilherme dos Santos (1967; 1970) e Bolívar Lamounier (1977); por isso, basearemos nossa pesquisa fundamentalmente nos trabalhos desses dois autores.<sup>1</sup>

Os artigos de Santos têm o mérito de listar os estudos recentes dedicados ao exame da história das idéias no Brasil e de indagar sobre os pressupostos utilizados por seus autores, não só para a compreensão do pensamento político e social, como para os critérios de seleção de certos nomes. A ordenação e a classificação que elabora é bastante útil para todos aqueles que se interessam em analisar o pensamento político-social no Brasil. Além do mais, reinicia ele o debate sobre uma problemática que certamente foi relegada a um plano de menor importância.

Santos assinala a existência de dois modelos interpretativos básicos: o *cientificista* e o *nacionalista*.

Lamounier, além dos modelos interpretativos considerados e analisados por Santos, dá atenção ainda para dois outros: o “*classista*” e o do “*autoritarismo esclarecido*”. No entanto, como este último apresenta uma vinculação umbilical com o historicismo-nacionalista dos anos 50, não iremos discuti-lo separadamente.

Faremos referência também ao modelo da “*conciliação*”. É importante, ainda uma vez, que se marque que os paradigmas que iremos analisar não se referem necessariamente ao mesmo período histórico. A distinção mais significativa pode ser apontada em relação ao paradigma da *conciliação*, que é pensado sobretudo em função do Império.

### 1. Paradigma da Institucionalização da Atividade Científica

Os adeptos deste modelo interpretativo atribuem "basicamente à institucionalização das atividades científico-sociais (...) o caráter de divisor de águas entre o período pré-científico e o período científico da produção intelectual brasileira" (Santos, 1967: 185). Esta visão abriga em si uma luta entre o "certo" e o "errado", do verdadeiro contra o falso, ou ainda da Ciência contra a banalidade expressa pela ideologia. Não há possibilidade, neste arranjo, de se perceber a existência de sistemas teóricos alternativos se enfrentando. Ao contrário, a ruptura consagrada com o aparecimento das instituições científicas faz com que o passado seja o lugar das coisas não apenas mortas, mas já nascidas sem vida. Suas cinzas sequer servem para fertilizar o nascedouro da ciência.

Santos, referindo-se à simplicidade desta perspectiva, critica-a com um argumento que visa colocá-la em xeque: "a historiografia que ordena o passado em função do presente, e assumindo o presente como o 'moderno', está desarmada para entender as exatas articulações de desenvolvimento intelectual da humanidade. A rigor, está desarmada até para entender o presente" (Santos, 1967: 186).

Esta tipologia traz como resultado importante o real impedimento do estudo do pensamento político e social que se desenvolveu ou que se desenvolve fora dos marcos postulados pelos cânones científico-acadêmicos. E isso de modo ainda mais contundente se este se produziu anteriormente àquela institucionalização.

Santos inclui neste tipo de análise as obras de Costa Pinto e Carneiro (1955), de Djacir Menezes (s/d), de Fernando de Azevedo (1943 e 1956), de Florestan Fernandes (1958a, 1958b) e de Almir de Andrade (1941). Este modelo interpretativo acha-se bastante difundido e talvez se possa mesmo afirmar ser ele o mais conhecido e divulgado, pelo menos até a década de 50. Para ampliar e ilustrar sua presença poderiam também ser aqui lembrados os trabalhos de Dante Moreira Leite (1954), João Cruz Costa (1945; 1956a; 1960) e Eliseu Véron (1970).

De todos os autores classificados como representantes desta periodização, que tem por base a institucionalização das atividades científico-sociais, é Florestan Fernandes quem melhor ilustra aquele padrão de argumentação. Por isso, vale a pena se deter um pouco neste autor e acompanhar a sua argumentação.

Fernandes defende a tese de que, embora o termo sociologia tenha sido utilizado no Brasil há algum tempo, "o contexto em que semelhante uso episódico e literário do vocábulo se processava não possuía (...) nenhuma intenção de análise positiva, mesmo assistemática" (1958a: 189).

Para este analista, acreditar na existência da sociologia, antes que esta disciplina corresponda e traduza um saber racional, nada mais é do que o resultado da utilização de critérios extracientíficos para o exame de uma atividade que efetivamente só existe quando obedece a cânones científicos positivos. Os critérios extracientíficos são vistos como de senso comum e coincidem com um estágio pré-científico do saber racional. Apenas a utilização destes critérios permitiria e explicaria a inclusão da produção intelectual de ensaístas que nada têm de sociólogos. Deste ponto de vista, não haveria nenhum interesse em focar e analisar esta produção cujo traço essencial é ser não científica.

A única concepção que Fernandes considera válida é a que se baseia numa definição positiva do estudo sociológico. Devendo-se acrescentar ainda que, durante toda a fase pré-científica — que se estende por um longo período de quatro séculos, ou seja, da colonização até o início do século XX —, o saber utilizado não respondia às exigências da situação histórico-social. Ao contrário, como era importado do mundo europeu, era desprovido de dinamismo próprio. Não houve, assim, entre nós, a formação de "um saber racional autônomo, capaz de evoluir como uma esfera especializada de atividades intelectuais. Daí a necessidade de apelar para os centros exógenos de produção de saber racional, toda vez que as exigências da situação histórico-social tornavam aconselhável ou inevitável o recurso a técnicas e a conhecimentos que possuíssem fundamento racional" (1958a: 183).

Possuindo o Brasil, como as demais nações subdesenvolvidas, uma disposição insuficiente de recursos racionais, tanto de pensamento como de ação, este drama só será superado com a implantação de cursos superiores. Isto se verifica apenas quando a sociedade baseada no regime de classes substitui a sociedade que se sustentava no regime escravocrata e senhorial. Atinge-se, a partir de então, uma fase em que o pensamento racional expressa uma forma de consciência capaz de explicar as condições objetivas de existência. As ciências sociais passam então a ter um papel a desempenhar na sociedade, chegando o autor a afirmar que "as ciên-

cias sociais só podem se tornar verdadeiramente úteis à coletividade quando as atividades de ensino, de pesquisa, de sistematização teórica e de aplicação podem ser organizadas institucionalmente, desenvolvidas de forma contínua e orientadas de acordo com motivos teóricos ou práticos que aconselham a realização de determinadas pesquisas, independentemente das preferências individuais dos próprios investigadores” (1958b: 19, 20).

Fernandes não apenas trabalha com a polaridade *ciência-não ciência, como não vê porque* ter como preocupação, ou como objeto de estudo, o que se encontra no polo da não ciência. Analisar este polo, que é o das “trevas”, seria, em última instância, reforçar uma atitude já superada, seria não perceber, ou até mesmo não incorporar a mudança qualitativa que se produziu no pensamento brasileiro, a partir da criação de instituições voltadas para a elaboração das ciências sociais. Seria, enfim, repetir o que foi abandonado e relegado ao esquecimento no período das “luzes”.

## 2. Paradigma do “Nacionalismo”

Este paradigma encontra em Guerreiro Ramos um dos seus melhores intérpretes. Por isso utilizaremos os trabalhos deste autor para exemplificá-lo. Tentaremos expor seus argumentos, bem como as limitações deste modelo, que obteve expressão significativa sobretudo nas análises produzidas sob a orientação do ISEB.

A mudança de argumentação é qualitativa e as proposições desenvolvidas colocam o tema – pensamento social e político – em outra dimensão. O importante não é o momento no tempo em que se rompe com o pensamento não científico, ou se o pensamento é importado, ou se inadequado à realidade, ou ainda a busca dos padrões positivos de cientificidade.

Ramos relaciona os esforços de teorização sobre a realidade à dinâmica social. Estes esforços são constantes, sendo porém mais acentuados nos períodos de crise, quando a mudança é inadiável. O cerne da explicação é buscado na funcionalidade das idéias. O analista deve transcender as teorizações, “apreciando as conexões objetivas dos que delas se utilizam”, uma vez que “as doutrinas, na luta partidária no Brasil, têm servido para camuflar as intenções e os propósitos” de seus portadores (Ramos, 1957: 37).

Se o que está em jogo são interesses de grupos, ao intérprete importa descobrir a relação

entre estes e o modo como expressam seus interesses. Por isso, o crítico é definido como aquele que é “capaz de enxergar o significado indireto ou implícito do produto intelectual, ou [o que é] capaz de surpreender as verdadeiras forças motrizes que movem o produtor” (1957: 30).

Na medida em que a tarefa do pesquisador está em conseguir inter-relacionar o produto com o produtor, a distinção entre ciência e ideologia passa a ser concebida na ótica da vinculação ou não com interesses particulares de grupos sociais. Isto é, a teorização sobre a realidade é ideológica quando expressar uma visão parcial, sectária, partidária, que tem por função justificar os propósitos específicos de uma camada ou de uma classe social. A visão globalizante, ao contrário, é capaz de chegar à compreensão totalizante do processo histórico, opondo-se por esta razão à primeira e constituindo-se numa forma diferente de teorização – a sociológica ou científica.

Mas, qual o critério de cientificidade, ou o que permite que a sociologia transcenda a ideologia? Uma primeira resposta pode ser captada na apreensão do aspecto econômico. Isto é, a ausência de consideração deste aspecto no discurso ideológico explicaria a sua limitação. No entanto, o que dá a este aspecto o seu peso verdadeiro é que, a partir dele, tem-se a possibilidade de se atingir o que o autor denomina “sentido nacional”, em oposição a interesses privados e grupais. A superação de interesses particularistas indicaria uma “transideologização” e garantiria a apreensão da dinâmica social.

Tem-se uma combinação de critérios nas obras de Ramos: um essencialmente objetivo e outro de ordem metodológica. Ou seja, a emancipação intelectual só tem alguma probabilidade de verificar-se quando as condições objetivas (diferenciação das classes sociais, expansão da industrialização, crescimento do mercado interno) propiciam uma superação da visão restrita, caracterizadora da consciência parcial. Este primeiro critério é combinado com outro, onde o método utilizado seria igualmente importante. Assim, à indução ou à dedução, enquanto procedimentos metodológicos, corresponderiam respectivamente a possibilidade de um saber totalizante ou de um saber fragmentário. Levamos o autor, desse modo, a uma análise interna dos produtos intelectuais.

A consciência nacionalista, ou nuances dela, indicam em que se deter, permanecendo o que há de alienado sob o rótulo de meramente ideológico, porque referido imediatamente a inte-

resses grupais ou classistas. O problema que resta, mesmo admitindo as possibilidades abertas, é que, vendo-se o passado em termos de "colonial", exclui-se "a necessidade de pesquisar os nomes que compõem o patrimônio cultural brasileiro, visto que todos estariam submetidos à mesma fatalidade de serem alienados" (Santos, 1967: 189-190). O esquema de Guerreiro Ramos está ideologicamente orientado por sua visão de "nacionalismo". Por isso, o que tem real significado no passado é o que o presente identifica como "momentos parciais, cuja progressão histórica aponta para o conhecimento cabal através da ciência, ou, mais exatamente, da consciência nacionalista" (Lamounier, 1977: 350).

### 3. Paradigma "Classista"

Neste modelo, a questão da ideologia, com frequência, surge como um problema de identificação dos grupos ou classes sociais aos quais corresponderia determinado discurso político-social. "O procedimento padrão (...) consiste em tomar um autor ou grupo de autores e ajustar ao conteúdo manifesto de suas obras os modelos clássicos - vale dizer, europeus do século XIX - do pensamento 'conservador', 'pequeno-burguês', 'reacionário' etc. Via de regra, o intérprete que assim procede não se vê obrigado a explicitar de antemão os componentes do modelo, contentando-se em 'reconhecê-lo' ou presumi-lo sabido e compartilhado pelo leitor (...). As posições variam entre a aplicação mecânica de esquemas clássicos à guisa de descrição da estrutura de classes e a negação de sua aplicabilidade, através de alusões à 'imaturidade' ou à 'incipiência' das classes na formação social brasileira" (Lamounier, 1977: 352).

Há uma vertente mais complexa, que não é uma sociologia *mannheimiana* e sim resultante de como se apreende a função da ideologia na totalidade capitalista. A caracterização do fenômeno ideológico como super-estrutural faz com que a força explicativa esteja na infra-estrutura, na divisão da sociedade em classes, nas consideradas condições determinantes do pensamento.

Inúmeros trabalhos, de qualidade diferente, podem ser incluídos nesta perspectiva: desde aqueles onde se encontram respostas suficientes e satisfatórias sobre o pensamento social e político, não no seu próprio seio, mas no âmbito das relações de produção, até os mais sofisticados, onde é salientada a funcionalidade ideológica da dominação. Simplificando, diríamos

que temos num limite a ideologia sendo vista essencialmente como o modo de camuflar, de iludir, importando menos *como* a realidade é mascarada, do que a denúncia da função de acobertar o caráter explorador e irreconciliável existente entre as classes sociais. Noutro, teríamos a procura do que leva à aceitação de discursos, que trazem em si a garantia do domínio.

#### Exemplificando:

- Franco (1976) polemizando com Schwarz (1973) demonstra que "as idéias estão no lugar", uma vez que encontram suas raízes nos fundamentos econômicos de uma sociedade centrada na produção do lucro. Elas têm por função primordial encobrir e inverter as coisas, sustentando a dominação. Em estudo posterior, ao analisar a ideologia *isebiana*, radicaliza ainda mais seus argumentos, afirmando: "toda ideologia do ISEB foi construída de modo exemplar como desdobramento de uma ilusão essencial ao modo capitalista de produção, isto é, que as relações entre trabalhador e capitalista sejam de troca simples, em que ambos obtêm um equivalente" (1978: 191).

- Na mesma perspectiva, Toledo (1977) analisa o pensamento nacional desenvolvimentista, vendo na ideologia do ISEB um exemplo de ideologia burguesa, um discurso ideológico "falso", por ocultar as contradições de classe e defender o capitalismo.

- Chasin (1978), ao analisar o pensamento de Plínio Salgado, nega o conteúdo fascista do *integralismo*, em função de um *a priori* - o fascismo é um fenômeno de expansão do capitalismo tardio e não do hiper-tardio. Afirma: "o fato de Plínio Salgado não ter construído uma ideologia fascista é muito menos mérito seu do que consequência de uma impossibilidade objetiva à qual estava subordinado" (1978:89).

Os exemplos podem ser multiplicados: Schwarz (1973), Romero (1970), Sodré (1965, 1970), Ianni (1975), Carone (1977), Chauí (1978), Marson (1979), Borges (1979).

O risco desta perspectiva, ressaltada a importância de sua hipótese de trabalho, é acabar por transformar o "pensamento" num epifenômeno, uma vez que sua configuração estaria inteiramente contida nas relações econômico-sociais. Ou ainda, tornar a questão da produção intelectual algo sem vigor, entendendo que todo o problema resume-se a questões relacionadas ao jogo conflitivo de grupos, devendo o analista ter por tarefa, simplesmente, a imputação de quais seriam os verdadeiros interesses objetivos de cada uma das partes em luta.

#### 4. Paradigma da "Conciliação"

A análise calcada neste paradigma tem por pressuposto básico a crença na natureza não inerente, mas temporária, do conflito decorrente das relações sociais. Existiria na sociedade um rol bastante amplo de interesses possíveis de serem ajustados. A harmonia sempre terá chances de ser buscada e dependerá sobretudo de habilidade política.

O fenômeno ideológico, longe de ser um problema de menor importância, é apreendido como relevante para a compreensão da vida social, pois provoca consequências objetivas tanto na estrutura de poder como no sistema de estratificação social.

Destaca-se, pois, os mecanismos através dos quais se realiza o equilíbrio de correntes ideológico-partidárias opostas em confronto. A pesquisa de como coexistem pensamentos distintos leva à descoberta de "compromissos", responsáveis pelo estabelecimento das regras do jogo político. E a crença de que os que participam da arena política estão dispostos a fazer concessões salienta o caráter pacífico da disputa político-ideológica, que tem na violência a opção menos preferível.

Poderíamos dizer que nesta abordagem há a convicção de uma compatibilização ilimitada de interesses e de uma possibilidade infindável de flexibilidade do sistema político de absorver tensões.

É necessário que se aponte, no interior deste modelo, a existência de pelo menos duas vertentes. Uma, menos sofisticada, vê a história brasileira como *factualmente* conservadora. Esta vertente cai, muitas vezes, no simplesmente laudatório, destacando a ausência de revoluções, de conflitos insuperáveis, chamando atenção para o caráter cordial do homem brasileiro. Outra vertente, com mais cautela, fundamenta-se numa idéia teoricamente frutífera, porque enraizada numa concepção sofisticada do "político". Neste caso, os compromissos são salientados enquanto estratégias de negociação, enquanto resultados de barganhas na luta político-partidária.

Entre as obras que vêm na "conciliação" a melhor resposta adaptativa às condições econômicas e sociais do país, poderíamos lembrar *Conciliação e Reforma* de José Honório Rodrigues e *A Consciência Conservadora no Brasil* de Paulo Mercadante.

#### Os Anos 60, 70: um novo interesse pelo tema

Esforços recentes têm se pautado pela existência de uma problemática no âmbito da produção intelectual, quebrando, por assim dizer, uma prática que teve início com a redemocratização de 1945. Naquele período, a ciência social brasileira buscava, quase exclusivamente, explicações de ordem estrutural, dando pouca atenção aos fenômenos classificados como super-estruturais. É de justiça que se faça exceção aos trabalhos de Guerreiro Ramos, nos quais encontramos análises críticas sobre o pensamento autoritário dominante nas décadas de 20 e 30. Entretanto, suas preocupações não fizeram escola.

No final dos anos 60, houve uma notável revitalização do interesse pela análise de nossa produção intelectual e em particular por aquela dos teóricos autoritários. Este fato, provavelmente, tem a ver com dois motivos bastante diversos. De um lado, e como fator menos importante, a busca de justificativas legitimadoras para o Estado fruto do golpe de 64. E, de outro, uma alteração de ordem metodológica — a consideração do pensamento social e político como não inteiramente deduzível da mera identificação do grupo social a que corresponderia, como não totalmente compreensível a partir de parâmetros fornecidos por modelos de cientificidade, ou por traços imputáveis a uma consciência "verdadeira".

No primeiro caso encontramos trabalhos de caráter nitidamente ideológico, onde a volta aos teóricos autoritários não implica numa análise interna de suas proposições, mas principalmente numa justificativa da necessidade do Estado Forte. Busca-se argumentos "de autoridade" para descartar a experiência democrática, apontando-a como a exceção, como o domínio da irracionalidade. O ensaio de Queiroz (1975) sobre Oliveira Vianna é exemplar.

A importância dada a elementos mais conjunturais e mais imediatamente ligados ao funcionamento do regime fez com que se reconhecesse no pensamento social e político um problema perfeitamente legítimo e indispensável para a compreensão da vida social. A análise interna dos discursos tornou-se tarefa obrigatória. Além dos já mencionados trabalhos de Santos e Lamounier, podem ser aqui lembrados com destaque as análises de Alcântara (1967) sobre Azevedo Amaral e de Trindade (1974) sobre o Integralismo.

É interessante notar, no conjunto das obras produzidas neste período, o número expressivo

de títulos sobre os teóricos autoritários. Vinte e cinco por cento das análises desenvolvidas focalizam as obras de Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos.

A quantidade de estudos recentes sobre o tema testemunhou o redimensionamento desta

área de pesquisas, bem como propiciou uma revisão de nossa historiografia. Neste sentido é importante que se sublinhe o reexame de interpretações históricas clássicas e de modo singular aquela sobre a revolução de 1930.

### Notas

1. O propósito de fazer um balanço crítico de nossa produção intelectual pode também ser encontrado em: Ianni (1975); Martins (1977a, 1977b, 1977c, 1978a, 1978b); Mota (1977); Paim (1974, 1979); Saldanha (1968, 1979); Sodré (1970); Vita (1968) e de maneira bastante exaustiva, incluindo os textos de autores-fonte em Mendes (1981).

### Bibliografia

Abreu, Jayme *et alii*

1960 *Anísio Teixeira: Pensamento e Ação*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Albuquerque, Manuel Mauricio de

1981 *Pequena História da Formação Social Brasileira*. Rio de Janeiro, Graal.

Alcântara, Aspásia B.

1967 "A Teoria Política de Azevedo Amaral". *Dados*, n. 2/3.

Alves Filho, Aluisio

1977 *Fundamentos metodológicos e ideológicos do pensamento político de Oliveira Vianna*. Tese de Mestrado ao IUPERJ, mimeo.

1979 *Pensamento Político no Brasil (Manoel Bonfim: um ensaísta esquecido)*. Rio de Janeiro, Achiamé/Socii.

Andrade, Almir de

1941 *Formação da Sociologia Brasileira: os primeiros estudos sociais no Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.

Arruda, Antonio de

1980 *E.S.G. – História de sua doutrina*. Rio de Janeiro, GRD/INL/MEC.

Azevedo, Fernando de

1943 *A Cultura Brasileira – Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil*. São Paulo, IBGE.

1956 *As Ciências no Brasil*. São Paulo, Melhoramentos.

1958 "A Universidade de São Paulo". *Ensaio Paulistas*. São Paulo, Anhembi.

Barreto, Vicente

1977 *Ideologia e Política no Pensamento de José Bonifácio*. Rio de Janeiro, Zahar.

1979 "O Absolutismo Português e os Primórdios da Idéia Liberal no Brasil", em Adolpho Crippa (org.), *As Ideias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.

Barros, Alexandre S. C

1976 "A Formação das Elites e a Continuação da Construção do Estado Nacional Brasileiro". *Dados*, n. 15.

- Barros, Roque Spencer Maciel de  
 1959 "A Ilustração Brasileira e a idéia de Universidade". *Boletim* 241/2, U.S.P.  
 1971 *Introdução à Filosofia Liberal*. São Paulo, Grijalbo/USP.  
 1973 *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. São Paulo, Grijalbo/USP.  
 1979 "O pensamento político Positivista no Império", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Biocca, Ettore  
 1974 *Estratégia do Terror*. Lisboa, Iniciativas Editoriais.
- Borges, Vavy Pacheco  
 1979 *Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista*. São Paulo, Brasiliense.
- Bresciani, Maria Stela  
 1973 "A concepção de Estado em Oliveira Vianna". *Revista de História*, n. 94.
- Campos, Ernesto de Souza  
 1954 *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo, U.S.P.
- Capelato, Maria Helena  
 1974 *A Ideologia Liberal de O Estado de S. Paulo*. Tese de Mestrado à USP, mimeo.
- Cardoso, Fernando Henrique  
 1975 *Autoritarismo e Democracia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Cardoso, Miriam Limoeiro  
 1977 *Ideologia do Desenvolvimento: JK - JQ*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Carone, Edgard  
 1977 *O Pensamento Industrial no Brasil (1880-1945)*. São Paulo, Difel.
- Carvalho, José Murilo de  
 1978 *A Escola de Minas de Ouro Preto: o Peso da Glória*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- Cerqueira Filho, Gisálio  
 1978 *A influência das idéias socialistas no pensamento político brasileiro - 1890/1922*. São Paulo, Loyola.
- Chacon, Vamireh  
 1965 *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.  
 1979 "O Autoritarismo Político na República", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Chasin, José  
 1978 *O Integralismo de Plínio Salgado - Forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo, Ciências Humanas Ed.
- Chauí, Marilena  
 1978 "Apontamentos para uma Crítica da Ação Integralista Brasileira", em M. Chauí, *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro, Paz e Terra/CEDEC.
- Coelho, Edmundo Campos  
 1976 *Em busca de identidade - O exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Forense.

- Comblin, Joseph  
1978 *A ideologia da segurança nacional*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Corbisier, Roland  
1958 *Formação e Problema da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, ISEB.
- Costa, João Cruz  
1945 *A Filosofia no Brasil*. Porto Alegre, Globo Ed.  
1956a *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.  
1956b *O Positivismo na República (Notas sobre a História do Positivismo no Brasil)*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.  
1960 *Panorama da História da Filosofia no Brasil*. São Paulo, Cultrix.  
1962 "As Transformações do Pensamento Brasileiro no Século XX e o Nacionalismo". *Revista Brasiliense*, n. 40.  
1971 "Introdução ao Estudo do Pensamento Brasileiro". *I Seminário de Estudos Brasileiros*. São Paulo, IEB/USP, mimeo.
- Debert, Guita Grin  
1979 *Ideologia e Populismo*. São Paulo, T. A. Queirós Ed.
- Debrun, Michel  
1959 *Ideologia e Realidade*. Rio de Janeiro, ISEB.  
1962 "O Problema da Ideologia do Desenvolvimento". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Belo Horizonte.
- Duarte, Paulo  
1977 *Julio Mesquita*. São Paulo, Hucitec.
- Durandin, Catherine  
1977 "L'ideologie de la securité nationale au Brésil". *Problèmes d'Amérique Latine*, n. XLIV.
- Faria, L. de Castro  
1974 *Populações Meridionais do Brasil – Ponto de Partida para uma Leitura de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- Fernandes, Florestan  
1958a *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*. São Paulo, Anhembi.  
1958b "O Padrão de Trabalho Científico dos Sociólogos Brasileiros". *Estudos Sociais e Políticos*, n. 3. Ed. Rev. Brasileira de Estudos Políticos.  
1975 *Universidade Brasileira: Reforma ou Revolução?*. Rio de Janeiro, Alfa-Omega.
- Ferrante, Vera L. Botta  
1978 *FGTS: ideologia e repressão*. São Paulo, Ática.
- Ferreira, Oliveiros S.  
1979 "A Escola Superior de Guerra no Quadro do Pensamento Político Brasileiro", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Franco, Maria Sylvania de Carvalho.  
1976 "As Idéias estão no Lugar". *Cadernos de Debate*, n. 1. São Paulo, Brasiliense.  
1978 "O Tempo das Ilusões", em M. Chauí e M. S. C. Franco, *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro, Paz e Terra/CEDEC.
- Gandini, Raquel  
1980 *Tecnocracia, Capitalismo e Educação em Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.



- Gentil, Alcides  
1938 *Idéias de Alberto Torres*. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- Gurgel, Amaral  
1975 *Segurança e Democracia: uma reflexão sobre a doutrina da ESG*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.
- Ianni, Octávio  
1975 *Sociologia e Sociedade no Brasil*. São Paulo, Alfa-Omega.
- Iglésias, Francisco  
1971 "Natureza e Ideologia do Colonialismo no Século XIX". *História e Ideologia*. São Paulo, Ed. Perspectiva.  
1971 "Estudo sobre o pensamento reacionário de Jackson de Figueiredo". *História e Ideologia*. São Paulo, Ed. Perspectiva.  
1971 "Celso Furtado: pensamento e ação". *História e Ideologia*. São Paulo, Ed. Perspectiva.  
1971 "Pensamento Político de Fernando Pessoa". *História e Ideologia*. São Paulo, Ed. Perspectiva.  
1975 "A Propósito da Historiografia Brasileira". *Debate e Crítica*, n. 5. São Paulo, Hucitec.
- Jaguaribe, Hélio  
1957 *A Filosofia no Brasil*. Rio de Janeiro, ISEB.  
1958 *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*. Rio de Janeiro, ISEB.
- Lamounier, Bolívar  
1968 "Ideologia Conservadora e Mudanças Estruturais". *Dados*, n. 5.  
1974 "Ideologia em Regimes Autoritários: Uma crítica a Juan J. Linz". *Estudos Cebrap*, n. 7.  
1974 *Ideology and Authoritarian Regimes: Theoretical Perspectives and a Study of the Brazilian Case*. Los Angeles, University of California, mimeo.  
1977 "Formação de um pensamento político-autoritário na Primeira República: uma interpretação", em Boris Fausto (org.), *O Brasil Republicano III*, 2.<sup>o</sup> vol. São Paulo, Difel.  
1979 "O ISEB: notas à margem de um debate". *Revista Discurso*, n. 9. São Paulo, Ciências Humanas.  
1981 "Introdução" à 2.<sup>a</sup> ed. de Azevedo Amaral, *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. UNB.
- Leite, Dante Moreira  
1954 *O Caráter Nacional Brasileiro: Descrição das Características Psicológicas do Brasileiro através de Ideologias e Estereótipos*. São Paulo, USP/FFCL, Boletim n. 230, Psicologia n. 7.  
1969 *O Caráter Nacional Brasileiro*. São Paulo, Pioneira.
- Lima, A. Sabóia  
s/d *Alberto Torres e a sua Obra*. Rio de Janeiro, Labor Ed.
- Lima Sobrinho, Barbosa  
1968 *A Presença de Alberto Torres*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Lima, M. Regina Soares de e Cerqueira, Eli Diniz  
1971 "O Modelo Político de Oliveira Vianna". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 30.
- Lins, Ivan  
1964 *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

- Linz, Juan  
 1976 "O Integralismo e o Fascismo Internacional". *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*.  
 1979 "Prefácio" à 2.<sup>a</sup> edição de Helgio Trindade, *Integralismo (O fascismo brasileiro na década de 30)* São Paulo, Difel.
- Macedo, Ubiratan Borges de  
 1977 *A Liberdade no Império. O Pensamento sobre a Liberdade no Império Brasileiro*. São Paulo, Ed. Convívio.  
 1979 "O Visconde do Uruguai e o Liberalismo Doutrinário no Império", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.  
 1979 "O tradicionalismo no Brasil", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil II*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Machado, Geraldo Pinheiro  
 1976 *A Filosofia no Brasil*, 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Cortez e Moraes Ed.
- Machado Neto, A. L.  
 1973 *Estrutura Social da República das Letras – Sociologia de vida intelectual brasileira*. São Paulo, USP/Grijalbo.
- Magalhães, Almeida  
 1918 *Farias Brito e a Reação Espiritualista*. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais.
- Marson, Adalberto  
 1979 *A Ideologia Nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo, Duas Cidades.
- Martins, Carlos Estevam  
 1974 *Tecnocracia e Capitalismo*. São Paulo, Brasiliense.
- Martins, Wilson  
 1977a *História da Inteligência Brasileira (1550-1794)*. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Cultrix.  
 1978a *História da Inteligência Brasileira (1794-1855)*. 2.<sup>a</sup> edição. São Paulo, Cultrix.  
 1977b *História da Inteligência Brasileira (1855-1877)*. São Paulo, Cultrix.  
 1977c *História da Inteligência Brasileira (1877-1896)*. São Paulo, Cultrix.  
 1978b *História da Inteligência Brasileira (1897-1914)*. São Paulo, Cultrix.
- Medeiros, Jarbas  
 1978 *Ideologia Autoritária no Brasil: 1930-1945*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Medeiros, Jarbas e Vieira, Margarida  
 1979 "As Idéias Políticas de Plínio Salgado". em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil II*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Mendes, Evelyse M. Freire (org.)  
 1981 *Bibliografia do Pensamento Político Republicano – 1870/1970*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- Menezes, Djacir  
 1957 *O Brasil no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro, INEP-MEC.  
 s/d *La Science Politique au Brésil au Cours de 30 Dernières Années*. UNESCO – La Science Politique.  
 1971 *Idéias contra Ideologias*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- Mercadante, Paulo  
 1965 *Consciência Conservadora no Brasil: Contribuição ao Estudo da Formação Brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Saga.

- 1979 "O Neoliberalismo do Pós-Guerra", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil II*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Miceli, Sérgio  
 1977 *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo, Ed. Perspectiva.  
 1979 *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Difel.
- Montenegro, J. Alfredo de Souza  
 1979 "O Liberalismo Radical no Império – Componentes Ideológicos de Cipriano Barata", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Mota, Carlos Guilherme  
 1977 *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Ática.
- Motta Filho, Cândido  
 s/d *Alberto Torres e o Tema da Nossa Geração*. Rio de Janeiro, Schmidt Editor.
- Oliveira, Eliézer Rizzo de  
 1978 *As forças armadas: política e ideologia no Brasil – 1964-1969*. 2.<sup>a</sup> edição, Petrópolis, Vozes, (1.<sup>a</sup> edição 1976).
- Oliveira, Lucia Lippi  
 1979 *Elite Intelectual e Debate Político nos anos 30*. Dados, n. 22.  
 1980 "As Raízes da Ordem: os Intelectuais, a Cultura e o Estado". Trabalho apresentado ao Seminário sobre a Revolução de 1930. Rio INDIPO/FGV, mimeo.
- Padilha, Tarcísio  
 1971 *Filosofia, ideologia e realidade brasileira*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- Paim, Antonio  
 1974 *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. São Paulo, USP/Grijalbo.  
 1979 "Socialismo Democrático e Socialismo Totalitário", em A. Crippa, *As Idéias Políticas no Brasil II*. São Paulo, Ed. Convívio.  
 1979 "O Pensamento Político Positivista na República", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil II*. São Paulo, Ed. Convívio.  
 1979 *O Estudo do Pensamento Filosófico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.  
 1981 "Lima Vaz e a Nova Roupageim do Velho Projeto Totalitário". *Revista Convívium*, março/abril.
- Paiva, Vanilda Pereira  
 1980 *Paulo Freire e o Nacionalismo-Desenvolvimentista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Pereira, Luiz  
 1971 "Florestan Fernandes e a Sociologia no Brasil". *Estudos sobre o Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Pioneira.
- Pinto, Álvaro Vieira  
 1959 *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. Rio de Janeiro, ISEB.  
 1960 *Consciência e Realidade Nacional*. (2 vol.) Rio de Janeiro, ISEB.
- Pinto, L. A. Costa e Carneiro, Edison  
 1955 *As Ciências Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, CAPES – série *Estudos e Ensaios*, n. 6.
- Prado, Maria Ligia Coelho  
 1974 *A Ideologia do Jornal O Estado de São Paulo – 1932-1937*, Tese de Mestrado, USP, mimeo.

- Queiroz, Paulo Edmur de Souza  
1975 *Sociologia Política de Oliveira Vianna*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Rabelo, Silvio  
1941 *Farias Brito ou uma Aventura do Espírito*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.
- Ramos, A. Guerreiro  
1957 *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro, Andes.  
1961 *A Crise do Poder no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Reale, Miguel  
1949 *Posição de Rui Barbosa no Mundo da Filosofia*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa.
- Rodrigues, Anna M. Moog  
1981 "Introdução" a Julio Maria, *A Igreja e a República*. Brasília, UNB.
- Rodrigues, José Honório  
1965 *Conciliação e Reforma no Brasil – Um desafio histórico-político*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Romero, José Luiz  
1970 *El Pensamiento de la Derecha Latinoamericana*. Buenos Aires, Paidós.
- Rosemberg, Martha  
1979 *Ariel Vencido? O Pensamento Político de Francisco Campos*. Tese de Mestrado, PUC/SP, mimeo.
- Sadek, Maria Tereza Aina  
1978 *Machiavel, Machiavéis: a Tragédia octaviana – estudo sobre o pensamento político de Octávio de Faria*. São Paulo, Símbolo.
- Saldanha, Nelson  
1968 *História das Idéias Políticas no Brasil*. Recife, UFPE.  
1979 "Rui Barbosa e o Bacharelismo Liberal", em A. Crippa, *As Idéias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.  
1979 *O Pensamento Político no Brasil*. Rio de Janeiro, Forense.
- Santos, Wanderley Guilherme dos  
1962 "Desenvolvimentismo: Ideologia Dominante". *Revista Tempo Brasileiro*, n. 2.  
1967 "A Imaginação Político-Social Brasileira". *Dados*, n. 2/3.  
1970 "Raízes da Imaginação Política Brasileira". *Dados*, n. 7.  
1978 "Paradigma e História: a Ordem Burguesa na Imaginação Social Brasileira". *Ordem Burguesa e Liberalismo Político*. São Paulo, Duas Cidades.
- Schooyans, Michel  
1963 *Déstin du Brésil*. Gembloux, Duculot.
- Schwartzman, Simon  
1979 *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.  
1980 "O Intelectual e o Poder: a Carreira Política de Gustavo Capanema". Trabalho apresentado ao Seminário sobre a Revolução de 1930, Rio, INDIPO/FGV.
- Schwarz, Roberto  
1973 "As Idéias Fora do Lugar". *Estudos Cebrap*, n. 3.  
1976 "As Idéias Fora do Lugar". *Movimento*, n. 56.

- Selcher, Wayne  
1977 "The National Security. Doctrine and policies of the brazilian government". *Military Issues Research Memorandum*.
- Silva, M. Beatriz Nizza da  
1979 "As Idéias Políticas de Silvestre Pinheiro Ferreira", em A. Crippa (org.), *As Idéias Políticas no Brasil*. São Paulo, Ed. Convívio.
- Simões Neto, Francisco Teotonio  
1978 *O Pensamento Político de Alberto Torres*. Tese de Mestrado, PUC/SP, mimeo.
- Sodré, Nelson Werneck  
1960 *Raízes Históricas do Nacionalismo Brasileiro*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, ISEB.  
1965 *A Ideologia do Colonialismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.  
1970 *Síntese de História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Souza, J. P. Coelho de  
1958 *O Pensamento político de Assis Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.
- Stepan, Alfred  
1974 *Brasil: los militares y la política*. Buenos Aires, Amorrortu.
- Tavares, José Nilo  
1979 *Autoritarismo e Dependência: Oliveira Vianna e Alberto Torres*. Rio de Janeiro, Achiamé/Socci.
- Tejada, Francisco Elias de  
1952 *As doutrinas políticas de Farias Brito*. São Paulo, Leia.
- Toledo, Caio Navarro de  
1977 *ISEB: Fábrica de Ideologias*. São Paulo, Ática.
- Torres, João Camilo de Oliveira  
1968 *História das Idéias Religiosas no Brasil*. São Paulo, Grijalbo.
- Trindade, Hégio  
1973 "A Ação Integralista Brasileira: Aspectos Históricos e Ideológicos". *Dados*, n. 10.  
1974 *Integralismo: O Fascismo Brasileiro na Década de 30*. São Paulo, Difel.
- Valdés, Jorge A. Tapia  
1980 *El Terrorismo de Estado – la doctrina de la seguridad nacional en el Cono Sur*. México, Ed. Nueva Imagen.
- Vasconcelos, Gilberto  
1979 *A Ideologia Curupira*. São Paulo, Brasiliense.
- Venâncio Filho, Alberto  
1977 *Das Arcadas ao Bacharelismo: 150 Anos de Ensino Jurídico no Brasil*. São Paulo, Ed. Perspectiva.  
1981 "Introdução" à Vicente Licínio Cardoso, *À Margem da História da República*. Brasília, UNB.
- Véron, Eliseo  
1970 "Ideologia y producción de conocimiento en America Latina", em A. Touraine *et alii*, *Ideologia y realidad nacional*. Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporaneo.

Vieira, Evaldo Amaro

1976 *Oliveira Vianna e o Estado Corporativo*. São Paulo, Grijalbo.

Villaça, Antonio Carlos

1975 *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar.

1979 "Jackson de Figueiredo e a Doutrina da Ordem", em A. Crippa (org.), *As Idéias Política no Brasil II*. São Paulo, Ed. Convívio.

Vita, Luiz Washington

1965 *Alberto Sales, Ideólogo da República*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

1968 *Antologia do Pensamento Social e Político no Brasil*. São Paulo, Grijalbo.



## Cultura popular: controvérsias e perspectivas

José Guilherme Cantor Magnani

### 1. Introdução

Torna-se desnecessário assinalar as dificuldades em fazer uma resenha sobre o tema da cultura popular, tendo em vista a quantidade de trabalhos existentes, a diversidade de orientações teóricas e metodológicas, e a imprecisão de seu objeto. O tema, no entanto, é relevante: o número de dissertações, teses, artigos, encontros e comunicações voltados para o problema da cultura popular atestam a atualidade dessa questão e a própria multiplicidade de enfoques torna oportuna uma revisão crítica.

As várias maneiras através das quais se encaram, hoje, as manifestações culturais populares, marcam uma diferença fundamental com a linha de análise que tradicionalmente ocupou esta área, e que poderíamos denominar de folclorista. Descobrir festas, lendas, folguedos e objetos de antigo uso; descrever e registrar a indumentária, os gestos e instrumentos neles utilizados; preservar sua "autenticidade" e denunciar as "deturpações" a que estão expostos — eis a tarefa de muitos folcloristas, portadores de uma "ciência menor" e às voltas com um objeto de estudo considerado de pouca relevância na opinião de especialistas de outras áreas no interior das Ciências Sociais. Com efeito, que contribuições o estudo de uma folia-de-reis ou de uma congada poderia trazer para os grandes temas da Política, Sociologia e Economia?

As Ciências Sociais, no entanto, são sensíveis às transformações que ocorrem na sociedade e que lhes fornecem os temas de discussão. Com certo atraso, na maioria das vezes, terminam contudo — se não explicando — pelo menos registrando essas transformações.

Existe uma certa unanimidade em situar nos anos trinta o início de uma série de mudanças que irão alterar profundamente o panorama político-institucional do país, sua estrutura produtiva e a distribuição de sua população. A partir da Segunda Guerra Mundial acelera-se a industrialização com a crescente participação não só das empresas estatais como das multinacionais; intensifica-se a urbanização, quer induzida pelo crescimento industrial de algumas cidades, quer acelerada pelas transformações na agricultura, e a população urbana tende a superar a rural.

Os problemas de integração dos contingentes populacionais de origem rural nos grandes centros urbanos e suas condições de vida e trabalho foram objeto de muitos estudos sociológicos, tendo-se destacado aquela linha de análise que ficou conhecida como a Teoria da Marginalidade.

Sem entrar em suas variantes, a proposição mais corrente era que essas massas dirigiam-se aos centros urbanos atraídas pela possibilidade de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. Mas, como a capacidade do setor moderno da economia de absorver essa mão-de-



obra — sem qualificação e de mentalidade “tradicional” — era menor que a oferta (em função das altas taxas de crescimento vegetativo e migratório), a maior parte dessas pessoas voltava-se para o setor terciário, contribuindo para sua inchação e aumentando, desta forma, o desemprego disfarçado.

Isoladas em favelas e cortiços, carentes dos serviços mais fundamentais, não dispunham, essas populações, de nenhum canal de participação mais efetiva com a sociedade. À margem do pólo dinâmico, e tendo perdido os padrões de referência culturais anteriores, constituíam uma massa homogênea, desorganizada, anômica, fazendo da “cultura da pobreza” um estilo de vida e um meio de sobrevivência. Corolários políticos dessa caracterização foram, entre outros, as teorias sobre a manipulação populista, as do “participacionismo” (Centro para el Desarrollo Económico y Social de América Latina — DESAL, Chile, nos anos sessenta), as diferentes propostas de transformação apoiadas no potencial explosivo dos grupos excluídos, etc.

Alheios a essas interpretações, os migrantes de uma forma ou outra faziam sentir sua presença na cidade, em primeiro lugar pelo que representavam de modo mais imediato: sua força de trabalho. Mas também pelo sotaque, por costumes, danças e músicas até então “folclóricas”, isto é, exóticas, distantes, diferentes. “Paraíbas” e “bairianos” procuram um lugar na metrópole hostil e se Ary Toledo canta os infortúnios do comedor de gilete nas praias de Copacabana, é o próprio migrante que se lamenta, ao chegar a São Paulo:

“Tava em São Paulo,  
Cheguei na praça do Brás  
Mas o frio era demais,  
E eu entrei pela peor . . .”  
(Ciranda de praia, coleção *Marcus Pereira*)

Na conjuntura dos anos sessenta, um grupo descobre as vicissitudes e também as potencialidades nessas massas, e tenta chegar a elas com uma proposta, assim caracterizada por um de seus expoentes:

“( . . . ) é necessário desenvolver uma ação mais próxima da massa, não apenas produzindo obras para ela como procurando trabalhar com ela, visando tanto desenvolver, nela, os meios de comunicação e produção cultural, como obter, nesse trabalho, um conhecimento mais objetivo de determinada comunidade que permita maior eficácia na

elaboração da obra que seja dirigida à massa. ( . . . ) Como se vê, a cultura popular, abrangendo desde a crítica de idéias estéticas ao trabalho de alfabetização, da crítica das idéias políticas à ação de rua nos espetáculos de comício, da produção de poesia, teatro, cinema à luta para vencer os entraves econômicos e políticos para dar condições de produção ao produtor de cultura popular, não cumpriria sua missão sem a criação de organismos capazes de impulsioná-la. Esses organismos ( . . . ) são o MCP de Recife e o Centro Popular de Cultura da UNE, na Guanabara. Outros organismos surgiram ( . . . ) nas principais capitais e cidades, orientando seu trabalho ou no sentido da alfabetização, ou na realização de espetáculos populares, formação de grupos teatrais, edição de folhetos, em suma, de acordo com a necessidade do meio em que atuam” (Gullar, 1980:87).

Trata-se da controvertida ação dos CPCs, posteriormente objeto de aceras polêmicas. Enquanto seus críticos levantam questões em torno de conceitos tais como “arte política”, “levar cultura ao povo”, “cultura popular como tomada de consciência da realidade brasileira”, “alienação das massas” etc., seus defensores procuram enfatizar o momento histórico em que aquela proposta surgiu.<sup>1</sup>

Ecoados os últimos acordes de *Carcará* e detonados os derradeiros tiros na terra do sol, constatou-se que também o morro não teve vez. As ciências sociais diagnosticaram o colapso do populismo e, caminhando e cantando, noventa milhões em ação ingressaram na década do milagre econômico:

“( . . . ) A década de 70 tem início numa conjuntura de franco fechamento político ( . . . ) A intervenção nos movimentos contestatórios, a extinção das representações estudantis, os decretos 477 e 228, as demissões e aposentadorias nas universidades, a censura prévia na imprensa, livros e espetáculos, enfeixam a implantação do autoritarismo político preparando o país para ingressar numa nova era, sob o signo do binômio segurança/desenvolvimento. Aproveitando-se de uma conjuntura favorável e assegurando o aprofundamento dos laços de dependência com o capital internacional, o Estado irá promover o clima eufórico e ufanista do ‘milagre brasileiro’ ( . . . ) As comunicações são modernizadas e a indústria cultural se desenvolve no sentido do mercado da classe média. Proliferam as enciclopédias em fascículos ( . . . ) a música popular assiste à emer-

gência de marchinhas exortativas e o sambão jóia faz fundo musical para as novas churrascarias. (...) no teatro as grandes produções empresariais dominam a cena aberta e o cinema começa a colocar-se a necessidade de assumir, definitivamente, sua maturidade industrial. Mas é a TV que nesse momento irá melhor expressar o clima do milagre. Trabalhando com a técnica mais recente, a TV constrói a imagem de um país moderno, um Brasil grande, de obras monumentais, signos de uma potência emergente. A atualização de padrões culturais internacionalizados dita novos hábitos de consumo e comportamento para a burguesia e a classe média” (Holanda e Gonçalves, 1980:11).

Esta coleção passa em revista a literatura, o teatro, a música popular, a televisão e o cinema nos anos setenta, marcados pela atuação do Estado não só através da censura, mas também como promotor e patrocinador de eventos culturais, pelo extraordinário desenvolvimento dos *mass-media* e notadamente da televisão, pela presença de ritmos tais como o *rock*, *disco-thèque* na música de consumo etc.

E com os setores populares, o que acontece? Em que medida esses fatores incidem em suas manifestações culturais? Para uns, mais do que nunca a cultura do povo, sob o influxo da ideologia dominante, está se descaracterizando, transformando-se num instrumento de alienação; outros, ao contrário, percebem nela um meio de resistência à dominação.

Para avaliar esses diferentes enfoques, é preciso assinalar uma importante mudança no debate sobre os setores populares: os habitantes dos bairros populares dos grandes centros urbanos já não são considerados “massas marginais”. Conhecidos atualmente como “classes populares”, são muito procurados por militantes de partidos políticos, membros de organizações e movimentos ligados à Igreja, pesquisadores e cientistas sociais que descobrem e revalorizam sua vida associativa (Sociedades Amigos de Bairro, grupos de base, clubes de mães, comissões de moradores, etc.), suas reivindicações e formas de luta específicas.

Se por um lado os setores populares já não são vistos na ótica da teoria da marginalidade, nem como sujeitos idealizados de transformações imediatas, por outro há uma mudança de estratégia no estudo de suas manifestações culturais. Estas não são consideradas isoladamente, mas no contexto das condições concretas de vida de seus portadores, de seus movimentos reivindicativos, etc., e constituem uma via de aces-

so ao conhecimento de sua ideologia, seus valores e sua prática. A cultura popular, deste modo, não é pensada em si mesma, mas em relação: cultura popular e ideologia; cultura popular e poder; cultura popular e nacional; cultura popular e os meios de comunicação de massas, etc.

Este é, digamos, o quadro no interior do qual se desenvolve o debate, hoje, sobre a questão da cultura popular, dele participando não só especialistas sobre o tema, mas profissionais de outras áreas.

Com o propósito de não transformar esta resenha num registro cronológico e arbitrário (incompleto será, sem dúvida) de trabalhos, procurei não considerar obras e autores isoladamente, e sim colocar algumas das questões presentes na atual discussão; para tanto utilizei, como pontos de referência, encontros, coletâneas, congressos ligados ao tema. No final arrolamos as obras dos autores participantes dos diferentes encontros, já que para os efeitos dessa resenha foram utilizados antes artigos, comunicações e conferências que publicações mais extensas.

## 2. Algumas Tendências

A coletânea *Cidade, Usos e Abusos*, que reúne uma série de trabalhos apresentados em simpósio sobre marginalidade social na XXVIII Reunião Anual da SBPC no Recife, em julho de 1974, apesar de não incluir nenhum texto diretamente vinculado com a cultura popular (com excessão do artigo de L. A. Machado da Silva), representa uma das tendências que caracterizam a discussão atual sobre esse tema. No prefácio, Ruth Cardoso afirma:

“Quase vinte anos já se passaram desde que Carlos Francisco Lessa e Tomás Vasconi em curso oferecido pela CEPAL na Venezuela cunharam a expressão para designar crescente setor da população urbana na América Latina, que, recém-chegada do campo, reunia-se em favelas, inseria-se de maneira peculiar no mercado de trabalho e especialmente parecia não estar politicamente mobilizada. Eram tempos do populismo que, através de diversos elementos, havia realizado alianças entre a burguesia e o operariado. Ora, a constituição de um importante setor urbano que não participava de tais alianças criava algo novo com possibilidades políticas explosivas, dado que se percebia também um eventual elemento revolucionário no próprio caráter da população marginalizada. De 1958 a esta parte, a questão da

marginalidade ocupou numerosos cientistas sociais latino-americanos que se envolveram em longo e penoso debate sobre a natureza do fenômeno, suas causas e conseqüências. (...) de uma forma ou de outra [cada trabalho desta coletânea] constitui crítica a diversos significados do conceito de marginalidade social e discutem aspectos da inserção dessa camada na sociedade capitalista tal como se manifesta no Brasil" (Kowarick, e outros, 1978: 7).

Com efeito, os três primeiros trabalhos (Kowarick, Paoli e Hogan & Berlinck) discutem problemas mais gerais relacionados com o problema da marginalidade. A tese por eles defendida é que a parcela da força de trabalho excluída dos setores mais produtivos se engaja em ramos da produção e distribuição integrados na estrutura da área, ainda que seu vínculo empregatício seja precário e intermitente. Em vez de constituir um "pólo marginal", essa parcela da força produtiva está integrada na estrutura econômica, seja reproduzindo condições favoráveis à produção, seja fornecendo apoio à manutenção da força de trabalho utilizável.

Relativizado o conceito de marginalidade, uma vez que os chamados trabalhadores marginais não só não estão excluídos do sistema produtivo, mas pelo contrário, encontram-se estruturalmente articulados ao atual modelo de acumulação, cabe perguntar se realmente constituem uma massa desorganizada, homogênea, sem canais de participação, "fazendo da cultura da pobreza um estilo de vida e um meio de sobrevivência", como queriam as teorias da marginalidade. Os dois últimos trabalhos discutem mais especificamente este aspecto: Machado da Silva mostra a complexa rede de relações que se estabelece entre os frequentadores de um botequim e o significado que para eles adquire fazer parte de um dos subgrupos que se estabelecem, rejeitando assim a idéia de homogeneidade e desorganização que se costuma atribuir às populações faveladas. Berlinck e Hogan põem em questão o conceito de "cultura da pobreza" (Lewis, 1965, 1966): através de uma pesquisa entre diferentes setores da população urbana de São Paulo comparados de acordo com renda, participação em associações voluntárias, acesso a canais de comunicação de massas e rede de contactos informais, terminam afirmando que "(...) a noção de cultura da pobreza formulada por Lewis postula um isolamento muito grande da classe baixa que decorre de seu rompimento com uma estrutura pré-existente (normalmente de natureza agrária) que,

por sua vez, ocorre com o processo de migração rural-urbana. Em outras palavras, a cultura da pobreza, segundo esse autor, é caracterizada por uma pobreza cultural onde não existem tradições e onde o estoque simbólico utilizado é muito restrito. Entretanto, quer nos parecer que tal fenômeno não ocorre na sociedade brasileira, ou melhor, as coisas não se dão propriamente como imaginou Oscar Lewis". Apesar de a pesquisa ter mostrado um relativo isolamento das classes baixas, revelou também que os padrões de interação utilizados pelas diferentes classes sociais não apresentam variações qualitativas: "tanto as classes elevadas, como as de baixa renda se utilizam de relações de parentesco, amizade e conterraneidade para resolverem seus problemas, e dedicam grande parte de seu tempo livre cultivando relações informais." (Berlinck & Hogan, 1978: 151-152).

Com a crítica à teoria da marginalidade foram abandonadas noções como "enquistamento", "guetos culturais", etc. A população de baixa renda, apesar de confinada à regiões periféricas por força de um crescimento desigual e seletivo da cidade e seus equipamentos, não está à margem do sistema econômico; de uma forma ou outra participa do atual modelo de acumulação e dos serviços urbanos, ainda que de uma forma subalterna.

Mas, perguntam-se Edênio Valle e José Queiroz, organizadores da coletânea *A Cultura do Povo*:

"(...) Haveria no povo uma cultura-apesar-de-tudo? Apesar do empobrecimento generalizado que o crescimento dos últimos anos trouxe para as classes populares? Apesar do estado de dominação cultural em que se embate nossa gente? Apesar de seu desenraizamento e de sua progressiva massificação? Onde estaria essa cultura do povo, em especial no caso de metrópoles gigantescas, como São Paulo, cuja vida e dinâmica se centram em torno da produção capitalista? (...) Estaria esse homem do povo se embrutecendo, se desumanizando? Ou resiste ele, desde as margens a que foi relegado, fazendo e refazendo a seu mundo, respondendo de forma ampla e variada aos desafios que encontra? Que sentido político e que força social representa a cultura do povo? Qual sua eficácia possível, latente ou não, no conjunto da vida social e cultural?" (Valle e Queiroz, 1979: 10).

Abre-se assim um debate sobre os aspectos mais políticos da cultura popular e em torno

dessas questões realizou-se o “Simposio sobre a Cultura do Povo”, promovido pelo Instituto de Estudos Especiais da PUC/SP e Cedec, cujas comunicações e comentários foram publicados na coletânea citada.

Em seu texto “Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre Cultura Popular e Cultura Nacional”, Francisco Weffort escreve:

“( . . . ) O nordestino que chega a São Paulo, se portador de uma cultura regional de alcance nacional, chega a um mundo dotado de uma cultura urbana extremamente pobre, praticamente um mundo culturalmente vazio, onde um capitalismo predatório e selvagem destruiu a cultura regional tradicional e não foi capaz de criar nada em seu lugar ( . . . ) E para um migrante pobre, o viver só para trabalhar significa quase o mesmo que viver só para ser explorado. Para ele, esta é a lei do cão. Por quê deveria, portanto, o migrante, adaptar-se a ela? Por quê o refugiarse em sua própria cultura deveria significar necessariamente um empobrecimento? Não estaria nessa resistência uma possível fonte de vida para uma nova cultura da cidade? Para uma cultura nacional e popular?” (Weffort, 1979: 22).

É a temática da cultura popular como possível cultura nacional, por um lado, e como resistência à dominação, de outro. Este último aspecto constitui a linha básica dos demais trabalhos da coletânea nos quais se procura identificar os possíveis elementos de resistência e libertação na cultura popular: Ecléia Bosi analisa as dificuldades do cotidiano da classe operária e as formas através das quais se tenta resistir à massificação e ao nivelamento (Bosi: 1979); Celso Rui Beisiegel observa a imprecisão do termo “popular” e reflete sobre os alcances de uma educação popular, etc.

O texto de Duglas Monteiro difere um pouco da orientação da maioria dos trabalhos. Menos preocupado em saber se a cultura popular é uma forma de resistência ou de alienação, este autor, analisando o fenômeno da cura divina no seio das religiões pentecostais, procura entender as formas concretas que assumem as manifestações religiosas populares e as razões de sua demanda. Estruturadas em forma de *marketing*, essas manifestações são marcadas não tanto pelo sectarismo e proselitismo, mas por uma indiferenciação de produtos espirituais oferecidos aos clientes, sejam crentes, umbandistas ou católicos, numa espécie de ecume-

nismo popular: “( . . . ) nessa indiferenciação não há dramas de consciência, mas há ansiedade e há carências. Não com relação a sentido — à busca de uma compatibilização entre biografia e história, por exemplo. Não há problemas de teodicéia, nem de antropodicéia. Há a procura de soluções para problemas concretos, de explicações e respostas parceladas para questões parceladas. Miúdas, eventualmente contraditórias, essas respostas dizem respeito ao cotidiano de micro-estruturas, tais como os núcleos domésticos e os grupos de trabalho. Elas são, ao mesmo tempo, ancoradouros para as incertezas e fonte permanente de insegurança” (Monteiro, 1979: 10).

Marilena Cahú alerta para o risco de um certo idealismo presente na visão que considera a cultura do povo diretamente liberadora. Enfatizando o caráter alienado de muitas de suas manifestações, afirma que “uma visão romântica da cultura do povo implica em que deixemos de lado o problema da alienação e da reprodução da ideologia dominante pelos dominados. ( . . . ) Se procurei simultaneamente o apoio de exemplos onde a classe dominada reproduz o autoritarismo dos dominantes, e exemplos onde a diferença se torna legível, foi porque acredito que esta diferença transparece menos nos padrões de comportamento habituais dos dominados e muito mais no momentos em que são levados a assumir, mesmo que momentaneamente, sua situação e tais momentos são políticos. Por esse motivo considere que a multiplicidade das culturas do povo pode revelar simultaneamente os pontos em que se identificam com os dominantes e os pontos em que a contradição já não pode ser ocultada” (Chauí, 1979: 129-131).

Carmen Cinira Macedo encerra o debate não com conclusões, mas com uma série de perguntas. Ressaltando que dois foram os pontos cruciais na discussão — de um lado o significado das noções de povo e de cultura do povo, e de outro, a questão do papel dos intelectuais — pergunta-se: afinal, o que significa falar em povo? Como articular essa noção com a de classe social? E se a produção cultural é resultado de condições objetivas de inserção no sistema social, há um uso de expressões culturais para afirmar identidade e resistir, por parte dos dominados? Há uma imposição de modelos culturais de cima para baixo, ou há um princípio de resistência, involucrado num sistema de dominação que torna o existir das classes subalternas preche de ambigüidade? (Macedo, 1979)

Na coletânea que acaba de ser analisada havia um texto dedicado à religião popular, de

Douglas Teixeira Monteiro. Alguns trabalhos publicados na revista *Religião e Sociedade* (n.º 1, maio/77; n.º 4, outubro/79 e n.º 5, julho/80) mostram outras abordagens sobre este tema. Os trabalhos, que em geral se afastam da orientação que se pode perceber em Lapassade Luz (1972) – onde é nítida a busca de identificação de algumas formas de religiosidade popular como cultura de resistência – procuram vincular a dinâmica das religiões populares ou o surgimento de novas formas já seja a processos sociais mais amplos, ou então às condições concretas de existência dos setores populares.

No primeiro caso, podemos situar o texto de Renato Ortiz “A Morte Branca do Feiticeiro Negro” que, seguindo e ampliando, conforme afirma, uma via de análise inaugurada por Roger Bastide, considera a Umbanda como resultado de dois movimentos: o embranquecimento da cultura negra e o “empretecimento” da ideologia kardecista, num momento em que se consolida a implantação de uma sociedade urbana, industrial e de classes. Em seu processo de legitimação e institucionalização, os umbandistas buscam conquistar uma parcela no mercado religioso e “( . . . ) Esta mesma religião, que no passado foi perseguida pelas forças policiais, ridicularizada pela sociedade, transforma-se numa instância legítima podendo desfrutar de uma posição de igualdade com as outras religiões dentro do mercado religioso. Entretanto, este resultado só é possível porque a religião integra os valores dominantes da sociedade global; o caminho da integração redonda assim em sua legitimação social” (Ortiz, 1977: 50).

Diana Brown, por sua vez, em “O Papel Histórico da Classe Média na Umbanda”, tenta demonstrar que a principal força organizatória por trás do rápido crescimento da Umbanda foi a classe média e que áreas importantes do ritual e da ideologia umbandista foram e continuam sendo, em grau significativo, um produto da inovação e intervenção da classe média. Considera errôneo e simplista considerar que a Umbanda surgiu e continua centrada antes de tudo nas classes baixas.

Lísias Nogueira Negrão critica as posições precedentes (incluindo em sua crítica Lapassade e Luz, 1972; Rolim, 1976) porque, segundo ele, consideram as religiões populares como fenômenos descaracterizados pela ideologia dominante. Se por um lado é inegável, por exemplo, a influência das federações no processo de legitimação da Umbanda, por outro não se pode negar que “cresce a resistência do setor mágico-religioso à descaracterização institucional, e ao contrário do que parecem supor Brown e Ortiz

e de acordo com o que já percebera Bastide em suas análises sobre a religião nascente, a Umbanda permanece hoje como produto cultural da criatividade popular espontânea, resistindo e superando, em certa medida, a intervenção que tenta, também com relativo sucesso, transfigurá-la” (Negrão, 1979: 172).

Na perspectiva do binômio religião e cotidiano, ou condições concretas de existência de seus adeptos, podemos situar o texto de Leni M. Silverstein. A autora procura analisar o poder que a mulher, como mãe-de-santo, exerce na comunidade do candomblé. Este papel dá-lhe – como mulher e pobre – (e também em vários graus ao grupo em volta dela), talvez a única entrada na sociedade dominante. Através das funções que exerce como mãe-de-santo, estabelece um mecanismo de acesso aos recursos materiais e humanos apropriados por outras classes, recursos que redistribui em maior ou menor medida a seu grupo. Então, através da religião, ela e seu grupo doméstico conseguem recursos e conexões maiores em termos da rede de influência, prestígio e clientelismo, para melhor sobreviver. (Silverstein, 1979)

Peter Fry, por sua vez, entre outras coisas se pergunta pelas razões da existência do grande número de homossexuais masculinos nos terreiros de candomblé de Belém. Após mostrar o poder que lhes dá seu caráter de *outsider* – possibilidade de investir todas suas energias e recursos no terreiro, pois geralmente ou não têm família, ou mantêm laços superficiais com a rede de parentesco, e de combinar papéis masculinos e femininos na divisão sexual do trabalho – conclui, comparando com a situação no sul, que a chave do problema está na classificação dos papéis sexuais. Pelo fato de a classificação dos papéis sexuais no norte e nordeste ser mais rígida que no sul, lá o código sexual é “restrito”, enquanto que aqui é “elaborado”. “Isto quer dizer que os papéis de homem, mulher, bichas e lésbicas são claramente definidos e logicamente consistentes em Belém, enquanto nas cidades do sul os papéis sexuais têm uma definição menos rígida. ( . . . ) Onde não existe norma, não há forma; onde existe uma estrutura enfraquecida, há uma redução concomitantemente na demarcação de ‘antiestrutura’” (Fry, 1977:122).

O n.º 4 de *Religião e Sociedade* dedica uma série de artigos à memória de Douglas Teixeira Monteiro, entre os quais destaca-se o de Carlos Rodrigues Brandão – “De Errantes a Errados?” – onde o autor assinala a trajetória daquele pesquisador da área religiosa. Do estudo de formas religiosas de surtos milenaristas do

mundo rural, Duglas Teixeira Monteiro passa para a análise das formas eclesiais de cura divina no mundo brasileiro urbano atual. Esta mudança de perspectiva terá seus efeitos sobre o próprio Carlos Brandão – seu ex-orientando – que no âmbito da religiosidade popular delimita seu espaço de análise, que é o terreno das trocas políticas de um campo de práticas onde as do catolicismo são apenas um dos integrantes. A pesquisa que serve de base a seu livro *Os Deuses do Povo* foi realizada em Itapira, no interior do Estado de São Paulo, onde se fazem presentes as três áreas confessionais predominantes no país: a católica, a evangélica e a mediúnic: “Penso que durante todo o tempo falei, aqui, sobre questões cotidianas da vida e dos fatos de fé das pessoas de Itapira. Estive, portanto, falando sempre a respeito de atos políticos. Sobre como, com gestos de amor e conflito, os homens do lugar importam, inventam e criam – entre o imaginário e o concreto – as trocas que constituem, no limite, um campo religioso e, dentro dele, o domínio subalterno das suas religiões populares” (Brandão, 1980: 294).

Resta analisar um último trabalho sobre religião que exemplifica outra linha de análise no estudo da cultura popular. Trata-se do trabalho de Beatriz Góis Dantas; citando “Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito” (Velho, 1977), a autora afirma que o terreiro de Umbanda constitui uma representação simbólica da sociedade mais ampla, cuja hierarquia é aí representada de forma invertida.

Podemos situar esta vertente, em termos institucionais, como características de uma série de trabalhos de alguma forma vinculados ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Nesta perspectiva encontram-se o artigo de Roberto da Matta (1977) e seu livro posterior (1979). Para este autor, o carnaval, a parada de Sete de Setembro e as procissões devem ser pensadas como ritos e nesse sentido não são substancialmente diferentes do cotidiano. “O ritual é a colocação em foco, em *close up*, de um elemento de uma relação. Nesta perspectiva, é mais ou menos inútil classificar os ritos, quando não se entendem bem as relações básicas que os constroem. E, de fato, entender as relações básicas do mundo social é, automática e simultaneamente, entender o mundo ritual. Os rituais dizem as coisas tanto quanto as relações sociais (sagradas ou profanas, locais ou nacionais, formais ou informais). Tudo indica que o problema é que, no mundo ritual, as coisas são ditas com maior veemência, com maior coerência e com maior consciência. Os rituais seriam,

assim, instrumentos que permitiriam uma maior clareza das mensagens sociais.” (Matta, 1979: 29).

Assim, o rito seria um momento privilegiado para desvendar o funcionamento de certos mecanismos e relações da sociedade abrangente e do mundo diário, e Matta assinala três formas através das quais determinados aspectos do cotidiano são salientados: o reforço, a inversão e a neutralização.

Utilizando o conceito de drama social para descrever uma situação de conflito no interior de um terreiro umbandista, Yvonne Maggie Velho conclui que em seus rituais se expressa a visão do grupo sobre a sociedade mais ampla. “Se o terreiro representa uma sociedade e se usa esse mecanismo de inversão com elementos vigentes no cotidiano da sociedade brasileira – pretos, índios, etc. – podemos dizer que a sociedade representada nesse terreiro é a sociedade brasileira. Ou melhor, o terreiro pode ser visto como um sistema simbólico que representa determinados aspectos da sociedade brasileira. Essa seria vista como uma sociedade hierarquizada e, através desse mecanismo de inversão, as figuras marginais ou pessoas que ocupam posições mais baixas na estratificação social são transformadas em deuses especialmente atuantes” (Velho, 1977: 138).

Esse mecanismo de inversão é encontrado em José Leopoldi (1978), e para Isidoro Alves a festa é “um momento especial em que se põe em destaque a hierarquia social e os sistemas de poderes concorrentes, através de um modelo condensado de relações sociais” (Alves, 1980: 101).

Ilustrativa de outra temática no interior da questão da cultura popular é a coletânea *Comunicação e Classes Subalternas* (1980) que reúne as comunicações apresentadas no II.º Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação realizado em São Paulo, em setembro de 1979.<sup>2</sup>

A coletânea abrange uma produção variada, desde textos mais teóricos e metodológicos (Franco; Epstein) e históricos (Rubim; Alves), até relatos de experiências concretas (Fernandes e Oliveira; Monteiro), e outros.

A preocupação do encontro, nas palavras do coordenador José Marques de Melo, era a de “romper com a tendência dos pesquisadores em identificar nos *mass media* os veículos exclusivos de introjeção da ideologia das classes dominantes na sociedade e a posição de menosprezo em relação aos meios de comunicação das classes subalternas, considerados tão somente como manifestações reacionárias e portanto dignas de interesse apenas daqueles pesquisadores ‘ofi-

ciais' (folcloristas) que buscam catalogar as expressões 'pitorescas' e 'inusitadas' da nossa cultura" (Melo, 1980:11).

Os trabalhos oscilam entre a busca de formas de resistência de algumas manifestações culturais populares e a constatação do caráter alienado de outras. Há um trabalho sobre música sertaneja (Bonadio e Savioli) que, a partir de algumas indicações de um texto de José de Souza Martins (1975) procura detectar os valores, condições de vida e aspirações das classes subalternas uma vez que, como afirmam os autores, a música sertaneja é um terreno particularmente favorável à permeação do universo do *mass-media* pelos valores e aspirações da cultura popular.

A análise que José de Souza Martins desenvolve naquele trabalho, no entanto, aponta em outra direção. Inicialmente, o autor distingue entre música sertaneja e música caipira; esta, normalmente ligada ao trabalho e à devoção, insere-se na rotina ritualizada do caipira onde inexistia a separação entre sagrado e profano. Enquanto que a música caipira se caracteriza por seu valor de utilidade, meio necessário para efetivação de certas relações sociais essenciais ao ciclo do cotidiano do caipira, a música sertaneja circula sob a forma de valor de troca, inserida no mercado de consumo e sujeita às injunções do rádio e indústria do disco. A partir de um acervo de quatrocentas músicas, Martins vai mostrar que a constituição do estereótipo do caipira no corpo ideológico do sertanismo (que privilegia a forma tradicional do mundo rural centrado na grande lavoura) está vinculada às necessidades ideológicas de afirmação de grupos sociais urbanos num novo tipo de cidade produzido "à custa" da crise da economia colonial. "O caipira é a figura social e tradicionalmente depreciada que é utilizada para polarizar a crítica ao mundo urbano. O caráter 'degenerado' da cidade surge claramente quando o 'mais degenerado' dos tipos humanos, o mais depreciado, pode ver crítica e desfavoravelmente a cidade, apontando (ele que é 'ridículo') o caráter ridículo dos resultados da urbanização" (Martins, 1975: 133-134).

Mas, se por um lado quem na realidade faz a crítica conservadora à cidade não é o caipira, e sim as classes que vivenciaram a crise da economia colonial, esta origem estranha não constitui um elemento de alienação absoluta, pois a música sertaneja funda-se também na experiência de vida das classes subalternas, estando nela presente essa tensão entre o querer do dominante e o querer do dominado. Martins conclui afirmando que a chave para a decifração da música

sertaneja é a linguagem dissimulada, na qual se fala não só a coisa, mas também a outra coisa, ainda que uma possa negar a outra. A dissimulação é o que subsiste do conservadorismo das classes dominantes alcançadas pela crise da economia colonial; constitui na música a repressão equivalente a outras formas de repressão presentes em outros níveis da realidade social.

Ainda sobre a música sertaneja pode-se citar o livro *Acorde na Aurora* de Caldas, que retém a distinção entre música caipira e música sertaneja e, embora reconhecendo as raízes caipiras desta última, considera-se como uma "modalidade musical dirigida às camadas inferiores da população e cujo resultado não é senão o recrudescimento da própria alienação inerente a esses estratos sociais, o que é facilmente verificável no discurso das canções" (Caldas, 1977: 25).

Na coletânea que estamos analisando há ainda dois trabalhos sobre literatura de cordel: um, de Roberto Emerson Câmara Benjamin (1980) que estuda seu sistema de produção e comercialização no nordeste e outro, de Joseph Luyten (1980) sobre a produção de folhetos na cidade de São Paulo.

Sobre cordel, a literatura é abundante. O volume VIII (1977) da *Revista de Ciências Sociais* da Universidade Federal do Ceará é dedicado totalmente ao tema e reúne colaborações de vários especialistas. Eduardo Diatay Bezerra de Menezes, organizador da coletânea, faz um apanhado geral da literatura sobre o tema, desde os primeiros trabalhos até às tendências atuais, detendo-se em questões metodológicas ("Para uma Leitura Sociológica da Literatura de Cordel"); Luiz Tavares Junior, em "O Mito da Maldade Castigada" faz uma análise da narrativa de alguns folhetos segundo a metodologia de A. J. Greimas, concluindo que "a literatura de cordel, como expressão da alma popular nordestina, está interessada, como em toda sociedade, na problemática fundamental da Vida e da Morte, como proclama sua narrativa mítica" (p. 105). Rejane Vasconcelos Accioly Carvalho em "A Ideologia dos Romeiros Nordestinos na Literatura de Cordel" procura analisar a ideologia subjacente a 18 folhetos sobre o Pe. Cícero e Frei Damião, discutindo o caráter de alienação que, segundo a autora, geralmente se atribui aos movimentos sociais de tipo milenarista: "O fato de inexistir uma proposta de intervenção concreta na situação vivida e de que a negação do real em verdade alimenta a própria dominação, não basta para caracterizar para nós a irracionalidade" (p. 139). Para a autora, é preciso vincular a ideologia messiânica às condições

concretas de existência dos pobres do campo no Nordeste; aí, então, ela ganha logicidade.

Antonio Fausto Neto em "O Discurso Punido" mostra a influência da ideologia dominante sobre o discurso popular que, no caso dos folhetos, vai desde sua rede de produção e comercialização que é "capitalista" e não "rústica" até à utilização de certos códigos "operando a nível da própria forma expressiva da linguagem dominada e, ao mesmo tempo, o delineamento de um modelo de controle e de neutralização desta linguagem, viabilizada pela ideologia do ocultamento". (p. 156).

Além de outros trabalhos, e de dois levantamentos bibliográficos sobre literatura de cordel e cultura popular, a coletânea contém ainda os textos de Antonio Augusto Arantes Neto "Cultura Popular: Conservadora?" e de Mauro Barbosa de Almeida "Linguagem Regional e Fala Popular". Ambos autores, que vão aparecer também em "Arte em Revista", n.º 3 - "A Questão Popular", discutem questões que de certa forma estão presentes em todos os trabalhos sobre literatura de cordel: é conservadora ou libertadora? Deve-se optar por uma análise interna, estrutural, ou proceder a um estudo mais contextual?

Arantes Neto, no primeiro texto, coloca a questão do conservadorismo na perspectiva crítica que Leach faz ao funcionalismo: os mitos e ritos são uma linguagem de discussão e não um coro de harmonia. Se a literatura oral, as festas, ritos, etc. devem ser analisados em si mesmos (em sua estrutura), é só "no contexto da vida social, entretanto, no âmbito da história de homens reais que essas matrizes abstratas preenchem esses modelos, essas maneiras corretas de dizer e de fazer, e ganham sua significação" (Arantes Neto, 1977:169).

No texto publicado em *Arte em Revista* o autor retoma e amplia seu argumento, mostrando, através da análise de um fragmento de *corpus*, que é preciso não esquecer que a compreensão interna da linguagem (através de instrumentos elaborados pela teoria literária e pela antropologia estruturalista) "tendem a privilegiar os nexos estruturais internos do objeto e obscurecer as relações que lhe dão sentido e que se encontram, sobretudo, na sua inserção num contexto mais amplo" (Arantes Neto, 1980: 49).

Mauro de Almeida (1977) mostra em seu artigo de que forma as elites, numa determinada conjuntura política, se apropriam da fala popular, transformando-a em linguagem regional; na busca de legitimidade para suas reivindicações, as elites, nas relações com o poder central,

fazem passar essas reivindicações como sendo de toda a região. É uma espécie de "tradução", *à la bricoleur* que se faz tanto da linguagem erudita para a popular, como desta para aquela, e é um ato político: pense-se na transformação do termo "matuto" para "camponês" na conjuntura de fim dos anos cinquenta e começo da década de sessenta. Assim, é simplismo pensar que a denominação se exerce pelo esmagamento da "cultura dominada" pela cultura dominante, pois "a política está dentro da linguagem, quer esta se mostre como diálogo de falas opostas, quer como monólogo do poder". E se as ciências sociais quiserem fugir às distorções de poder inerentes às tarefas de "tradução", deverão fazê-lo não em termos de cooptação, mas de aliança.

No outro artigo (1980), Mario W. Barbosa Almeida passa em revista alguns trabalhos sobre a literatura de cordel, como o artigo pioneiro de Orígenes Lessa (1955),<sup>3</sup> o de Marcius Frederico Cortez (1966) e o de Renato Carneiro Campos (1977). A pergunta é justamente sobre a ideologia da literatura de cordel, e por extensão, do campesinato. Cada autor busca detectar a orientação ideológica dos folhetos; se Cortez e Renato Campos concluem pela inexistência de uma verdadeira ideologia política na literatura de cordel - o popular é ingênuo, conservador -, Francisco Julião ("Cambão, la cara oculta de Brasil", México, Siglo XXI) a vê do ponto de vista da mobilização. O autor termina afirmando que "cultura não é coisa, mas processo de reprodução cultural, permeado de conflitos e afetado pela conjuntura de forças sociais (...). Numa situação de conflito, em particular, os pedaços da visão do mundo 'em mosaico' seriam destacados, reintegrados e utilizados em função das práticas opostas colocadas na ordem do dia. Conjuntura política de mobilização pois, equivale a luta ideológica, ocupando espaços na arena de uma 'linguagem popular' assim como em outras arenas" (Almeida, 1980: 38).

Passar da noção de cultura como produto, para a de processo através do qual é produzida, é a perspectiva que se encontra no artigo de Eunice Durham (1980). Analisar os fenômenos culturais na sociedade moderna não é o mesmo que fazê-lo nas sociedades estudadas pela antropologia clássica, onde se forjou o termo cultura, adverte a autora. No entanto, é possível recuperar essa tradição, onde a "noção de cultura parte do estabelecimento de uma unidade fundamental entre ação e representação, unidade esta que está dada em todo comportamento social (...) padrões e instituições não são simplesmente valores mas ordenações implícitas na



ação e que só secundariamente podem vir a ser formuladas explicitamente como regras ou normas". A cultura constitui assim um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações, através de uma manipulação simbólica, e nesse sentido, "toda análise de fenômenos culturais é necessariamente análise da dinâmica cultural, isto é, do processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática". Se a sociedade moderna está marcada pela heterogeneidade cultural (em função da diferenciação de condições de existência que se prende à estrutura de classes), o fenômeno da cultura de massa tende à homogeneização, o que faz com que o problema da dinâmica cultural se projete na esfera das ideologias e que se tenha de levar em consideração seu significado político, pois o produto cultural não é consumido passivamente, mas reelaborado. Assim, a utilização diferencial do material simbólico implica não só em "expressar peculiaridades das condições de existência mas de formular interesses divergentes" (p. 14).

Em *Cultura e Ideologia*, Eunice Durham retoma o tema e além de rastrear o conceito de cultura na tradição antropológica, fá-lo igualmente com o de ideologia na Ciência Política e Sociologia, detendo-se na contribuição althusseriana. A autora mostra como o conceito de ideologia foi se alargando, até cobrir praticamente todo o espectro tradicionalmente abarcado pelo de cultura, perdendo assim sua especificidade. Por outro lado, a politização excessiva do universo simbólico levou a explicar tudo pela dominação: "(...) desde a concepção de Estado até a relação entre mãe e filho, desde o discurso do governante até o jogo de futebol, a gafeira e o circo, desde a definição de cidadão até o homossexualismo". Em vista disso, Durham propõe uma restrição do conceito de ideologia, relacionando-o com a reprodução ou transformação das estruturas de dominação. Assim, os sistemas ideológicos se caracterizariam menos pelo conteúdo especificamente político de seus símbolos do que pela organização, num novo sistema "de fragmentos de significados, retirados dos sistemas culturais os mais diversos, organização esta que, formulando uma visão específica da natureza e das relações de poder, simultaneamente organiza as práticas sociais na direção da submissão ou contestação" (Durham, 1979: 12).

E por falar em circo, cabe mencionar outra comunicação apresentada no mesmo encontro por José Guilherme Cantor Magnani (1980)

onde se analisa esta forma de entretenimento muito difundida, tanto nas pequenas cidades do interior como nos bairros populares dos grandes centros urbanos. Alguns deles são circos grandes, que conservam a antiga arte circense, com números eqüestres, malabarismo, animais amestrados, etc. A maioria, porém, é constituída por "mambembes" com seus dramas sobre os perigos da grande cidade, a migração rural-urbana, conflitos familiares, religiosos e cuja fonte de inspiração são casos recolhidos nas *tournées*, lendas e crenças populares, temas de música sertaneja, melodramas clássicos portugueses e espanhóis; comédias, cujos ingredientes são fatos do cotidiano, telenovelas, personagens conhecidos do público como artistas de televisão, etc.; duplas sertanejas, cantores de música "jovens" que já transitaram em determinados programas de rádio e televisão, shows com animadores de programas radiofônicos populares, jogos e brincadeiras. A questão que em geral é colocada sobre o caráter conservador ou progressista da cultura popular não faz muito sentido neste caso, pois enquanto os dramas — articulados em torno de família, poder, religião — tendem a reforçar valores tradicionais ligados a estas instituições, as peças cômicas transformam esses mesmos valores e instituições em caricaturas, mostrando, por assim dizer, o seu avesso. No mesmo espaço do circo encontramos, assim, discursos que afirmam e negam, valorizam e desqualificam: esta ambigüidade parece ser sua marca característica.

Alguns estudos de Sociologia da Comunicação consideram que a presença dos *mass-media* nessa e em outras formas de cultura popular é um fator de desagregação e se perguntam se a análise das peças não revela um conteúdo influenciado pela ideologia dominante. No entanto, "não se pode pensar no conteúdo de uma peça ou texto qualquer sem levar em consideração o processo de produção do discurso no interior do qual se realiza a significação. Em outras palavras, é preciso deslocar a análise do produto final, chame-se conteúdo, mensagem, etc., para seu processo de produção discursiva e de suas condições sociais de produção e circulação" (Magnani, 1980: 178). No caso do circo, esta análise leva a pensar "que em seu interior existe um processo de criação de sentido não tanto contra os produtos da indústria cultural, mas principalmente pela incorporação e reestruturação de tais produtos e de outros elementos significantes, seja qual for sua origem ou circulação dominante" (idem, p. 17).

Um texto teórico que importa mencionar é o de Gilberto Velho e Eduardo Viveiros de Cas-

tro. Os autores inicialmente analisam a trajetória do termo cultura na tradição antropológica, desde Tylor até Turner, Leach, passando por Mauss, Lévi-Strauss e outros, e se detêm em particular no problema da abordagem antropológica nas sociedades complexas. Com respeito às distinções entre "cultura popular", "cultura de elite" e "cultura de massa", chamam a atenção para o perigo de classificações que não ultrapassam o nível do estereótipo; por outro lado, a oposição elite vs. povo em termos de cultura é muito vaga e pouco precisa. Após assinalar as dificuldades que cercam a aplicação do método antropológico às sociedades complexas, concluem que "a possibilidade do antropólogo procurar decodificar a própria cultura em que está inserido, por mais que envolva riscos e dificuldades, parece ser uma etapa inevitável do desenvolvimento da pesquisa antropológica, em que o esforço de relativização chega a um ponto crucial" (Velho e Castro, 1978: 9).

Para finalizar esta resenha, cumpre fazer referências a dois textos da coletânea *Arte em Revista* que introduzem outro conjunto de problemas na reflexão sobre cultura popular. São os trabalhos de Renato da Silveira e Mário Pedrosa, que discutem a presença do Estado na área cultural, levantando a questão da oposição arte popular vs. arte nacional.

Silveira analisa a Política Nacional da Cultura elaborada sob a égide do então Ministro da Educação, Ney Braga. Para o autor, o "sistema cultural nacional se articula com um conjunto de subsistemas regionais, ocupacionais e de classe. Cultura Nacional são os valores da classe dirigente. Cultura popular é o conjunto de gestos, valores, imagens das classes instrumentais e subordinadas, isto é, aceitando a subordinação." (Silveira, 1980: 9). Assim, a proposta governamental de preservar a arte popular, atitude supostamente progressista, na verdade seria conservadora, pois leva a uma "burocratização" da cultura, provocando restrições ao que é inaceitável política e moralmente e levando à comercialização. Por outro lado, é preciso encarar criticamente as artes populares, pois se são uma referência indispensável para nós, afirma o autor, formaram-se como ideologia dominada e estão impregnadas de elementos conservadores.

Pedrosa (1980), após alertar para o perigo da utilização da arte popular pela indústria do turismo, ou mesmo por ideologias fascistas, analisa o florescimento do artesanato durante o governo da Unidade Popular no Chile quando os artesãos se organizaram, tendo surgido um mercado interno, e ocorrido uma "desalienação do gosto" pela difusão do artesanato nos seto-

res populares. Para o autor, a arte popular não pode florescer nas grandes economias monopolistas nem nas economias primitivas e subdesenvolvidas, onde apenas vegetam; só nas sociedades em vias de transformação revolucionária, desde que haja "liberdade criativa e alegria popular".

Finalmente, convém citar o texto de Maria Isaura Pereira de Queiroz. A autora assinala que no Seminário de Cultura Brasileira (Ouro Preto, junho de 1980) houve uma recusa dos participantes em admitir a existência de uma entidade permanente, a "cultura brasileira", que mantivesse um núcleo imutável garantidor de sua continuidade. Se por um lado o que apareceu foi o caráter heterogêneo da cultura brasileira, a autora nota que os debates se afastaram da tradicional maneira de encarar essa cultura como resultado de integração, sincretismo ou síntese a partir de etnias — Índia, negra, branca. A heterogeneidade foi pensada como decorrente da estratificação sócio-econômica interna da sociedade brasileira, que acentuava dissemelhanças entre uma cultura de camadas superiores e uma cultura de camadas inferiores. "O 'ser brasileiro' seria formado de disparidades e de diferenças porque teriam sempre existido no Brasil desigualdade e conflitos, que podiam assumir aparências étnicas, porém que na verdade se enraizavam nas estruturas de poder que foram se instalando no país através do tempo" (Queiroz, 1980:4).

### 3. Observações finais

Nos limites impostos por esta resenha seria impraticável um levantamento completo das publicações existentes na área da cultura popular, e esta é a razão pela qual muitas contribuições não foram nela incluídas. Conforme foi assinalado na introdução, mais do que apresentar um panorama exaustivo dos trabalhos sobre o tema, o que se pretendia era detectar algumas tendências básicas que de certo modo estão presentes no atual debate sobre cultura popular.

A diferença do problema que constituirá a preocupação de um enfoque mais tradicional — a autenticidade ou não das manifestações culturais populares — a questão que se coloca hoje é a existência de crenças, costumes, festas e formas de entretenimento tal qual são produzidos e consumidos, pois a cultura, mais do que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado. Produtores e consumidores da cultura popular não vivem em comunidades fechadas sobre si mesmas, mas ao contrário — especial-

mente nos grandes centros urbanos —, são em sua maioria trabalhadores de origem rural recente ou remota, inseridos de diferentes formas na estrutura econômica capitalista, sujeitos à ação dos *media*, membros, enfim, de uma sociedade complexa, nela ocupando, não sem conflitos, os últimos escalões econômicos e sociais. As manifestações de seu universo simbólico, portanto, não podem ser pensadas independentemente das condições de vida de seus portadores, no interior de uma sociedade atravessada pelas relações de poder.

Esta é a perspectiva que, de uma forma ou de outra, está presente nos atuais estudos sobre cultura popular: considerada como uma forma de resistência à ideologia dominante, ou ao contrário, como fruto dessa mesma dominação; entendida como o resultado de uma tensão entre o querer do dominante e o querer do dominado e, portanto, ambígua e dissimulada; finalmente, como o espaço no qual se reproduzem simbolicamente as relações de poder vigentes na sociedade, ou onde se invertem, temporária e ritualmente, essas mesmas relações

— a cultura popular é encarada sempre do ponto de vista de suas relações com o poder.

Se esta linha de análise tem se revelado fecunda para a compreensão dos valores, modos de vida, e até para o entendimento de alguns aspectos dos próprios movimentos sociais populares e suas motivações políticas, é preciso não esquecer que por detrás da tentativa de articulação entre cultura e poder subsistem algumas questões que estão a exigir um maior grau de elaboração. Em muitos trabalhos o termo cultura abrange, por exemplo, o de ideologia; em outros ocorre justamente o contrário e não poucas vezes são utilizados indistintamente como sinônimos.

Esta definição — devida em grande parte ao fato de não se levarem em conta os contextos teórico-metodológicos da formação e aplicação dessas categorias — está na origem de uma utilização pouco precisa tanto do conceito de cultura como de ideologia que, se por um lado apresentam inúmeros pontos de contato, certamente não recobrem as mesmas realidades, nem as recortam da mesma forma.

#### Notas

1. Cf. Renato Ortiz, "Cultura Popular: Organização e Ideologia", *Cadernos de Opinião*, n.º 12, 1979; Carlos Estevam Martins, "História do CPC", *Arte em Revista*, n.º 3, 1980.
2. Neste encontro, que contou com a participação de cerca de 50 pesquisadores e professores de diferentes instituições de todo o país, os debates foram organizados em torno das seguintes mesas-redondas: "Capitalismo, Dominação e Classes Subalternas" (Maria Sylvania de Carvalho Franco); "Comunicação, Cultura e Classes Subalternas" (José Marques de Melo); "Modos de Comunicação dos Trabalhadores Rurais" (Gaudêncio Torquato); "Modos de Comunicação dos Trabalhadores Rurais" (Anamaria Fadul); "Modos de Comunicação dos Grupos Religiosos" (Isaac Epstein); "Modos de Comunicação de Comunidades Marginalizadas" (Carlos Eduardo Lins da Silva); "Comunicação e Conscientização das Classes Subalternas" (Onésimo de Oliveira Cardoso).
3. Aparecido em 1955 na revista *Anhembi* e republicado, sem indicação de fonte, no livro *Getúlio Vargas na Literatura de Cordel*, Rio de Janeiro, 1973.

#### Bibliografia

- Almeida, Mauro W. Barbosa  
1977 "Linguagem Regional e Fala Popular". *Revista de Ciências Sociais*, vol. VIII, n.º 1 e 2. Fortaleza, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará.  
1980 "Leituras do Cordel". *Arte em Revista*, n.º 3. São Paulo, Kairós.
- Alves, Isidoro  
1980 *O Carnaval Devoto: Um Estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém*. Petrópolis, Vozes.
- Arantes Neto, Antonio A.  
1977 "Cultura Popular: Conservadora?". *Revista de Ciências Sociais*, vol. VIII, n.º 1 e 2.  
1980 "Pelo Estudo dos Folhetos no Contexto de Sua Produção". *Arte em Revista*, n.º 3.

- Araújo, Ari e Herd, Erika F.  
1978 *Expressões da Cultura Popular: As Escolas de Samba do Rio de Janeiro e o Amigo da Madrugada*. Petrópolis, Vozes/Seec.
- Barriguelli, J. C.  
1974 "O Teatro Popular Rural: O Circo-Teatro". *Debate & Crítica*, n.º 3.
- Beisiegel, Celso Rui  
1979 "Cultura do Povo e Educação Popular". In Valle, E. e Queiroz, J. (orgs.), *A Cultura do Povo*, São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC.
- Beltrão, Luiz  
1980 *Folkcomunicação, a Comunicação dos Marginalizados*. São Paulo, Cortez e Moraes.
- Benjamin, Roberto E. C.  
1980 "Literatura de Cordel: Produção e Edição no Nordeste Brasileiro". In *Comunicação e Classes Subalternas*. São Paulo, Cortez e Moraes.
- Berlinck, M. e Hogan, D.  
1978 "Adaptação da População e Cultura da Pobreza na Cidade de São Paulo: Marginalidade Social ou Relações de Classes?". In L. Kowarick, e outros, *Cidade, Usos e Abusos*. São Paulo, Brasiliense.
- Bonadio, Geraldo e Savioli, I. L.  
1980 "Música Sertaneja e Classes Subalternas". In *Comunicação e Classes Subalternas*. São Paulo, Cortez e Moraes.
- Bosi, Ecléia  
1977 *Cultura de Massas e Cultura Popular: Leituras de Operárias*. Petrópolis, Vozes.  
1979 "Problemas Ligados à Cultura das Classes Pobres". In Valle, E. e Queiroz, J. (orgs.), *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC.
- Brandão, Carlos R.  
1979 *Deus te Salve, Casa Santa*. Rio de Janeiro, Funarte.  
1980 *Os Deuses do Povo – Um Estudo sobre Religião Popular*. São Paulo, Brasiliense.
- Brown, Diana  
1977 "O Papel Histórico da Classe Média na Umbanda". *Religião e Sociedade*, n.º 1.
- Caldas, Waldenyr  
1977 *Acorde na Aurora: Música Sertaneja e Indústria Cultural*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- Campos, Renato C.  
1977 *Ideologia dos Poetas Populares no Nordeste*. Recife, IJNPS/Funarte.
- Cardoso, Fernando H. et alii  
1975 "Cultura e Participação na Cidade de São Paulo". *Cadernos Cebrap*, n.º 4.
- Cardoso, Ruth Corrêa L.  
1978 "Sociedade e Poder: Representação dos Favelados de São Paulo". *Ensaio de Opinião*, n.º 6.
- Carvalho, Murilo et alii  
1977 *Artistas e Festas Brasileiras*. São Paulo, Brasiliense.

- Carvalho, Rejane V. A.  
1977 "A Ideologia dos Romeiros Nordestinos na Literatura de Cordel". *Revista de Ciências Sociais*, vol. VIII, n.º 1 e 2.
- Chauf, Marilena  
1979 "Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites". In Valle, E. e Queiroz, J. (orgs.), *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC.
- Cohn, Gabriel (org.)  
1971 *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- Cortez, Marcius F.  
1966 "Relações de Classe na Literatura de Cordel". *Revista Civilização Brasileira*, n.º 5 e 6.
- Dantas, Beatriz G.  
1979 "A Organização Econômica de um Terreiro de Xangô". *Religião e Sociedade*, n.º 4.
- Della Paschoa Junior, Pedro  
1979 "Circo-Teatro Popular". In *O Circo*. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.
- Dumazedier, Jofre  
1973 *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo, Perspectiva.
- Durham, Eunice  
1973 *A Caminho da Cidade*. São Paulo, Perspectiva.  
1979 *Cultura e Ideologia*. Comunicação apresentada no III Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Belo Horizonte.  
1980 "A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna". *Arte em Revista*, n.º 3.
- Fausto Neto, Antonio  
1979 *O Cordel e a Literatura da Punição*. Petrópolis, Vozes.
- Fry, Peter  
1975 "Duas Respostas à Aflição: Umbanda e Pentecostalismo". *Debate & Crítica*, n.º 6.  
1977 "Mediunidade e Sexualidade". *Religião e Sociedade*, n.º 1.
- Goldwasser, Maria J.  
1975 *O Palácio do Samba*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Gullar, Ferreira  
1980 "Cultura Posta em Questão". *Arte em Revista*, n.º 3.
- Hollanda, Heloísa B. e Gonçalves, Marcos A.  
1980 "Literatura". Coleção *Anos 70*. Rio de Janeiro, Ed. Europa.
- Hogan, D. e Berlinck, M.  
1978 "O Empobrecimento de São Paulo: Análise de Declínio da Oportunidade de Trabalho". In Kowarick, L. e outros, *Cidade, Usos e Abusos*. São Paulo, Brasiliense.
- Kowarick, Lúcio  
1978 "Usos e Abusos: Reflexões sobre a Metamorfose do Trabalho". In Kowarick, L. e outros, *Cidade, Usos e Abusos*. São Paulo, Brasiliense.
- Kuhner, Maria Helena  
1975 *Teatro Popular: Uma Experiência*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

- Lappassade, G. e Luz, Marco A.  
1972 *O Segredo da Macumba*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Leopoldi, José Sávio  
1978 *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Petrópolis, Vozes.
- Luyten, Joseph  
1980 "A Literatura de Cordel como Veículo de Comunicação das Populações Marginais da Cidade de São Paulo". In *Comunicação e Classes Subalternas*. São Paulo, Cortez e Moraes.
- Macedo, Carmem Cinira  
1979 *A Reprodução da Desigualdade*. São Paulo, Hucitec.  
1979 "Considerações Finais". In Valle, E. e Queiroz, J. (orgs.), *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC.
- Magnani, José Guilherme C.  
1980 "Ideologia, Lazer e Cultura Popular: Um Estudo do Circo-Teatro nos Bairros da Periferia de São Paulo". *Dados*, vol. 23, n.º 2.
- Machado da Silva, Luiz A.  
1978 "O Significado do Botequim". In Kowarick, L. e outros, *Cidade, Usos e Abusos*. São Paulo, Brasiliense.
- Martins, Carlos E.  
1980 "História do CPC". *Arte em Revista*, n.º 3.
- Martins, José de Souza  
1975 "Música Sertaneja: A Dissimulação na Linguagem dos Humilhados". In *Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo, Pioneira de Ciências Sociais.
- Matta, Roberto da  
1977 "Carnavais, Paradas e Procissões: Reflexões sobre o Mundo dos Ritos". *Religião e Sociedade*, n.º 1.  
1979 *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Maurício, Ivan *et alii*  
1978 *Arte Popular e Dominação*. Recife, Ed. Alternativa.
- Melo, José Marques (org.)  
1980 *Comunicação e Classes Subalternas*. São Paulo, Cortez e Moraes.
- Menezes, Eudardo Diatay B. de  
1977 "Para uma Leitura Sociológica da Literatura de Cordel". *Revista de Ciências Sociais*, vol. VIII, n.º 1 e 2.
- Micelli, Sérgio  
1972 *A Noite da Madrinha*. São Paulo, Perspectiva.
- Milanesi, Luiz A.  
1978 *O Paraíso Via Embratel*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Monteiro, Duglas T.  
1977 "A Cura por Correspondência". *Religião e Sociedade*, n.º 1.  
1979 "Igrejas, Seitas e Agências: Aspectos de um Ecumenismo Popular". In Valle, E. e Queiroz, J. (orgs.), *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC.

- Nascimento, Abdias  
1980 *O Quilombismo*. Petrópolis, Vozes.
- Negrão, Lísias N.  
1979 "A Umbanda como Expressão de Religiosidade Popular". *Religião e Sociedade*, n.º 4.
- Neves, L. Felipe Baeta  
1979 *O Paradoxo do Coringa e o Jogo do Poder e Saber*. Rio de Janeiro, Achiamé.
- Ortiz, Renato  
1978 *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*. Petrópolis, Vozes.  
1979 "Cultura Popular: Organização e Ideologia". *Cadernos de Opinião*, n.º 12.  
1980 *A Consciência Fragmentada: Ensaios de Cultura Popular e Religião*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Oliven, Ruben G.  
1980 "A Cultura Brasileira e a Identidade Nacional na Década de Oitenta". Comunicação apresentada no seminário *Cultura Brasileira*, Ouro Preto.
- Paoli, Maria Célia  
1978 "A Marginalidade no Capitalismo Dependente: Um Problema Deslocado". In Kowarick, L. e outros, *Cidade, Usos e Abusos*. São Paulo, Brasiliense.
- Pedrosa, Mário  
1980 "Arte Culta e Arte Popular". *Arte em Revista*, n.º 3.
- Proença, Ivan C.  
1976 *A Ideologia do Cordel*. Rio de Janeiro, Imago.
- Queiroz, Maria Isaura P. de  
1980 "Ainda uma Definição do Ser Brasileiro?". Comunicação apresentada no IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro.
- Requixa, Renato  
1977 *O Lazer no Brasil*. São Paulo, Brasiliense.
- Rolim, Francisco C.  
1973 "Religiosidade Popular". In *Missão da Igreja no Brasil*. São Paulo, Loyola.
- Santos, Juana E. dos  
1977 *Os Nagô e a Morte*. Rio de Janeiro, Vozes.
- Seysse, Waldemar  
1977 *Arrelia e o Circo*. São Paulo, Melhoramentos.
- Silveira, Renato  
1980 "Uma Arte Genuína Nacional e Popular?". *Arte em Revista*, n.º 3.
- Silverstein, Leni M.  
1979 "Mãe de Todo Mundo – Modos de Sobrevivência em Comunidades de Candomblé da Bahia". *Religião e Sociedade*, n.º 4.
- Tinhorão, José Ramos  
1976 *Os Sons que Vêm da Rua*. Rio de Janeiro, Ed. Tinhorão.  
1978 *Pequena História da Música Popular*. Petrópolis, Vozes.

- Valle, Edênio e Queiroz, José (orgs.)  
1979 *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC.
- Vasconcelos, Gilberto  
1977 *Música Popular: De Olho na Fresta*. Rio de Janeiro, Graal.
- Velho, Gilberto e Viveiros de Castro, E. B.  
1978 "O Conceito de Cultura nas Sociedades Complexas: Uma Perspectiva Antropológica".  
*Artefato*, n.º 1.
- Velho, Gilberto (org.)  
1980 *O Desafio da Cidade*. Rio de Janeiro, Campus.
- Velho, Yvonne Maggie  
1977 *Guerra de Orixá*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Von Simson, Olga de Moraes  
1980 "Transformações Culturais, Criatividade Popular e Comunicações de Massa: O Carnaval Brasileiro ao Longo do Tempo". Comunicação apresentada no IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro.
- Weffort, Francisco C.  
1979 "Nordestinos em São Paulo. Notas para um Estudo sobre Cultura Nacional e Cultura Popular". In Valle, E. e Queiroz, J. (orgs.), *A Cultura do Povo*. São Paulo, Cortez e Moraes/EDUC.
- Zaluar, Alba  
1973 "Sobre a Lógica do Catolicismo Popular". *Dados*, n.º 11.
- Revista Vozes*  
1974 "Religiosidade Popular no Brasil", n.º 7.  
1977 "Sincretismo Religioso", n.º 7.  
1979 "Folclore: Culturas em Questão", n.º 10.





## História política e fontes documentais: o acervo do CPDOC (1930-45)\*

*Célia Camargo de Simone*

O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Cpdoc foi criado em junho de 1973, quando passou a integrar o Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas. Surgiu com a finalidade de reunir um acervo de documentos históricos e de colocá-lo ao acesso dos estudiosos e pesquisadores da história contemporânea do Brasil, através de sua preservação, organização e criação de instrumentos de pesquisa que atendessem às necessidades básicas da investigação em ciências sociais. De outro lado, teve a intenção de desenvolver suas próprias investigações e, dessa forma, articular as atividades técnicas da documentação às finalidades da pesquisa.

O Setor de Documentação foi o núcleo inicial do Cpdoc, formado a partir da doação dos arquivos de Getúlio Vargas e Osvaldo Aranha, respectivamente em julho e outubro de 1973. Esse acervo inicial perfazia um total de aproximadamente 110 mil documentos e absorveu por dois anos os técnicos responsáveis por sua organização.

Os trabalhos desenvolvidos representaram a busca indispensável de diretrizes para o tratamento adequado de arquivos pessoais, familia-

res e institucionais, específicos dentro da área mais ampla dos arquivos particulares contemporâneos.

Este trabalho tem por finalidade divulgar as fontes existentes no Cpdoc, referentes à década de 1930, com a intenção de facilitar o acesso à documentação original e, ao mesmo tempo, dar ao pesquisador a noção dos instrumentos de pesquisa produzidos pelo Setor de Documentação do Centro. Visa também arrolar, ainda que parcialmente, o conteúdo dos arquivos privados contemporâneos sob nossa guarda, encaradas como fonte especial de informações, cuja natureza e composição interna merecem reflexão, principalmente quanto às suas diversas formas de manipulação e desdobramento.

Está claro que não seria possível fornecer, aqui, informações exaustivas sobre todos os temas cobertos pelo acervo do Cpdoc.<sup>1</sup> A referência ao arquivo ou coleção onde se encontra a informação mencionada nem sempre estará completa. Optamos por oferecer ao leitor a referência do titular do arquivo onde o tema tratado apresenta-se com maior volume de informações e com o máximo de organicidade dos suportes documentais.

(\*) Colaboraram na execução deste trabalho: Adelina Maria Novaes e Cruz; Ana Lígia Silva Medeiros, Anita Murakami, Lucia Lobo.

Não será raro que o pesquisador, numa consulta aos nossos inventários analíticos, encontre os mesmos assuntos em arquivos e coleções não referenciados aqui. Certamente ocorrerá o contato com a informação parcializada, mas aprofundada, num nível de detalhe impossível de ser registrado numa descrição breve de todo o acervo tratado e organizado pelo setor.

#### *Informações Gerais sobre a Organização do Acervo*

O acervo documental do Cpdoc está estimado, hoje, em 700 mil documentos aproximadamente. Os arquivos e coleções que o compõem estão relacionados à história das elites políticas brasileiras, pois os titulares dos arquivos, quase sempre, ocuparam altos cargos governamentais ou apresentaram significativa atuação político-administrativa.

O acervo reunido pelo Centro e tratado pelo seu Setor de Documentação caracteriza-se pelo período histórico abordado (a partir de 1930), por sua natureza privada e pelas diretrizes temáticas definidas pelo próprio período coberto pela documentação.

Para uma visão geral das linhas de pesquisa cobertas pelo acervo, segue-se a relação dos arquivos e coleções recebidos pelo Centro.

*Arquivos:* Agamenon Magalhães, Alexandre Marcondes Filho, Anísio Teixeira, Antonio Carlos da Silva Muricy, Antunes Maciel, Arena, Augusto do Amaral Peixoto, Bertoldo Klinger, Carlos Castilho Cabral, Castelo Branco, Clemente Mariani Bittencourt, Cordeiro de Farias, Cristiano Machado, Ernani do Amaral Peixoto, Etelvino Lins, Eugenio Gudín, Fernando Setembrino de Carvalho, Filinto Müller, Gabriel Passos, Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, Hermes Lima, Ildefonso Simões Lopes, Juraci Magalhães, Lindolfo Collor, Lourenço Filho, Luis Vergara, Osvaldo Aranha, Pedro Ernesto, PSD do Antigo Estado do Rio de Janeiro, Quintino Bocaiúva, Raul Soares, Ribeiro Junqueira, Souza Costa, Temístocles Brandão Cavalcanti, Valdemar Falcão, Vasco Leitão da Cunha, Virgílio de Melo Franco.

*Coleções:* Adolfo Alencastro Guimarães, Afrânio de Carvalho, Aidano do Couto Ferraz, Alberto Venâncio Filho, Alde Sampaio, Alzira Vargas, ANL, Antonio Carlos R. de Andrade, Antonio Muniz Sodré de Aragão, Aristides Correia Leal, Aristides Rocha, Artur Caetano, Artur da Costa e Silva, Artur Neiva, Bancada

Pernambucana, Barbosa Lima Sobrinho, Benjamin Vargas, Cassio Fonseca, Ciro Aranha, Clube 3 de Outubro, Delminda Aranha, Edgar Teixeira Leite, Edmundo Bittencourt, Emídio Miranda, Estácio Coimbra, Evaristo de Moraes Filho, Fernando Melo Viana, Geraldo Rocha, Hermínia Collor, Igreja Positivista, Israel Pinheiro, Italo Landucci, Jesus Soares Pereira, João Antonio Mesplé, João Café Filho, João Cleofas, João Daudt d'Oliveira, João F. Pereira de Souza, João Gomes Teixeira, João Pinheiro Neto, João Punaro Bley, José Américo de Almeida, José Francisco Assunção Santos, José Roberto Macedo Soares, Júlio Augusto Barbosa Carneiro, Luís Simões Lopes, Luisa Aranha, Luís Sparano, Moacir Teixeira da Silva, Monseñor Kühn, Niomar Muniz S. Bittencourt, Nero Moura, Otacílio Camará Martins, Paulo Germano Magalhães, Paulo Neunhaus, Prefeitura Municipal de Itabira, PSD-Diretório Nacional, PTB-Piauí, Rafael Boccia, Ranulfo Bocaiúva Cunha, Reinaldo Barros, Rosalina Coelho Lisboa, Rubem Rosa, Rui Moreira Lima, Último de Carvalho, e Valdomiro Castilho Lima.

Para atender exigências de tratamento adequado das fontes reunidas, o setor desenvolveu três áreas específicas de trabalho que constituem os subsetores de Arquivo, Audiovisual e Biblioteca.

A caracterização desses subsetores refere-se apenas às suas atribuições técnicas básicas. Os arquivos, quando chegam ao Centro, sempre sob a forma de doação, são submetidos a processo de desinfestação, após o que é realizado um exame sumário, visando o reconhecimento geral de conteúdo, espécie, estado de conservação e a separação de material danificado. Cumprida essa etapa procede-se à distribuição do material entre os Subsetores, encarregados do tratamento especializado aos diversos suportes documentais.

No Arquivo são tratados os documentos manuscritos e datilografados, além dos recortes de jornais, selecionados pelo titular do arquivo ou por sua família. O Subsetor de Audiovisuais organiza fotografias, filmes, microfilmes, discos e outras gravações sonoras recebidas juntamente com a documentação escrita sob a forma de doações avulsas. A Biblioteca, finalmente, trata todo o material impresso, mapas e plantas que compõem os arquivos.

Os produtos finais das atividades de tratamento técnico da documentação sob a guarda do Centro ultrapassam a produção de inventários (sumários e analíticos), índices e catálogos. O Setor de Documentação desenvolve, como linha de trabalho permanente e articuladora dos três

Subsetores, a pesquisa documental, entendida aqui como a produção de instrumentos de trabalho necessários à pesquisa: cronologias, biografias, bibliografias especializadas, relatórios de avaliação e conteúdo dos arquivos, análises de fontes e propostas para sua utilização. Recentemente, deu-se início ao Programa de Coletâneas de Documentos, cujo objetivo primordial é divulgar o acervo a partir da reunião de documentos (na grande parte inéditos) em torno de um tema ou período da história contemporânea do Brasil, tendo como ponto de partida o movimento de 1930.<sup>2</sup>

#### Arquivo

Nesse Subsetor, como já foi dito, realiza-se o tratamento dos documentos manuscritos e datilografados, além dos recortes de jornais, doados ao Centro. É nele, também, que se concentra o grande volume da documentação reunida.

Para efeitos de organização do acervo, distingue-se duas modalidades básicas de composição: o arquivo e a coleção. Essa distinção, entretanto, não é dada pela espécie de documentos ou pelos critérios técnicos de organização. Ambas obedecem aos mesmos padrões de tratamento, embora diferenciadas pelo conteúdo ge-

ral do conjunto de documentos. Assim, considera-se como arquivo um conjunto documental que retrate a vida política de seu titular e/ou o contexto histórico em que tenha atuado. Em geral essa documentação apresenta um volume acima de mil unidades, continuidade e encadeamento de informações e seriação de fatos.

As coleções, ao contrário, caracterizam-se pela documentação esparsa, informações parciais ou descontínuas, número reduzido de documentos. Algumas vezes, mesmo oferecendo continuidade de informações, não revelam quantidade ou qualidade suficiente de dados para a análise da trajetória do titular, do contexto histórico ou de momentos específicos de sua atuação.

É por esta razão que a maior parte das referências aqui apresentadas não se remetem às coleções, pois a sua recuperação conduz, inevitavelmente, a uma teia de dados esparsos, somente superada no contato direto com as fontes.

Para facilitar ao leitor, o arrolamento dos temas obedeceu ao critério de agrupamento mais abrangente para o estudo da década de 1930: economia, política interna e política externa. Dentro de cada grande grupo foram reunidos os temas gerais sugeridos pelo próprio acervo.<sup>3</sup>

#### Economia brasileira 1930-45

Temas	Arquivos
Política comercial e financeira do Brasil e produção e comercialização do café . . . . .	OA, SC, GV
Intercâmbio comercial e consolidação da dívida externa brasileira .	OA, GV, SC
Sistema financeiro e bancário . . . . .	SC, OA
Nacionalização das empresas de seguro e a criação do Instituto Federal de Resseguros, 1934/1937 . . . . .	AGM
Indústria . . . . .	SC
Reequipamento bélico do país . . . . .	SC, GV, OA
Instituto do Açúcar e do Alcool (Política açucareira, o Estatuto da Lavoura Canavieira) . . . . .	AGM
Lei Antitruste . . . . .	AGM, GV
Siderurgia . . . . .	GV, SC, OA

#### Política interna 1930-45

Temas	Arquivos
Governo Provisório . . . . .	GV, PEB, OA, LC, GC, AM, LV
Justiça Revolucionária . . . . .	TBC, OA

Organizações tenentistas . . . . .	OA, GC, PEB, AAP, TBC, GV
Questões trabalhistas e criação de instituições de previdência social, 1931-32 . . . . .	LC, LV, OA, GV
Interventorias: crises políticas . . . . .	OA, GC, GV, AM, LC, VMF
Crise ministerial de 1932 . . . . .	AM, OA, GV, LC
Revolução Constitucionista . . . . .	GV, OA, BK, LC, PEB, AAP, GC, LV, VMF, CM
Rearticulação do movimento constitucionalista . . . . .	BK, LC, GV, OA, GC
O Ministério da Justiça e a reconstitucionalização do país, 1932-34	AM, GV, OA
Crise sucessória em Minas Gerais . . . . .	AM, OA, VMF, CM, GC, GV
Assembléia Nacional Constituinte . . . . .	GV, OA, AM, AAP, GC
Crise ministerial de 1934 . . . . .	AM, GV, OA
Lei de Segurança Nacional . . . . .	OA, GV
Comunismo e Aliança Nacional Libertadora . . . . .	CV, EL, OA, AAP, GC, HL, PEB
Sucessão presidencial de 1936 . . . . .	GV, AM, OA
Integralismo e Ação Integralista Brasileira . . . . .	OA, AAP, GV
Estado Novo	
– Golpe de 37 . . . . .	GV, OA, GC, AGM
Ideologia e Pensamento Político	
– Atividades policiais e situação de presos políticos . . . . .	GV, OA, EL, AGM, HL
– Atividades nazi-fascistas no Brasil . . . . .	OA, EL, CFA, GM, AGM
– Crises nos Ministérios e Interventorias . . . . .	GV, OA
Redemocratização política, militar e a reforma constitucional . . . . .	GV, OA, LV, AMF, VMF, AAP, HL

#### Política externa 1930-45

Temas	Arquivos
Pacificação da região do Chaco . . . . .	GV, OA
Missões econômicas no estrangeiro:	
– Missão Souza Costa de 1935 (tratado comercial entre Brasil e Estados Unidos) . . . . .	SC, OA, GV
– Missão chefiada por Souza Costa em 1935 à Inglaterra . . . . .	SC, OA, GV
– Missão de 1937 aos Estados Unidos (problemas comerciais entre o Brasil, Estados Unidos e Alemanha) . . . . .	SC, OA, GV
– Missão Aranha de 1939 aos Estados Unidos (crédito comercial e financeiro e estreitamento de laços políticos e militares) . . . . .	SC, OA, GV
Relações e cooperação econômica, técnica e militar do Brasil com outros países . . . . .	OA, GV, LV
Política interna norte-americana . . . . .	OA, GV
Rompimento das relações com o Eixo . . . . .	OA, GV
O Brasil na 2.ª Guerra . . . . .	OA, GV, CFA, CB
Imigração de judeus alemães e italianos para o Brasil . . . . .	OA, GV

Panamericanismo: conferências continentais, Lima (1938), Panamá (1939), Havana (1940) e Rio de Janeiro (1942); relações Brasil-América Latina (Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia); os países sul-americanos e a guerra . . . . .  
 Crises políticas e militares argentinas e o advento do Peronismo

OA, GV  
 GV

*Audiovisuais*

O Subsetor de Audiovisuais tem a função de tratar e organizar fotografias, filmes, microfímes, vídeo-tapes, discos (em sua maioria relativos a discursos políticos) e outras gravações sonoras.

Até o momento, os esforços têm se concentrado no tratamento de fotografias, uma vez que esse suporte é o que apresenta maior volume de documentos no Subsetor. Por isso mesmo, constitui o objeto básico das pesquisas visuais efetuadas pela equipe, visando a utilização da imagem como fonte da história. Num momento em que novas formas de registro documental vêm juntar-se aos registros tradicionais, escritos em papel, é fundamental que estejamos atentos para as suas formas de utilização na pesquisa e para o espaço que sua própria autonomia, como fonte documental, tem revelado ao pesquisador da história contemporânea.

Apesar disso, no entanto, o acervo do Centro vem sendo solicitado basicamente por pesquisadores da área de Comunicações, interessados na realização de filmes documentais, peças teatrais sobre temas históricos, reportagens etc. Sua utilização por especialistas em História, Ciência Política ou Ciências Sociais é praticamente nula, ficando restrita à manipulação da imagem como ilustração. Exceto os pesquisado-

res do próprio Centro, a procura do acervo como fonte para a investigação social é inexpressiva.

O acervo fotográfico do Cpdoc atualmente estimado em cerca de 13 mil unidades, foi constituído através de doações avulsas, aquisição em diversas instituições e órgãos de imprensa e, principalmente, como parte integrante dos arquivos e coleções doados ao Centro.

O conteúdo desse acervo está centrado, primordialmente, no período entre 1922 e 1945. Refere-se, em grande parte, à elite política brasileira durante o período Vargas, revelada através de duas linhas nítidas de informação. De um lado, a de caráter biográfico, que percorre a trajetória política dos titulares dos arquivos. De outro, transcendendo essa especificidade, aquela que revela assuntos diversos, em geral não cobertos pela documentação escrita ou impressa, integrante do acervo do Centro.

Algumas dessas fotografias foram obtidas a partir de trabalhos específicos de pesquisa, complementando assim a documentação recebida através da doação dos arquivos. Nesse caso, refletem temas políticos previamente selecionados, fugindo à característica do "álbum de família".

Merecem destaque, como principais temas encontrados na documentação de caráter biográfico:

	Arquivos / Coleções
Tenentismo	Coleção Italo Landucci, Arquivo Pedro Ernesto Batista, Arquivo Augusto do Amaral Peixoto, Arquivo Rosalina Coelho Lisboa
Revolução de 1930	Arquivo Getúlio Vargas, Arquivo Osvaldo Aranha, Arquivo Cristiano Machado, Arquivo Cordeiro de Farias, Arquivo Antunes Maciel
Revolução de 1932	Arquivo Gustavo Capanema, Arquivo Bertoldo Klínger, Coleção Roberto Costa
Assembléia Nacional Constituinte de 1934	Arquivo Antunes Maciel, Coleção Medeiros Neto, Coleção Antonio Carlos R. de Andrada
Educação	Arquivo Gustavo Capanema, Arquivo Lourenço Filho, Arquivo Anísio Teixeira
Saúde	Arquivo Gustavo Capanema

Trabalho	Arquivo Alexandre Marcondes Filho, Arquivo Lindolfo Collor
Justiça	Arquivo Osvaldo Aranha, Arquivo Antunes Maciel, Arquivo Agamenon Magalhães, Arquivo Temístocles Brandão Cavalcanti
Relações Internacionais	Arquivo Osvaldo Aranha, Arquivo Getúlio Vargas
Economia	Arquivo Getúlio Vargas, Arquivo Osvaldo Aranha, Arquivo Souza Costa
Partidos e Agremiações Políticas	Arquivo Osvaldo Aranha, Arquivo Ernani do Amaral Peixoto, Arquivo Augusto do Amaral Peixoto, Arquivo do Clube 3 de Outubro

São temas de destaque, na documentação reunida através de doações avulsas ou por aquisição em outras instituições:

Aliança Liberal	Revistas
Revolta de Princesa	Coleção Humberto Nóbrega
Revolução de 1930, mobilização popular e participação de outros estados da federação	Coleção Carlos de Lima Cavalcanti, revistas, órgãos de imprensa, Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro
Revolução de 1932	Órgãos de imprensa em São Paulo, instituições regionais como o Museu da Imagem e do Som de São Paulo, etc.
Levante de 1935	Agência Nacional
Integralismo e Levante Integralista	Órgãos de Imprensa

#### Biblioteca

O acervo da biblioteca do Cpdoc é constituído pelo material impresso que acompanha os arquivos doados, apresentado sob a forma mais comum de livros, folhetos e periódicos. Esse material é, portanto, unidade integrante de um conjunto documental mais amplo, formado pelos documentos escritos e datilografados, fotografias, filmes, discos e recortes de jornais.

Por essa razão, tais obras são abordadas e tratadas a partir de sua característica específica, no conjunto das fontes documentais privadas: complemento básico das fontes primárias reunidas pelos titulares dos arquivos e coleções selecionadas de acordo com seus interesses particulares. De modo geral, o acervo é composto por uma maioria de publicações produzidas durante o período de atuação pública do titular, concentrando-se em discursos, relatórios, biografias, estudos e pareceres.

Os folhetos formam o conjunto mais rico do acervo bibliográfico do Centro. Esse tipo de pu-

blicação, de difícil acesso em bibliotecas, produzida em tiragem limitada e dificilmente encontrada no mercado livreiro, apresenta como conteúdo mais freqüente os discursos, estatutos e programas de partidos políticos ou agremiações.

Os periódicos, além de seu valor intrínseco como suporte documental, constituem material precioso, especialmente pela freqüência com que representam parte, ou até mesmo a totalidade, de coleções esgotadas, somente ao alcance do pesquisador em bibliotecas particulares. É o caso da revista *Cultura Política*, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, ou ainda o pasquim *Zé Carioca*, impresso pela Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra, que compõe o arquivo Cordeiro de Farias.

Num arrolamento sumário de temas de interesse, como complemento às fontes primárias anteriormente mencionadas ou relativos à demanda maior de consulta ao acervo bibliográfico do Centro, podemos destacar:

Temas 1930-45	Arquivos / Coleções
Revolução de 1930 - Campanha da Aliança Liberal - Plataforma Júlio Prestes - Governo Provisório - Justiça Revolucionária	ARA, GV, LSL, OA OA OA GV, OA TBC
Revolução de 1932 - Biografias e Memórias - Relatórios de Combate - Plantas	ARA, GV, BK, OA BK AAP
Constituição de 1934 - Anais - Sugestões, anteprojetos, projetos e comentários	AGM AAP ETL, FMV, TBC
Intentona Comunista - Aliança Nacional Libertadora - Estatutos - Tribunal de Segurança Nacional	AGM, GV, OA, TBC GV AGM, ARA, GV, HL, PEB
Integralismo - Ação Integralista Brasileira – Manifesto, programas	ACF, GV AAP, OA
Estado Novo	AAP, GC, GV, HL, JRMS, OA
Constituição de 1937	AGM
2.ª Guerra Mundial - Mapas	CFa, GV, OA, CFa, CM
Cultura	GC
Economia	AMF, GV, OA, VF
Educação	AGM, GC, OA, VF
História Regional - Minas Gerais - Pernambuco - Paraíba - Rio Grande do Sul - São Paulo	ARA AGM JAA FAM OA

#### Fontes em Organização

Além dos temas mencionados, o Setor de Documentação realiza, no momento, a organização dos arquivos de Gustavo Capanema (parcialmente aberto), Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Valdemar Falcão e Carlos Castilho Cabral.

Aguardam tratamento os seguintes arquivos: Arena, Ernani do Amaral Peixoto, Filinto

Müller, Gabriel Passos, Ildelfonso Simões Lopes, Juraci Magalhães, Ribeiro Junqueira e Vasco Leitão da Cunha.

Exatamente em função do tratamento e do recebimento de novos arquivos e coleções, outros temas poderão ser acrescidos à descrição preliminar aqui apresentada. É característica básica das instituições que trabalham com acervos particulares doados, a possibilidade de abertura



de novas linhas de abordagem, determinadas pela natureza e origem dos arquivos e pelo nível de especificidade e de detalhamento das informações que fixam o seu conteúdo.

#### Notas

1. Dados mais precisos e detalhados podem ser encontrados nos inventários analíticos, e em: *Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Guia dos Arquivos CPDOC*. Rio de Janeiro, 1979. 99 p.
2. Encontra-se no prelo, Manoel Luiz L. S. Guimarães, *et alii, Revolução de 1930: textos e documentos*. Brasília, Universidade de Brasília, 1981. 2v.
3. Relação das abreviaturas: AAP – Augusto do Amaral Peixoto; AGM – Agamenon Magalhães; AM – Antunes Maciel; BK – Bertoldo Klinger; CB – Castelo Branco; CFA – Cordeiro de Farias – CM – Cristiano Machado; EL – Etelvino Lins; GC – Gustavo Capanema; GV – Getúlio Vargas; HL – Hermes Lima; LC – Lindolfo Collor; LV – Luis Vergara; OA – Osvaldo Aranha; PEB – Pedro Ernesto Batista; SC – Souza Costa; TBC – Temístocles Brandão Cavalcanti; VMF – Virgílio de Melo Franco.

Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola da Escola Interamericana de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas – CPDA/EIAP/FGV

O Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola da Escola Interamericana de Administração Pública foi criado em 1976, mediante convênio firmado entre o Ministério da Agricultura e a Fundação Getúlio Vargas.

Suas atividades incluem o Curso de Mestrado em Desenvolvimento Agrícola e um Programa de Pesquisas na área de ciências sociais aplicadas à agricultura. O Curso de Mestrado estrutura-se dentro de uma perspectiva interdisciplinar, privilegiando uma visão de conjunto de relações que configuram a problemática da agricultura nacional. Apoiar-se em duas áreas de concentração: Organização da Produção e Comercialização Agrícola; Políticas Agrícolas. O Programa de Pesquisas em andamento inclui: o projeto Evolução Recente e Situação Atual da

Agricultura Brasileira I e II; Trabalho Rural e Alternativas Metodológicas da Educação: Dimencionamento das Necessidades e Oportunidades da Formação Profissional (em colaboração com o IESAE/FGV); a Reprodução do Pequeno Produtor no Vale do Jequitinhonha Mineiro; Movimentos Sociais no Campo. Inclui, igualmente, no Programa de História da Agricultura Brasileira os subprojetos Agricultura de Subsistência e Mercado Interno em Pernambuco; Agricultura e Sociedade no Brasil: Sistemas Agrários e Processo de Trabalho no Norte Fluminense nos Séculos XIX e XX.

A obtenção do grau de mestre implica o preenchimento de 38 créditos em disciplinas e a elaboração e defesa da dissertação. Os créditos são obtidos majoritariamente em cursos eletivos, dentro da área de concentração previamente escolhida pelo aluno, podendo aqueles serem complementados na área não selecionada.

São as seguintes as disciplinas que compõem a área de concentração em Organização da Produção e Comercialização Agrícola: Metodologia Científica; Formação e Evolução da Agricultura Brasileira; Desenvolvimento Agrícola Comparado; Indústria e Agricultura no Brasil; Teoria Econômica; Métodos Quantitativos; Teoria do

(\*) Esta seção divulga um breve relato acerca da história, natureza e características das diferentes instituições de pós-graduação e pesquisa em Ciências Sociais, enfatizando as linhas de pesquisa e os trabalhos em curso nas mesmas.

Desenvolvimento Agrícola; Antropologia Econômica; Agricultura Brasileira I; Agricultura Brasileira II; Relatório de Pesquisa em Organização da Produção e Comercialização Agrícola.

São as seguintes as disciplinas que compõem a área de concentração em Política Agrícola: Metodologia Científica; Teoria Política; Teoria Sociológica; Política Econômica; Planejamento Agrícola; Estratégias de Desenvolvimento Agrícola; Métodos Quantitativos; Organização Social no Campo; Política Agrícola I; Política Agrícola II; Política e Planejamento no Brasil; Relatório de Pesquisa em Política Agrícola.

O Centro está organizado em três departamentos, a saber: Departamento de Organização Econômica e Social da Agricultura, Departamento de Política e Planejamento Agrícola, Departamento de História da Agricultura. As disciplinas que compõem as áreas de concentração não estão afetas com exclusividade aos departamentos, mas uma afinidade natural entre ambos tem sido preservada. Conta o CPDA com um corpo permanente de 18 professores pesquisadores em tempo integral e também com a participação de docentes e pesquisadores visitantes e associados.

O corpo discente é composto de 123 alunos regulares, distribuídos por cinco turmas, das quais quatro já concluíram seus créditos; e alunos especiais, provenientes de outros programas de mestrado do país. Num esforço de melhor integrar atividade discente e docente, desenvolve-se no Centro o Projeto Experimental Integrado de Ensino e Pesquisa em Desenvolvimento Agrícola, envolvendo a redação de dez dissertações de mestrado. Além disso, tem-se estimulado a participação de alunos como bolsistas em alguns dos projetos de pesquisa em andamento.

A principal atividade de intercâmbio do CPDA é o Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura - PIPSA -, resultado de um convênio firmado em 1978 com a Fundação Ford. Seu objetivo é divulgar e debater a produção intelectual recente, em temas ligados à questão da agricultura, reforçando sempre a perspectiva multidisciplinar. Estimula a circulação de tais informações através da publicação de resumos dos trabalhos, em boletim, dando ênfase às contribuições dos mestrados e doutorandos que pesquisam o tema em diferentes regiões do país. Através do funcionamento de cinco grupos de trabalho que se reúnem semestralmente em simpósios, o programa envolve direta ou indiretamente 1.184 pesquisadores que neles apresentam resultados parciais ou finais de atividades de pesquisa. Os grupos de trabalho são:

Agricultura na Amazônia, Diferenciação da Pequena Produção; Estado e Agricultura; Movimentos Sociais; e Agroindústria, Cooperativa e Grande Produção Agrícola.

Unindo atividades de ensino, pesquisa e intercâmbio, o Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola tem como objetivo dar uma contribuição à análise e ao debate de questões econômicas, políticas e sociais relativas à agricultura brasileira.

O Curso de Mestrado encontra-se atualmente em processo de registro junto ao Conselho Nacional de Pós-Graduação do Ministério da Educação e Cultura.

## Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia - CRH/UFBA

### *Natureza, Vinculação Administrativa e Atribuições do CRH*

O Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia foi criado através de Resolução do Conselho Universitário, de 6 de dezembro de 1973 e instalado em 20 de novembro de 1974. Trata-se de um centro de estudos regimentalmente constituído como Órgão Suplementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Segundo o seu Regimento Interno, o CRH é administrado por um Diretor, com mandato de 2 anos, nomeado pelo Reitor e o seu programa de atividades é definido por um Conselho Deliberativo, composto de 5 membros: o Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, um delegado da Reitoria, o Diretor do Centro de Recursos Humanos, um representante do corpo técnico do CRH e um representante do corpo discente. Uma Secretaria e uma Biblioteca complementam os órgãos da administração do Centro.

Suas principais atribuições, regimentalmente previstas são:

1. realizar estudos e pesquisas sobre recursos humanos, em geral;
2. atender a solicitações de auxílio em encargos didáticos;
3. assistir organismos públicos em matéria de planificação de recursos humanos, colaborando na definição do papel dos mencionados recursos no planejamento do desenvolvimento econômico e social;

4. articular-se com organizações de direito público e privado para a elaboração e execução de planos e pesquisas relativos ao âmbito de suas atividades;

5. promover cursos de treinamento de pessoal para pesquisa e planejamento de recursos humanos e realizar conferências e seminários sobre a área de interesses do Centro.

#### *Área de Interesse e Linhas de Trabalho do CRH*

Embora instalado em 1975, o CRH/UFBA funciona como Programa de Recursos Humanos desde abril de 1969, sendo que sua ação tem se concentrado principalmente na realização de:

- cursos de curta duração;
- treinamento de estudantes de graduação e pós-graduação e de profissionais recém-graduados;
- estudos e pesquisas.

Para delimitar, de modo operacional, o campo de estudos do CRH, em princípio vasto e de natureza interdisciplinar, decidiu-se que se deveria encarar "recursos humanos" enquanto agente e beneficiário do processo de desenvolvimento global da sociedade, devendo o Centro se voltar para três linhas básicas de estudo, ou seja:

1. estudos sobre população, englobando aspectos dos fenômenos populacionais que interferem na disponibilidade dos recursos humanos;

2. estudos sobre emprego, com ênfase nas condições e problemas do engajamento dos recursos humanos no sistema produtivo;

3. estudo sobre educação, enfatizando as condições e problemas globais de formação e treinamento de recursos humanos.

#### **Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU**

##### *Introdução*

O Centro de Estudos Rurais e Urbanos foi fundado em 1964, por um pequeno grupo de professores do Departamento de Ciências Sociais (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo); seu intuito era então fazer face às dificuldades com que se defrontava aquele Departamento, na obtenção de verbas para treinamento de pesqui-

sa em nível de graduação. Julgou o referido grupo que, organizando uma sociedade civil para o desenvolvimento da pesquisa e da documentação poderia, com menores tropeços burocráticos e um leque maior de opções, encontrar financiamentos que lhe permitisse desenvolver o treinamento de alunos, principalmente em disciplinas ligadas à Sociologia. Desta forma, o Centro nasceu estreitamente associado às atividades didáticas e às necessidades do Departamento, desempenhando atividades complementares às deste, circunstância que se refletiu sempre em tudo quanto empreendeu.

Compreendendo as vantagens que poderia obter com tal iniciativa, o Departamento de Ciências Sociais e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP acolheram com simpatia a nova instituição. O Centro, logo que passou a funcionar no próprio prédio do Departamento conseguiu seus fins primeiros; em diversos convênios e contratos com entidades governamentais e extra-governamentais, obteve meios para enviar a campo equipes em nível de graduação, integrando, assim, de forma contínua, a pesquisa nas atividades docentes. Serviço do Vale do Ribeira e Serviço do Vale do Paraíba (ambos fazendo parte do Departamento de Águas e Energia Elétrica da Secretaria de Obras do Estado de São Paulo); Prefeitura do Município de Osasco; CEPLAC (órgão integrado ao Banco do Brasil); INEP-MEC; DAC-MEC; FAPESP, foram as principais entidades financiadoras. Muitas destas pesquisas estão hoje publicadas; os relatórios de todas elas integram o Arquivo do Centro, constantemente consultado por pesquisadores de diversas proveniências.

Desta forma, além das atividades de pesquisa, o Centro se constituiu também como centro de documentação; conta, igualmente, com uma biblioteca desenvolvida, sendo especialmente importante seu acervo de revistas nacionais e estrangeiras. Duas documentalistas têm a seu cargo arquivo e biblioteca.

Quando da criação, na USP, dos cursos de pós-graduação, passou o Centro a organizar, também, pesquisas ligadas a temas definidos, que pudessem englobar os pós-graduandos, rompendo seu excessivo isolamento; também realizou, a partir de então, seminários de que participavam todos os pós-graduandos ligados ao Centro. Não descuro da formação dos graduandos e recém-formados, oferecendo bolsas a estes para pesquisas sobre temas que interessassem especialmente ao Centro.

Resolveu-se, também, dar divulgação mais ampla aos trabalhos do Centro, tendo surgido os *Cadernos*, publicação anual que se encontra

no 16.<sup>o</sup> número, perfazendo assim, em 1981, catorze anos de vida. Esta revista publicava resultados de pesquisas de seus sócios; porém ultimamente, tomou por objetivo difundir principalmente as diversas mesas-redondas e simpósios organizados pelo Centro, seja em seu próprio Encontro Anual, seja quando participa de reuniões mais amplas, como as programadas pela SBPC (com a qual vem colaborando desde 1973), seja pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, ou ainda quando ele mesmo organiza reuniões mais específicas e restritas (como a I Jornada de Estudos do Carnaval Brasileiro, que se realizou em São Paulo, de 26 a 29 de setembro de 1977, ou ainda o Seminário "Cultura Brasileira" que teve lugar em Ouro Preto, em 1980). Os *Cadernos* são enviados gratuitamente a instituições de ensino e de pesquisa em Ciências Sociais, nacionais e internacionais, servindo assim para divulgar no exterior os trabalhos brasileiros, e agindo como instrumento de intercâmbio na obtenção de publicações especializadas.

Além da revista *Cadernos*, a partir de 1981 o CERU, juntamente com o Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP, está publicando uma coleção de livros intitulada *Textos*, tendo sido lançados este ano um de Eva Blay e outro de Antonio Carlos Boa Nova.

Outra função do Centro que foi adquirindo importância, diz respeito à comunicação com pesquisadores do interior e de outros estados, que constituem a categoria de seus "sócios-correspondentes". Em 1973, atendendo à solicitação explícita de vários deles, ficou resolvido que um Encontro Nacional seria organizado anualmente, no qual fossem apresentados e discutidos os trabalhos de pesquisa desses colegas, juntamente com os de São Paulo. Tem ele lugar em setembro, após a Semana da Pátria, com a duração de três dias; além de se tomar conhecimento dos trabalhos apresentados pelos inscritos, são organizadas mesas-redondas sobre temas específicos. Foram realizados até agora oito Encontros.

Colaborando com instituições universitárias exteriores à USP e atendendo à solicitação delas, tem o Centro organizado ciclos de conferências e cursos de extensão cultural. Salienta-se o que foi programado em 1976, para o Departamento de Ciências Sociais da Universidade

Federal do Paraná, em que colaboraram vários associados, pertencentes ou não à USP.

Recebe o Centro estagiários europeus que aqui vêm fazer treinamento de pesquisa em nível de graduação, como é o caso de estudantes holandeses, enviados pelo Centro de Estudos e Documentação Latino-Americano, de Amsterdã. Outros aqui vêm efetuar pesquisas de campo para teses de doutoramento, sob a orientação de membros do Centro, como foi o caso de pós-graduandos franceses ligados ao Institut de Hautes Etudes d'Amerique Latine, à École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, e de pós-graduandos alemães, ligados principalmente à Universidade de Bielefeld, Alemanha Ocidental.

Finalmente, também tem promovido o Centro convites a professores nacionais e estrangeiros para atuar nos cursos de pós-graduação do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ou para dar cursos de extensão, pois se verificou que a organização dos mesmos se efetuava com muito mais facilidade através do Centro do que pelas vias burocráticas habituais. Tais cursos abarcam, além do público constituído por alunos e professores do Departamento de Ciências Sociais, pessoas de outras instituições, que assim se põe em contato direto com este, funcionando, portanto, como um instrumento de atração e divulgação do próprio Departamento.

O Centro foi reconhecido como entidade de utilidade pública em 30 de outubro de 1978. Atualmente mantém várias linhas de pesquisas em andamento, com financiamento assegurado por convênios ou por contratos com outras instituições, ou com financiamento próprio. Os temas principais são, até hoje: Sociologia Rural; Sociologia Urbana; Sociologia da Educação; Sociologia da Família; Sociologia da Cultura Brasileira.

A diretoria do CERU se compõe hoje como segue: Diretora-Presidente: Profa. Eva Alterman Blay, USP; Diretora-Secretária: Profa. Lia Freitas Garcia Fukui, USP; Diretora-Tesoureira: Maria Helena Rocha Antuniassi, UNESP; Diretora de Pesquisas: Profa. Maria Isaura Pereira de Queiroz, USP; Secretárias Documentalistas: Oscarlina Maltese Rezende e Igenes Angela Brossi; responsáveis pela revista *Cadernos*: Maria Isaura Pereira de Queiroz e Olga Rodrigues de Moraes von Simson.

Abreu, Alice Rangel de Paiva

*O Trabalho Industrial a Domicílio na Indústria de Confeção*. Doutorado em Ciência Política, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1981, 309 pp. Orientador: Leôncio Martins Rodrigues.

O trabalho é uma análise de um setor específico da indústria de confecção do Rio de Janeiro, as pequenas confecções de roupa feminina de alta qualidade, apontando a importância do trabalho industrial a domicílio na organização da produção de confecções deste tipo. O trabalho está dividido em duas partes: na primeira, baseada em material secundário, o desenvolvimento do trabalho industrial a domicílio é analisado historicamente e uma análise da indústria de confecção é realizada. A segunda parte, baseada no material de entrevistas com costureiras externas, consiste na descrição minuciosa da situação de trabalho das entrevis-

tadas. O tipo de trabalho realizado, as condições de trabalho, as relações com a empresa e a produção e o salário das costureiras externas são discutidos e analisados. A situação do mercado de trabalho das costureiras em geral e a importância do processo de aprendizagem para a prática profissional são também analisados. Finalmente, o íntimo relacionamento entre trabalho doméstico e trabalho remunerado implícito na situação de externa é focalizado através da rotina diária das costureiras entrevistadas.

Avelar, Lúcia Mercês de

*O Voto e o Voto Operário em uma Comunidade Urbano-Industrial (O Voto Operário em São José dos Campos)*. Mestrado em Ciência Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1981, 140 pp. Orientador: Bolívar Lamounier.

(\*) Esta seção divulga teses e dissertações recentemente concluídas nas principais instituições de pós-graduação do país ou pelos seus membros. As informações devem ser enviadas através de formulários disponíveis nas secretarias das unidades filiadas à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais ou na Editoria do BIB. A seguir, apresentamos um modelo da entrada das informações.

Nome do autor, título e subtítulo do trabalho, grau obtido, área de estudo, instituição, ano, número de páginas, nome do orientador e breve descrição, em mais ou menos 10 linhas, onde fique claro uma síntese dos propósitos, dos métodos empregados e das principais conclusões do trabalho.

Após uma reconstrução da história político-partidária do município, de 1946 a 1978, ao lado da evolução econômica e populacional, marcada pela presença das grandes multinacionais, analisou-se o voto da população e o voto operário. Predominantemente emedebista em qualquer das camadas sócio-econômicas analisadas, a explicação para o voto foi encontrada a nível das dimensões ideológicas.

Entre o operariado encontrou-se posicionamento pró e anti-sistema, com claros indícios de ceticismo quanto ao fato de sua participação em nada influir nos rumos políticos do país.

**Brandão Machado, Maria do Carmo Tinoco**  
*Forma e Razão das Trocas nos Xangôs Tradicionais (Um Estudo Exploratório)*. Mestrado em Sociologia, Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 1980, 85 pp. Orientador: Solange Maria de Moura Souto.

A configuração topográfica da cidade do Recife teve um papel importante na evolução da ocupação do solo urbano. Os morros, os mangues e as áreas de pouco valor imobiliário foram ocupados por uma população de baixa renda forçados por esta expansão e pelo crescimento populacional.

Os xangôs do Recife se localizam nestas áreas. Estes formam um dos tipos de religiosidade popular que assumem características próprias por manterem os traços africanos nos seus rituais, além de possuírem uma organização formal e uma estrutura eclesial expressa em termos de parentesco.

As trocas rituais estão representadas pelas ofertas e contra-ofertas de comidas que constituem a infra-estrutura do culto. Estas trocas são operadas a dois níveis — uma no plano sagrado e outra no plano profano; no entanto, a existência da segunda só é possível pela legitimação da primeira. As trocas rituais, por manipularem um elemento comum carente às populações de baixa renda — a comida — tornaram-se uma das variáveis que facilitaram a adesão das camadas desprivilegiadas a este tipo de religião.

**Dreifuss, René Armand**  
*State, Class and Organic Elite: The Formation of an Entrepreneurial Order — Brazil 1961/1965*. Doutorado em Ciência Política, University of Glasgow, 1980, 1.500 pp. (2 vols.). Orientador: Dr. Simon Mitchell.

A tese acompanha a formação histórica de um bloco de poder ao longo da década de 50, seu confronto político-ideológico com o regime imperante no início dos anos 60, a desestabilização e derrubada do governo João Goulart e a conquista do aparelho administrativo-executivo do Estado, com ênfase na atuação política dos empresários.

**Ferrari, Levi Bucalen**  
*Burocratas & Burocracias*. Mestrado em Ciência Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 237 pp. Orientador: Bolívar Lamounier.

Pesquisa entre funcionários públicos e privados em São Paulo sobre suas atitudes acerca do trabalho e da organização.

Constata um alto grau de insatisfação entre os primeiros e significativas diferenças de atitudes entre ambos. As teorias sobre comportamento em organizações burocráticas auxiliam na compreensão do problema. Entretanto, é na qualidade de "tipos" de burocracia (pública e privada) e em suas diferentes evoluções históricas que explicações mais abrangentes devem ser tentadas. A administração pública paulista apresenta-se isolada do contexto organizacional que a circunda e dos grupos de interesse que se articulam no seio da sociedade.

**Fonte, Eliane Maria Monteiro da**  
*Valorização da Escola, Aspirações e Expectativas Educacionais e Ocupacionais no Meio Rural*. Mestrado em Sociologia, Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 1980, 175 pp. Orientador: Heraldo Pessoa Souto Maior.

Este trabalho constituiu-se em uma reflexão sobre a relação educação e meio rural, tentando-se apreender qual o significado da escola para as populações rurais e que fatores condicionam as suas aspirações e expectativas educacionais e ocupacionais.

Adotando uma perspectiva teórica onde a educação é encarada como um reflexo do meio social no qual ela está inserida, admite-se ser a própria concepção do que é escolarização e a captação de sua mensagem resultantes de situações sociais e de fatores estruturais diversos.

O teste da hipótese se fez no cruzamento das variáveis independentes (contexto sócio-econômico e condições de vida da família) com as variáveis dependentes (valorização da escola,

efetivação da escolarização dos filhos, aspirações e expectativas educacionais e ocupacionais) sendo as associações verificadas através de alguns testes não paramétricos.

**Hartel, Dietlinde Maria**

*O Social em Leopold v. Wiese: Uma Tentativa de Exposição e Crítica.* Mestrado em Sociologia, Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, 1980, 140 pp. Orientador: Cláudio Souto.

Neste trabalho procura-se expor o social em V. Wiese. É também uma tentativa de crítica à sua obra. Mostra-se nele o pioneirismo de V. Wiese em estabelecer as bases de uma Teoria Geral da Sociologia, no que ele denominou de "A Sociologia dos Processos Sociais" ou "A Sociologia das Relações Sociais". A metodologia utilizada está voltada essencialmente à análise interna e subsequente crítica de documentos. No capítulo 6 procura-se fazer uma exposição do sistema desse sociólogo.

Justifica-se a discordância de alguns dos seus conceitos e tenta-se mostrar que a maior falha da obra de V. Wiese é a ausência de ênfase na norma social em seu sistema. O capítulo 6, "A Norma Social" pretende ser uma contribuição da autora na tentativa de complementar o sistema sociológico de V. Wiese.

**Kinzo, Maria D'Alva Gil**

*Representação Política: Perspectivas Teóricas e um Exame da Experiência Brasileira.* Mestrado em Ciência Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1978, 149 pp. Orientador: Bolívar Lamounier.

Trata de discutir a questão da representação política tanto no seu aspecto teórico quanto em sua prática no caso brasileiro. Abordando as diferentes conotações do termo, o objetivo é não apenas reexaminar o próprio conceito, como orientar o estudo da representação política no Brasil. Quanto a experiência brasileira, o estudo aborda a questão do direito de voto, da participação no processo eleitoral e os diferentes sistemas eleitorais experimentados no Brasil, numa tentativa de trazer ao debate alguns pressupostos das concepções então e ainda hoje correntes sobre a representação política. Através de uma análise mais detida do projeto de Assis Brasil de instituição do sistema de representação proporcional, trata de demonstrar que estas concepções fundavam-se em uma visão eli-

tista e controladora da representação sob as idéias do interesse nacional, do mandato livre e do governo da maioria.

(Publicada em 1980 pela Editora Símbolo com o título *Representação Política e Sistema Eleitoral no Brasil.*)

**Paixão, Antônio Luiz**

*A Criação de uma Organização Moderna.* Mestrado em Sociologia, State University of New York - Stony Brook, 1975. Orientador: Charles Perrow.

Trata-se de um estudo quantitativo da distribuição de poder horizontal em um instituto de ensino e pesquisa de uma universidade brasileira. Encontrou-se uma alta correlação entre poder e variáveis burocráticas (tamanho, produtividade e qualificações), assim como entre poder e capacidade departamental de aquisição de recursos ambientais.

**Prates, Antonio Augusto Pereira**

*Crescimento Organizacional e Burocratização: um Estudo de Caso de uma Agência Brasileira.* Mestrado em Sociologia, State University of New York, Stony Brook, 1976, 45 pp. Orientador: Charles Perrow.

A proposição fundamental é que burocratização aumenta o controle dos "chefes da organização" sobre as premissas decisórias, ao mesmo tempo que descentraliza as decisões de "rotina". O estudo é baseado em dados de entrevista (observação participante), documentos e questionários (*survey*).

A conclusão básica é que "grandes" organizações são burocraticamente descentralizadas e politicamente centralizadas.

**Sadek, Maria Tereza Aina**

*Machiavel, Machiavéis - A Tragédia Octaviana (Estudo do Pensamento Político de Octávio de Faria).* Mestrado em Ciência Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1977, 205 pp. Orientador: Bolívar Lamounier.

Estudando a obra de Octávio de Faria, a tese busca mostrar: 1) porque existem poucos estudos sobre pensamento político no Brasil; 2) a importância da ideologia política enquanto variável explicativa do desenrolar político; 3) que embora se fale em predominância das idéias anti-liberais no Brasil dos anos 20/30, nem todas as formulações políticas anti-liberais implicam



em iguais propostas de organização do Estado e da Sociedade; 4) Octávio de Faria é salientado como anti-liberal, autoritário, sem no entanto comungar todos os itens da proposta autoritária que acabou por vencer na contenda política; e 5) necessidade de se apontar diferenças entre os "vencidos".

**Simões Neto, Francisco Teotônio**

*O Pensamento Político de Alberto Torres*. Mestrado em Ciência Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1978, 267 pp. Orientador: Bolívar Lamounier.

A tese defendida é a de que, apesar de ter sido frequentemente tido como pensador autoritário, Alberto Torres foi, na verdade, um pensador radical (no sentido preciso do termo). Para tanto, uma análise comparativa exaustiva foi feita de seu pensamento, comparando-o com as transformações que sofreu na leitura feita por outros pensadores políticos, localizando-o frente às principais questões políticas da época. Nos Anexos, procedeu-se à uma análise comparativa entre seu projeto de Constituição e a Constituição de 1891.

**Véras, Maura Pardini Bicudo**

*A Vida em Conjunto - um Estudo da Política de Habitação Popular*. Mestrado em Sociologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1980, 461 pp. Orientador: Bolívar Lamounier.

O estudo procura colocar em questão a política de habitação popular no Brasil pós-64, tentando clarificar, desse ângulo, as relações entre Estado, Capital e Reprodução da Força de Tra-

balho. A habitação é enfocada como subsídio à compreensão das condições de vida da classe trabalhadora em São Paulo, sobretudo através da "casa própria", como mercadoria e ideologia. Em um primeiro momento, com base em fontes bibliográficas e dados secundários, a tese analisa a intervenção do Estado através da criação e trajetória do Banco Nacional da Habitação: um balanço crítico que envolveu a explicitação do modelo essencialmente empresarial (economicista e bancário) e de como vem ele se desempenhando, em termos de eficácia, considerados seus objetivos iniciais.

Num segundo momento, procurando descobrir as contradições que esse modelo abriga e as formas por ela assumidas concretamente, a autora selecionou, como estudo de caso, um conjunto habitacional composto por blocos de apartamentos, localizado em município da periferia da Grande São Paulo, procurando caracterizar a população moradora, a qualidade habitacional por eles desfrutada, bem como as maneiras pelas quais transparecia a avaliação da aquisição do apartamento, na consciência desses moradores. Para tal, valeu-se de dados primários, formulários e entrevistas em profundidade, coletados junto a esses mutuários.

O trabalho documenta os efeitos da política de habitação popular: a) seu saldo negativo no que tange à consecução dos seus objetivos "sociais"; b) o impulso dado à acumulação de capital privado, servindo de "amortecedor" para períodos de recessão econômica. Ao encarar a habitação como mercadoria, interferindo no seu mercado, e ao manipular ideologicamente a propriedade, essa política, no entender da autora, expressa a estratégia de hegemonia de uma classe, estratégia tanto mais eficiente quanto menos explícita.

Alves, Isidoro Maria da Silva (Museu Goeldi)  
*Campesinato, Patronagem e Mudança Social  
numa Área Amazônica (Santarém-Pará)*

Considerando-se a existência de um campesinato marginal, estuda-se as reorientações das relações de patronagem através mudanças no "sistema de aviamento" mostrando-se a importância dessas relações como princípios organizatórios reforçados pelo compadrio e lealdades políticas. A pesquisa realiza-se no município de Santarém (Pará).

Dip: 1978/Dpc: 1980/Vd/Fin: CNPq-Museu Emilio Goeldi/Pub: "Campesinato, Patronagem e Mudança Social", in Resumos da XXXI Reunião da SBPC – Revista Ciência e Cultura, julho de 1979.

Antuniassi, Maria Helena Rocha (USP)  
*O Trabalho Infanto-Juvenil no Meio Rural Paulista*

O objetivo do estudo é apreender a importância e o significado do trabalho infanto-juvenil (trabalhadores menores de 15 anos) no meio rural paulista. Trabalhamos com dados primários e secundários, estes últimos cedidos pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.

Dip: 1976/Dpc: 1981/Vd/Fin: FAPESP.

Barbosa, Francisco de Assis *et alii* (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
*Companhia América Fabril: um Estudo de Caso de Indústria Têxtil no Rio de Janeiro na Primeira República.*

(\*) Esta seção divulga pesquisas em andamento ou recentemente concluídas pelos membros de instituições de ensino e/ou pesquisa da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. As informações devem ser enviadas em formulários disponíveis na secretaria das unidades filiadas à Associação ou na Editoria do BIB. A seguir, apresentamos um modelo de entrada e significado das abreviações utilizadas no inventário.

Nome do pesquisador; Pesquisador(es) associado(s); Título do projeto; Breve descrição do projeto, em 10 linhas, onde fique claro a natureza e a extensão do projeto, acompanhadas das seguintes informações adicionais: Data do início da pesquisa (Dip); Data prevista da conclusão (Dpc); Estado atual da pesquisa; Estudos preliminares (Ep); Versão preliminar (Vp); Publicada (P); Pesquisa de campo (Pc); Versão definitiva (Vd); Instituição(ões) financiadora(s) (Fin); e publicações recentes relacionadas com a pesquisa (favor incluir referências completas) (Pub).

A Companhia América Fabril teve origem numa das primeiras fábricas de tecidos do Rio de Janeiro, tendo se tornado a principal empresa têxtil do país na década de 1920. O projeto de se estudar a CAF veio de encontro à necessidade de elucidar pontos obscuros sobre a industrialização brasileira, particularmente do Rio de Janeiro. Neste sentido, nosso trabalho se estrutura em duas etapas interligadas: 1) desenvolvimento interno da Companhia, seu crescimento; a estrutura e a política administrativa; o processo produtivo e a expansão da produção; a organização do trabalho; característica da mão-de-obra, etc. e 2) desenvolvimento da Companhia dentro do processo de industrialização do Rio de Janeiro e do Brasil, sofrendo todas as ingerências conjunturais do período.  
Dip: 1978/Dpc: 1982/Vp/Fin: Fundação Casa de Rui Barbosa.

Bôa Nova, Antonio Carlos (CERU/USP)  
*Consumo de Energia e Desigualdade Social*

O trabalho se propõe a estudar as desigualdades sociais no consumo de energia. Com isso, pretende trazer uma contribuição tanto aos estudos sobre as desigualdades, que até aqui não têm tratado sobre as diferenças no consumo de energia, quanto aos estudos sobre o problema energético, que não costumam encarar o aspecto das desigualdades sociais. Para atingir este objetivo, está sendo desenvolvida uma pesquisa de orçamentos energéticos familiares em diferentes categorias sócio-econômicas. A partir dos resultados da pesquisa, será feita uma apreciação crítica da política energética vigente no Brasil.  
Dip: 1980/Dpc: 1983/Ep.

Boschi, Renato Raul (IUPERJ)  
*Associativismo de Classes Médias Urbanas*

A preocupação central do trabalho, ademais de um esforço de caracterização desta atuação específica dos setores médios urbanos, consiste na identificação do espaço político em que tais associações atuam, e as relações estabelecidas entre estas e o sistema partidário como um canal de agregação de demandas. Outro aspecto privilegiado na análise tem a ver com a identificação dos mecanismos envolvidos no processo associativo, função da criação de identidades coletivas e sua constituição enquanto interlo-

cutores legítimos frente ao Estado, tanto no que diz respeito ao encaminhamento de demandas da comunidade e representação de interesses, quanto no que se refere ao estabelecimento de novos padrões de interação no espaço urbano.

Dip: 1979/Dpc: 1981/Pc/Fin: Iuperj/Finep.

Brioschi, Lucila Reis (CERU/USP)  
*Família e Patrimônio*

Estudo de caso de uma família genealogicamente definida, retomando suas origens no sul de Minas Gerais em fins do século XVIII e sua ocupação de terras no oeste paulista a partir do início do século XIX, aí permanecendo até os dias atuais. O estudo procura relacionar as formas de transmissão do patrimônio associadas a aspectos familiares tais como a posição dos sexos, casamentos (inter-casamentos), posição dos filhos na distribuição dos bens, etc.  
Dip: 1977/Dpc: 1982/Ep/Fin: CAPES.

Caubet, Christian Guy (UFSC)  
*A Barragem de Itaipu: Irredentismo Brasileiro (?) e Normas Internacionais das Bacias Fluviais*

O objetivo do trabalho é de estudar o conjunto das relações internacionais no Cone Sul da América Latina, em função da construção da barragem de Itaipu e das implicações diversas dessa obra nas áreas político-diplomática e econômica. Deverá ser usado um enfoque de Ciência Política como chave de compreensão e explicação das normas de Direito Internacional Público aplicáveis e/ou aplicadas nas relações entre os países envolvidos. Análise da propriedade – ou não – de falar-se em hegemonia, imperialismo ou expansão, a respeito dos países da Bacia do Prata.  
Dip: 1979/Dpc: 1982/Vp/Fin: Fundação Ford e CAPES/Pub: "A Evolução Histórica do Direito Internacional Fluvial e as Particularidades da Bacia do Prata", em *Sequência*, Ano 1, n.º 2, jul/dez., 1980.

Cerqueira Filho, Gisálio (UFF)  
*O Direito e a Solução dos Conflitos Sociais*

Trata-se de um estudo sobre o papel do Direito, no sentido amplo do termo, na solução dos conflitos sociais no Brasil. Quatro cidades são tomadas como áreas exemplares: Campos,

Volta Redonda, Nova Friburgo e Nova Iguaçu, todas no Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa objetiva a procura de possíveis alternativas ao Direito na composição, encaminhamento e solução dos conflitos sociais analisados.  
Dip: 1979/Dpc: 1981/Vp/Fin: CESUR/NEPECS e Finep.

**Demantini, Zeila de Brito Fabri (CERU/USP)**  
*Educação e Trabalho – um Estudo dos Agricultores Paulistas*

Este estudo refere-se a agricultores paulistas, procurando apreender como vivenciam o processo de educação, entendida aqui enquanto educação escolar e preparação para o trabalho. Os dados foram coletados segundo uma amostra aleatória por estágios múltiplos, que abarcou 10 municípios do Estado de São Paulo. A análise visa verificar fundamentalmente as diferenças na vivência do processo e nas avaliações e opiniões do agricultor sobre o mesmo, tomando como variáveis independentes, a categoria ocupacional e o nível de escolaridade do agricultor.  
Dip: 1978/Dpc: 1980/Vd/Fin: INEP/MEC/Pub: “Pesquisa Educacional e Educação no Meio Rural”, I Encontro Técnico sobre a Pesquisa Educacional na Área do Ensino de 1.º Grau, MEC-INEP, Brasília, 1979.

**Diniz, Eli Roque (Iuperj)**  
*Favelas: Associações e Ação Comunitária no Rio de Janeiro*

A pesquisa tem por objetivo analisar as Associações de Favelas como instância de articulação e canalização de demandas das populações faveladas junto aos poderes públicos, situados nos diferentes níveis da administração estadual e municipal. Um primeiro núcleo de preocupações prende-se ao levantamento de informações relativas à dinâmica interna das Associações. Um segundo conjunto de questões refere-se às relações entre as Associações e as comunidades que elas representam. Finalmente, pretende-se discutir as vinculações entre esse tipo de Associações e os órgãos públicos que, situados em diferentes instâncias administrativas, formulam e implementam decisões que, de alguma forma, afetam os interesses da população favelada.

Dip: 1979/Dpc: 1980/Vd/Fin: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro.

**Duarte, Luiz Fernando Dias (Museu Nacional/UFRJ)**  
*Doença dos Nervos – Um Estudo sobre Construção Social da Pessoa entre as Classes Trabalhadoras*

A “doença dos nervos” entre as classes trabalhadoras das sociedades capitalistas constitui um foco privilegiado para a compreensão dos mecanismos culturais de construção de suas identidades sociais, já que articula as áreas críticas da identidade pela “família” e pelo “trabalho” (a *responsabilidade*), transpondo para o universo da *pessoa* o complexo mapa de sua visão de mundo. O estudo integra-se a um esforço amplo da Antropologia moderna de relativizar a concepção do “indivíduo” da cultura ocidental e de localizar sua permeação diferencial entre os grupos ou classes nela articulados. Contribui, ao mesmo tempo, para o mapeamento da especificidade das suas condições de reprodução social.

Dip: 1979/Dpc: 1982/Pc/Fin: Finep.

**Faleiros, Helton Alves (UNESP)**  
*Desenvolvimento Urbano e Especulação Imobiliária*

A pesquisa pretende mostrar que a ocorrência de especulação imobiliária tem influenciado profundamente o desenvolvimento urbano. As razões da especulação seriam a falta de melhores oportunidades de aplicação da poupança e a defesa contra a inflação. Os efeitos desse processo são o aumento dos problemas urbanos e a concentração da propriedade.

Dip: 1980/Dpc: 1981/Vd.

**Ferrari, Levi Bucalen et alii (Fundap)**  
*Projeto de Desburocratização: Testagem de uma Metodologia e Resistências*

O Grupo está encarregado de implantar programas de desburocratização nas repartições públicas estaduais. O método é o de envolvimento do maior número de funcionários através de Grupos de Trabalho em vários níveis e especialidades. O produto será, por um lado, as próprias medidas de simplificação administrativa e melhor atendimento ao público, e, por outro, saber que resistências serão encontradas e como contorná-las.

Dip: 1979/Pc/Fin: Fundap-Governo do Estado de São Paulo.

**Figueiredo, Marcus Faria (Iuperj)**  
*Representação e Transição Política no Brasil, 1970/1980*

Com base em uma discussão crítica do conceito de Representação Política, tanto na literatura teórica e de sua prática no Brasil recente, será estudado como a elite política brasileira tem gerenciado o conflito político com vistas à transição para um modelo de democracia. A seguir, será estudado, com base em dois *surveys*, qual a perspectiva do grande político quanto ao que tem sido e deveria ser a prática da representação política no país, recentemente.  
Dip: 1979/Dpc: 1981/Vp/Fin: Iuperj/Finep e Fundação Ford.

**Kosminsky, Ethel V. (USP)**  
*Judeus-Alemães em Rolândia (Norte do Paraná): Da Cidade para o Campo*

A pesquisa tem como objetivo o estudo da persistência ou não do judaísmo em um grupo de imigrantes judeus-alemães que, na década de 30, imigraram para o Norte do Paraná, onde se estabeleceram como fazendeiros.

A situação na Alemanha, o processo migratório e a vida desses imigrantes na Colônia Rolândia serão também abordados no referido trabalho.

Dip: 1976/Dpc: 1982/Vp/Fin: FAPESP.

**Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo (CERU)**  
*Aspirações à Educação, à Ocupação e ao Êxito Social na Perspectiva de Estudantes do 1.º Grau da Cidade de São Paulo: Seus Determinantes, seu Conteúdo e Significado*

Partindo da expressiva expansão que tem apresentado o Sistema Escolar nos últimos anos e, de maneira especial, do Ensino Superior, é analisado o significado que os estudantes, sujeitos do processo educacional, a ele atribuem.

A educação é vista como um caminho que possibilita o exercício de determinadas ocupações, que por sua vez possibilitarão a obtenção do êxito social.

A busca do êxito social se reveste de um caráter ideológico, vista como um mecanismo para a manutenção de um sistema não igualitário.

Dip: 1977/Dpc: 1980/Pub.

**Leitão, Arlete Lúcia Bertini (CERU)**  
*Região Amazônica: O Processo de Colonização e a Formação de uma Sociedade Extrativista, 1916-1950*

A pesquisa se propõe entender o processo de colonização regional a partir de uma visão histórica do processo social, que envolve a formação da Sociedade Amazônica, destacando os aspectos econômicos, sociais e políticos mais gerais, ocorridos em momentos significativos da sua história. Pretende-se detectar a posição dos grupos sociais no processo de produção, analisar sua situação social e relacionar com a totalidade concreta da sociedade amazônica, em vários momentos históricos de 1916 a 1950.

Dip: 1975/Dpc: 1983/Vd/Fin: Fapesp.

**Machado, Mario Brockmann (Iuperj)**  
*Os Ministros do Supremo*

Análise das biografias de todos os ministros do Supremo Tribunal, desde a sua criação, em 1828, até hoje, procurando caracterizar padrões de carreira e envolvimento político.

Dip: 1981/Dpc: 1981/Vp

**Miranda, Dilmar Santos de (Cetrede)**  
*Indicadores Culturais da Cultura de Sobrevida em Quatro Bairros de Fortaleza.*

Os objetivos da pesquisa foram: conhecer os problemas dos bairros; como seus moradores os percebiam e que estratégias formularam (produção cultural ao nível material, organizativo e simbólico) para sobreviver, considerando o quadro de miséria em que se encontravam. Como foi utilizada a metodologia da pesquisa participativa, à medida em que os problemas eram identificados procurou-se realizar um outro objetivo subjacente àqueles: a produção de um novo conhecimento, através do desenvolvimento e elevação do nível de consciência dos pesquisados (pelo *retorno* das informações e reflexão sobre os mesmos). Procurou-se, assim, o desenvolvimento de um conhecimento causal reflexivo, a estruturação de novas formas de encaminhamento das ações no bairro – para problemas comuns, decisões coletivas e soluções comuns – tentando superar a percepção opaca e fragmentada de sua própria realidade e a prática de soluções individualistas.

Dip: 1980/Dpc: 1981/Pub/Fin: MEC-Seac.

Moura, Gerson (Cpdoc/FGV)  
*A Política Externa Brasileira na Década de 1940*

O processo de alinhamento da política externa brasileira aos Estados Unidos é o eixo das relações exteriores do Brasil na década de 1940. Comporta dois momentos distintos, intimamente ligados às conjunturas de guerra e do pós-guerra no plano internacional mais abrangente. No primeiro, o governo brasileiro ainda mantém uma razoável capacidade de negociação e trata de extrair benefícios econômicos e políticos da aliança que então se estabelece. No segundo momento, diminui drasticamente o poder de barganha da política exterior brasileira e um alinhamento sem maiores ganhos se estabelece, ressaltando-se identidades ideológicas e definições de política econômica entre os dois governos.

Dip: 1979/Dpc: 1981/Vp/Fin: Fundação Ford e Fundação Getúlio Vargas.

Moura, Margarida Maria CPDA/EIAP/FGV  
*A Reprodução do Pequeno Produtor no Vale do Jequitinhonha Mineiro*

O resgate dos códigos orais nos processos judiciais relativos à terra e trabalho, a análise dos códigos escritos referentes aos mesmos temas e que se transportam para os documentos sindicais e judiciários, permitem não só a percepção das diferentes verdades jurídicas que se debatem no campo social, como uma leitura global das relações sócio-econômicas que unem e separam agregados e plantadores face ao fazendeiro. O jurídico, no caso, filtra demandas relativas à expulsão da terra e redefinição de formas de trabalho que, por sua força torrencial, ocorrem fora e a despeito de sua atuação, acentuando a busca de códigos paralelos, num esforço de compreender a dimensão exata das mudanças agrárias por que passa o Vale do Jequitinhonha.

A pesquisa combina trabalho de campo antropológico com camponeses em povoados rurais e fazendas para recolher dados sobre o direito costumeiro da morada, da roça, das parcerias e demais relações de trabalho, com coleta de documentos cartoriais e sindicais, tais como contratos, cartas e ações judiciais em andamento: ações possessórias, de indenização por benfeitorias e reclamações trabalhistas.

Dip: 1977/Dpc: 1981/Vd/Fin: EIAP/FGV (até 1979) e Fundação Ford (1980/81)/Pub: "A Fazenda e as Mudanças Econômicas no Alto

Jequitinhonha de Minas Gerais" (em co-autoria). Comunicação à 4.<sup>a</sup> Reunião de Mão-de-Obra Volante na Agricultura, Botucatu, dezembro de 1978. "Recent Economic Changes: Land and Labour Disputes in Northeastern Minas Gerais". Comunicação ao Seminário Semanal do Centre for Latin American Studies da Universidade de Cambridge, Grã-Bretanha, novembro de 1979.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de *et alii* (CERU)  
*Perspectivas Sociológicas da Cultura Brasileira: Dúvidas, Possibilidades e Proposições, ou Tentativa de Estabelecimento de uma Problemática*

Delineamento de um esquema que possa englobar a grande variedade de pesquisas dos componentes do Grupo de Sociologia da Cultura Brasileira, em perspectiva dupla: a) sociológica, isto é, procurando verificar com que posições sócio-econômicas, com que grupos, com que sociedades globais se está lidando, engajados em que processos históricos; b) quais os lineamentos de uma problemática, isto é, de uma sistematização das dúvidas (tanto no sentido de suspensão de assentimento, quanto no sentido de revocação do que anteriormente se admitiu), das possibilidades (ao nível do que pode ser, como ao nível do que pode vir a ser) e das proposições (enunciados declarativos provisoriamente aceitos como asserções). Mais do que um balanço, esta tentativa se definiria como uma visão de conjunto que se fundamenta nas diferenciações sócio-econômicas e na sua variação através da história.

Dip: 1979/Vp/Fin: CERU/Pub: "Ainda uma Definição do 'Ser Brasileiro'?", apresentado no IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, outubro de 1980, mimeo.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de *et alii* (CERU)  
*Recuperação e Organização da Obra Brasileira de Roger Bastide*

O sociólogo Roger Bastide lecionou na Universidade de São Paulo de 1938 a 1954, tendo deixado uma enorme quantidade de artigos (sociologia, antropologia, psiquiatria social, literatura) sobre assuntos brasileiros, espalhados em diversos jornais e revistas das mais variadas regiões. Regressando à França, ali continuou a estudar problemas brasileiros. A pesquisa visou rastrear e descobrir o paradeiro de todo acervo publicado aqui e na França (onde contamos

com a colaboração do Prof. Henri Desroche, da Universidade de Paris), a fim de formar o Arquivo Roger Bastide; classificar todos os documentos coletados; efetuar a tradução do que se encontra em francês; quando for possível, iniciar a publicação das Obras Completas.

Dip: 1976/Vp/Fin: Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (1976); FAPESP (1977-78); DAC-MEC (1979-80).

**Queiroz, Maria Isaura Pereira de (CERU)**  
*Variações da Noção de "Identidade Brasileira" através do Tempo, na Contribuição dos Cientistas Sociais*

Pesquisa bibliográfica pretendendo captar, a partir da segunda metade do século XIX, a posição dos pesquisadores de Ciências Sociais, em diversos momentos da evolução histórica e sócio-econômica do país.

Dip: 1978/Vp/Pub: "Brésil, XIXe Siècle les Précurseurs des Sciences Sociales", in *Culture, Science et Développement (Mélanges en l'Honneur de Charles Morazé)*, Toulouse, Ed. Privat, 1979. "Cientistas Sociais e o Auto-Conhecimento da Cultura Brasileira através do Tempo", *Cadernos*, n. 13, 1980.

**Rezende, Oscarlina Maltese**  
*Condições de Vida e Relações Sociais em Famílias de Baixa Renda num Município Periférico da Grande São Paulo (Suzano).*

Pretende-se verificar a importância dos grupos primários (família, parentes, vizinhos) para a sobrevivência das famílias de baixa renda, tendo em vista estas contarem com recursos materiais escassos para o atendimento de suas necessidades.

Dip: 1976/Dpc: 1982/Pc.

**Salinas, Julio Leon Abulafia (IUPERJ)**  
*Avaliação do Programa Microempresa: Processos e Resultados*

Trata-se, a partir de diferentes experimentos avaliativos, de aferir resultados da intervenção do Promicro em diversas regiões do país.

Visto que o Programa de intervenção indica uma variada gama de técnicos sobre sensibilização da empresa, reciclagem, capacitação tecnológica, etc., um aspecto central do estudo consiste no exame dos processos implícitos na

atuação do Cebrae e a adequação desse instrumental aos objetivos fornecidos pelo Programa.  
Dip: 1981/Dpc: 1981/Vp/Fin: Cebrae.

**Sampaio, Efigêncina Maria Sales (CERU)**  
*Relações de Trabalho numa Região Algodoeira do Ceará: Município de Itapipoca*

A pesquisa procura verificar a especificidade que as relações de trabalho assumem para um produto, em determinada região do país, tendo como foco de análise a cultura do algodão no Ceará num momento único. Nosso objetivo é verificar, do ponto de vista sociológico, as semelhanças e diferenças da organização do trabalho em dois grupos de propriedades (algodoeiras e não algodoeiras), analisadas por categorias de tamanho de propriedade.

Dip: 1974/Doc: 1981/Vd.

**Sarti, Ingrid et alii (Cedec)**  
*Pesquisa sobre Estrutura Sindical*

Pesquisa de caráter nacional, abrangendo cinco estados; inicialmente um survey sobre imposto sindical a ser aplicado aos sindicatos; imediatamente depois o survey é ampliado para questões de estrutura sindical e o objetivo é o de elaborar uma proposta alternativa de reforma da estrutura sindical.

Dip: 1981/Dpc: 1982/Vp/Fin: Ildes/Pub: *Porto Vermelho: Os Estivadores Santistas na Política e no Sindicato*, Ed. Paz e Terra, 1980.

**Silva, Eduardo da (Fundação Casa de Rui Barbosa)**  
*Idéias Políticas de Quintino Bocaiuva*

O trabalho faz parte da coleção "Ação e Pensamento da República", publicada pelo Senado Federal em convênio com a Fundação Casa de Rui Barbosa. Trata-se de uma coleção de textos selecionados com introdução, notas bibliográficas e cronologia.

Dip: 1980/Dpc: 1981/Vd/Fin: Senado Federal e Fundação Casa de Rui Barbosa.

**Silva, Iara Maria Ingelfritz da (UFSC)**  
*Instituições Jurídico-Políticas e a Mulher no Brasil*

O projeto objetiva determinar um conjunto de conceitos teóricos que permitam a com-

preensão da situação jurídica e social da mulher no Brasil, a partir do Direito Penal; que existe um conceito de cidadania diferencial para o homem e a mulher e dos direitos jurídicos e sociais que a mulher sofre no exercício de sua cidadania regulada. O estudo busca fazer uma leitura crítica da jurisprudência penal e das sentenças judiciais com relação à mulher; efetuar um estudo comparativo entre as sentenças judiciais produzidas nos grandes centros e no interior do país, bem como sentenças produzidas por juízes e juízas.

A análise vai nos levar à compreensão do caráter contraditório (protecionista-repressivo) externado nas decisões judiciais, a partir de uma visão masculina determinada pelo tipo de crenças e representações que dirigem a tomada de decisão no judiciário, em relação à mulher.  
Dip: 1980/Dpc: 1981/Vp/Fin: CAPES.

**Souza, Amaury de (IUPERJ)**  
*Um Sistema de Indicadores Sociais e Econômicos para o Rio de Janeiro*

Seleção de amostra permanente e realização de pesquisa sobre as condições de vida da população carioca.  
Dip: 1980/Dpc: 1981/Vp/Fin: Prefeitura do Rio de Janeiro.

**Spindel, Cheywa R. (PUC/SP)**  
*A Mulher na Indústria do Vestuário*

Esta pesquisa toma como área de análise a participação da mulher na indústria do vestuário, ramo concentrador de emprego feminino, onde a sua atuação pode ser captada em diversas formas de organização de produção, como assalariada, como produtora não-remunerada em empresas familiares e como trabalhadora domiciliar. Interessa verificar qual a contribuição do trabalho feminino no produto criado e qual a parcela que lhe é atribuída deste produto. Procura-se entender as implicações do desempenho da mulher no duplo papel de produtora e produtora de capital e de força de trabalho.  
Dip: 1980/Dpc: 1981/Vp/Fin: Fundação Carlos Chagas.

**Teixeira, Luiz Guilherme Sodré (Fundação Casa de Rui Barbosa)**  
*Iconografia de Rui Barbosa: Rui e sua Época*

O projeto tem como finalidade geral: 1) levantar e, eventualmente, recolher toda a icono-

grafia referente a Rui Barbosa, no Brasil e no exterior, tendo como fonte primária publicações de época e fotos de arquivos diversos, e 2) levantar e selecionar material iconográfico dos principais acontecimentos ocorridos no mundo que permearam a vida de Rui Barbosa (1843-1923), relacionando-a através das fotos recolhidas, de textos de suporte, bem como da elaboração de uma cronologia sincrônica (Rui Barbosa/Brasil-América Latina/Europa-Ásia-África-EUA).

Dip: 1981/Dpc: 1982/Pc/Fin: Fundação Casa de Rui Barbosa.

**Vigevani, Tullo (IPALMO)**  
*Política Externa Brasileira, 1939-1950*

Projeto cujo objetivo é estudar a interpenetração e evolução de políticas exteriores diferentes por parte do Brasil. De fato, a política de equilíbrio de Vargas entre a Alemanha e USA, de 1938 a 1941, passou à de aliança de 1942 a 1945, ainda mantendo conflitos não secundários com os USA. O período 1946-1950, fase aguda da guerra fria, mostra uma diminuição do dinamismo diplomático brasileiro, apesar da atuação dinâmica em algumas sedes, como na ONU.

Dip: 1978/Dpc: 1980/Vp/Pub: "Notes on Brazil's Foreign Policy", CALA, Madison, 1974. "La Política Estera del Brasile", *Terzo Mondo*, Milão, 1974, "La Via del Pragmatismo Responsabile", *Politica Internazionale*, Roma, 1974.

**Von Simson, Olga Rodrigues de Moraes (CERU)**  
*Coleta de Dados e Organização do Arquivo do Carnaval Brasileiro*

A pesquisa visa: a) levantamento de documentação sobre o carnaval brasileiro do passado e do presente em todas as fontes possíveis: jornais, revistas, livros de viajantes, livros de cronistas urbanos, etc.; b) entrevistas com personagens que encarnam hoje a "memória viva" do fenômeno; e c) organização do arquivo que permita aos interessados um fácil manuseio de todos os dados.

Dip: 1980/Dpc: 1981/Vp/Fin: FAPESP.

**Weber, Silke (PIMES/UFPe)**  
*Classe social, Educação e Conjuntura Política*

A pesquisa visa captar a influência dos movimentos das classes e dos seus vínculos com os interesses regionais e/ou com os do núcleo propulsor da expansão capitalista (Centro-Sul) na



definição dos programas educacionais dos governos de Cid Sampaio e Miguel Arraes, em Pernambuco.  
Dip: 1980/Dpc: 1982/Ep/Fin: CNPq.

Zaluar, Alba Maria (Unicamp)  
*Pobreza Urbana: Formas de Organização e Ideologia*

Trata-se de um estudo da ideologia dos pobres, não apenas nas suas representações men-

tais sobre si mesmos, mas também através das práticas por eles adotadas nas suas formas de organização, mesmo aquelas consideradas como "inferiores" ou "estranhas" aos olhos etnocêntricos. Busca-se as linhas de solidariedade e conflito, suas identidades sociais e políticas e divisões internas, sua autonomia e subordinação relativamente à ideologia dominante. Os pobres, ou melhor, os membros das classes populares a serem estudados são moradores de um conjunto habitacional no Rio de Janeiro.

Dip: 1980/Dpc: 1981/Pc/Fin: Fundação Ford.

*Burguesia e Trabalho – Política e Legislação Social no Brasil 1917-1937.* Angela Maria de Castro Gomes. Rio de Janeiro, Campus, 1979, 320 pp., Cr\$ 820,00.

Reconstituição da atuação política da burguesia urbana no processo de elaboração e implementação da legislação social no Brasil, tendo como preocupação central a discussão, numa perspectiva histórica, de alguns dos problemas relacionados com a chamada Questão Social no Brasil.

*Cidadania e Justiça – A Política Social na Ordem Brasileira.* Wanderley Guilherme dos Santos. Rio de Janeiro, Campus, 1979, 140 pp., Cr\$ 490,00.

1930, 1964, 1970... Através de rigorosa análise da experiência republicana brasileira, a revelação de que, a cada mudança ocorrida na política social as elites governantes sempre acabaram por impor retrocessos na ordem vigente. Uma discussão aberta sobre o alargamento da participação política e a melhor distribuição da riqueza disponível.

*O Conceito de Hegemonia em Gramsci.* Luciano Gruppi. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 142 pp., Cr\$ 480,00 (2.ª edição).

Gruppi se propõe a demonstrar que Gramsci recupera não apenas o cerne da obra de Marx, como também a linha de continuidade do pensamento e da prática de Lenin, estabelecendo a mediação dialética entre a teoria marxista e a realidade concreta de sua época. Apresentação de Luiz Werneck Vianna.

*O Coração da Fábrica – Estudo de Caso entre Operários Têxteis.* Vera Maria Cândido Pereira. Rio de Janeiro, Campus, 1979, 244 pp., Cr\$ 720,00.

Análise da vida cotidiana dentro de uma indústria têxtil do Rio de Janeiro. Apoiado em numerosos depoimentos, o livro relata as posições ocupadas pelos trabalhadores, a maneira como vivem sua prática de trabalho, sua participação no sistema fabril, as imagens que formulam sobre a estrutura de classes da sociedade, o sistema político e o sindicato.

*A Democracia e os Comunistas no Brasil.* Leandro Konder. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 156 pp., Cr\$ 450,00.

Quais são as relações entre os comunistas brasileiros e a democracia? Em que medida a democracia tem sido uma simples empulhação das classes dominantes? A partir de que ponto

(\*) Esta seção divulga informações sobre livros recentemente editados, na área das Ciências Sociais. As informações podem ser enviadas para a Editoria do BIB.

a democracia passa a ser reconhecida como caminho árduo mas seguro para o socialismo? Estas e outras questões são abordadas neste livro em linguagem simples e num estilo jornalístico.

*O Desafio da Cidade – Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira.* Gilberto Velho. Rio de Janeiro, Campus, 1980, 180 pp., Cr\$ 590,00. A problemática das cidades vista através de tópicos como: o Antropólogo pesquisando em sua cidade, estratégias de sobrevivência de famílias de baixa renda no Brasil, a umbanda como modo de vida, moradia numa favela do Rio de Janeiro e pesquisando em prisão feminina.

*Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil.* Carlos A. Hasenbalg. Rio de Janeiro, Graal, 1979, 302 pp., Cr\$ 800,00.

Baseado numa discussão das teorias que estabelecem um vínculo direto entre escravidão e relações raciais contemporâneas, o livro analisa a formação histórica de desigualdades raciais no Brasil e os mecanismos sociais que perpetuam a subordinação do negro depois da abolição. As atuais desigualdades raciais no país são atribuídas aos efeitos da segregação geográfica da população branca e negra, e a formas peculiares de discriminação racial que restringem a ascensão social e inibem a mobilização política do negro brasileiro. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso.

*Elites Industriais e Democracia.* Renato Raul Boschi. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 248 pp., Cr\$ 700,00.

Este livro retoma a questão do papel político da burguesia nacional e as perspectivas de consolidação de uma ordem democrática no Brasil. A análise se concentra no período pós-64, examinando os padrões de intermediação de interesses dessas elites, suas posições frente aos rumos da política econômica e sua ideologia, para concluir com um detalhado inventário da participação dos industriais no projeto de abertura política ora em curso. Apresentação de Fábio Wanderley Reis.

*O Estado em Crise.* Nicos Poulantzas (direção). Rio de Janeiro, Graal, 1978, 342 pp., Cr\$ 1.000,00.

Um estudo do campo conceitual que define: na primeira parte a crise do Estado, na segunda a relação entre crise econômica e crise do Estado, na terceira a crise da sociedade e a crise do Estado, e por fim a crise militar no quadro da crise do estado-nação capitalista na Europa Ocidental.

*Família, Psicologia e Sociedade.* Gilberto Velho e Servulo Figueira (Coordenadores). Rio de Janeiro, Campus, 1981, 348 pp., Cr\$ 800,00.

Um trabalho de caráter interdisciplinar reunindo textos de autores brasileiros e estrangeiros voltados para a problemática "indivíduo, família e sociedade". Excelente contribuição para um melhor entendimento dos estilos de vida existentes no Brasil.

*O Grande Medo de 1789 – Os Camponeses e a Revolução Francesa.* Georges Lefebvre. Rio de Janeiro, Campus, 1979, 204 pp., Cr\$ 490,00.

Um estudo sobre a Revolução Francesa a partir da atuação política do campesinato, das condições sociais do campo francês e da "mentalidade" camponesa às vésperas da Revolução.

O livro é um clássico da literatura historiográfica, indispensável ao estudo da ideologia e da participação política do campesinato.

*A Grande Transformação – As Origens de Nossa Época.* Karl Polanyi. Rio de Janeiro, Campus, 1980, 310 pp., Cr\$ 880,00.

Análise minuciosa e criativa da formação da economia capitalista de mercado, que desvenda os processos através dos quais o mercado separou-se das demais instituições sociais até se tornar uma esfera autônoma, que pretende dominar o resto da sociedade pela transformação do trabalho, da terra e do dinheiro em mercadoria.

*O Homem, a Terra, as Reformas.* M. Vinhas. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 151 pp., Cr\$ 450,00.

Interpreta a estrutura concentracionista da propriedade da terra e da venda: as consequências econômicas e sociais. A investida das multinacionais especialmente na Amazônia. Industrialização e tecnificação da produção agrícola: capitalismo ou capitalismo no campo. Situação da força de trabalho: camponeses e assalariados. As legislações agrícolas e trabalhista rural. Caráter agro-camponês e trabalhista, democrático e nacional da reforma agrária brasileira.

*Os Índios e Nós - Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras.* Anthony Seeger. Rio de Janeiro, Campus, 1980, 184 pp., Cr\$ 580,00.

Conjunto de trabalhos que analisam aspectos diversos das sociedades indígenas brasileiras, tais como: a natureza do trabalho de campo antropológico, significação dos ornamentos corporais, a posição dos velhos, a importância social da música, formas de liderança, ideologia do parentesco, etc.

*Introdução ao Fascismo.* Leandro Konder. Rio de Janeiro, Graal, 1979, 129 pp., Cr\$ 360,00 (2.<sup>a</sup> edição).

A expressão "fascismo" é hoje empregada com sentido amplo e geralmente impreciso. Leandro Konder dá-lhe neste livro o conceito adequado, em um estudo claro e didático, ajudando o leitor a compreender o significado histórico e as raízes sócio-econômicas daquele importante fenômeno. Apresentação de Luiz Werneck Vianna.

*Jorge Amado: Política e Literatura – Um Estudo sobre a Trajetória Intelectual de Jorge Amado.* Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rio de Janeiro, Campus, 1979, 316 pp., Cr\$ 740,00.

Um trabalho sério e erudito, escrito por alguém que se propôs uma tarefa capaz de iluminar as razões da obra de um escritor e tratou de cumpri-la reunindo grande material, manuseando-o e buscando ser isento.

Trata-se, seguramente, do melhor livro já escrito sobre o autor mais lido do Brasil.

*O Marxismo diante das Sociedades Primitivas.* Emmanuel Terray. Rio de Janeiro, Graal, 1979, 180 pp., Cr\$ 500,00.

Dois ensaios que marcaram época. No primeiro o autor reavalia criticamente a obra de Lewis H. Morgan, retomando o campo conceitual: no segundo repensa os problemas enfrentados pela teoria de formação das sociedades ditas primitivas.

*O Marxismo e o Estado.* Norberto Bobbio e outros. Rio de Janeiro, Graal, 1979, 251 pp., Cr\$ 750,00.

Análise de modo crítico os problemas atuais da passagem para o socialismo, à luz dos impasses da via soviética. Edição da grande polêmica suscitada pelo artigo do socialista Norberto Bobbio sobre os problemas da relação entre socialismo e democracia. Apresentação de Eurico de Lima Figueiredo.

*Os Militares e a Democracia.* Eurico de Lima Figueiredo. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 165 pp., Cr\$ 500,00.

Este livro é um ensaio de compreensão do papel político do Presidente Castelo Branco e da mensagem do seu discurso que permite um prognóstico do que aguarda a sociedade brasileira ao longo e ao fim dessa etapa de abertura democrática.

*Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.* Gilberto Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, 149 pp., Cr\$ 550,00.

O livro reúne textos voltados para uma análise antropológica da sociedade contemporânea. Alguns destes são eminentemente teóricos, retomando a discussão de indivíduo e cultura e/ou sociedade, e outros são a aplicação da problemática teórica a exemplos da sociedade brasileira, particularmente ao seu universo de camadas médias. Coloca também questões de metodologia e de trabalho de campo no meio urbano e na sociedade do observador.

*O Pensamento de Lênin.* Luciano Gruppi. Rio de Janeiro, Graal, 1979, 308 pp., Cr\$ 950,00.

Este livro não é uma biografia de Lênin e nem a história dos seus trinta anos de ação revolucionária. É uma rigorosa análise da profunda ligação entre a elaboração teórica de Lênin, a situação russa e o desenvolvimento internacional do movimento operário.

*Plantar, Colher, Comer.* Carlos R. Brandão. Rio de Janeiro, Graal, 1981, 156 pp., Cr\$ 500,00.

O livro explica hábitos rurais e a ideologia de camponeses do interior do Brasil referentes às práticas sociais de produção e de consumo de comida cotidiana. As questões tratadas têm a ver com o modo como ele representa os determinantes naturais e sociais da expropriação de suas condições de produção de meios e estratégias de vida e sobrevivência física.

*Posições I.* Louis Althusser. Rio de Janeiro, Graal, 1978, 167 pp., Cr\$ 500,00.

Os três trabalhos reunidos em *Posições I*, Resposta a John Lewis, Elementos de Autocrítica, Sustentação de Tese em Amiens, têm como fio temático as preocupações com uma nova leitura de Marx, capaz de livrar o marxismo do fantasma de Hegel e firmar o materialismo histórico como ciência explicadora do universo social concreto.

*Posições II.* Louis Althusser. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 165 pp., Cr\$ 500,00.

"Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado", "Freud e Lacan", "A Filosofia como Arma da Revolução", "Marxismo e Luta de Classes" e "Como Ler o Capital" – cinco dos mais famosos ensaios do filósofo francês, reunidos neste livro.

*Revolução Cultural e Organização Industrial na China.* Charles Bettelheim. Rio de Janeiro, Graal, 1979, 117 pp., Cr\$ 550,00.

O trabalho enfatiza a originalidade da experiência frente às vias clássicas de industrialização desenvolvidas pelo Ocidente e pelo bloco soviético. Trata-se do mais agudo ensaio sobre a Revolução Cultural, segundo o *New York Literary of Books*. Apresentação de José Nilo Tavares.

*Os Sindicatos Brasileiros. Organização e Função Política.* Hans Füchtner. Rio de Janeiro, Graal, 1980, 259 pp., Cr\$ 750,00.

O livro arrola todo um patamar de elementos sociais em torno da questão principal que sugere e cujo escopo desemboca num ensaio sociológico com imaginações próprias do autor. Sobressaem questões como a legislação trabalhista e sindical, sua prática e seus efeitos entre os trabalhadores e a sociedade. Apresentação de Evaristo de Moraes Filho.

### V Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

O V Encontro Anual da Associação, realizado em Nova Friburgo, de 21 a 23 de outubro de 1981, contou com a participação ativa de aproximadamente 300 professores e pesquisadores que têm nas Ciências Sociais seu objeto de trabalho.

O formato organizacional adotado neste V Encontro Anual, fora de um grande centro como vinha sendo feito nos anos anteriores, buscou permitir maior integração entre os participantes, bem como maior flexibilidade e disponibilidade de tempo para as atividades dos Grupos de Trabalho.

A validade deste formato pode bem ser atestada pela presença de parcela extremamente significativa da comunidade de cientistas sociais, a participação de praticamente todos os centros de pesquisa e pós-graduação na área das Ciências Sociais, e pelo alto nível dos trabalhos apresentados.

Em termos mais específicos, o V Encontro Anual foi estruturado em torno de três linhas básicas: garantir tempo e espaço para os Grupos discutirem seus trabalhos; para que fossem abordadas questões relevantes do cenário sócio-político do país; e, para que se discutisse a polí-

tica nacional de pós-graduação nas áreas que dizem respeito diretamente à Associação.

Nas várias reuniões dos 18 Grupos de Trabalho que hoje atuam no âmbito da Associação e, ainda, nos painéis sobre "A Questão do Regionalismo," e "Violência no Brasil Contemporâneo", foram apresentadas 160 comunicações resultantes de trabalhos de pesquisa recentes desenvolvidas nos principais centros de pesquisa e pós-graduação localizados em quase todos os estados brasileiros.

No que se refere à pós-graduação, foi implementada proposta aprovada na Assembléia Geral de 31 de outubro de 1980, no sentido de criar um *forum* permanente de discussão nos Encontros Anuais onde possam ser tratadas questões relativas à pós-graduação. Os debates realizados em torno dos relatórios apresentados pela comissão eleita em 1980 com o objetivo de levantar subsídios e propor um temário de discussão, mostraram-se tão significativos que a Assembléia propôs que seja destinado, nos próximos Encontros, mais espaço para as reuniões do *forum* bem como a realização de dois encontros anuais de coordenadores de programas de mestrado e doutorado na área das ciências sociais.

Com relação ao papel aglutinador que a Associação vem desempenhando, bem como seu propósito de incentivar o estudo e a pesquisa de temas atuais e relevantes na área das Ciências

Sociais, vale mencionar que a Assembléia Geral referendou a filiação dos seguintes centros/programas: Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo, Curso de Pós-Graduação em Sociologia Urbana e Rural da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Mestrado em Sociologia Federal de Minas Gerais. Aprovou, ainda, o pedido de reconhecimento de sete novos Grupos de Trabalho, e respectivos coordenadores, a saber: *Política e Economia*, José Luiz Fiori; *Políticas Públicas*, Maria Lúcia de Oliveira; *Educação e Sociedade*, Aparecida Joly Gouveia; *Métodos em Ciências Sociais*, Nelson do Valle e Silva; *Partidos e Movimentos de Esquerda*, Marco Aurélio Garcia; *A Questão Regional no Brasil*, Amílcar Alves Tupiassu; e, *Pensamento Social Brasileiro*, Luis Antonio de Castro Santos.

Finalmente, deve-se ressaltar outro aspecto de grande importância para a consolidação da Associação, vale dizer, o estabelecimento de normas a serem observadas no que se refere ao processo de renovação da Diretoria da Associação. Neste sentido, a Assembléia decidiu que as eleições no âmbito da Associação serão realizadas por meio de voto secreto por representante de centro/programa filiado; inscrição de chapas 24 horas antes da Assembléia Geral; e, processo eleitoral deflagrado quatro meses antes do Encontro Anual em que será realizada a eleição. Foi estabelecido, ainda, o critério de chapa para a Diretoria e de nomes individuais para o Conselho Fiscal devendo ser observado na composição das chapas uma certa representatividade regional de seus membros.

## XII Congresso Mundial da Associação Internacional de Ciência Política – IPSA

Realizar-se-á, entre os dias 9 e 14 de agosto de 1982, no Rio de Janeiro, o XII Congresso Mundial da Associação Internacional de Ciência Política (IPSA). O Congresso girará em torno do tema "A Sociedade além do Estado nos 80".

Para maiores informações, os interessados deverão dirigir-se a:

Guillermo O'Donnell  
Diretor do Comitê de Programa  
Iuperj  
Rua da Matriz, 82 – Botafogo  
22260 – Rio de Janeiro – RJ

ou

Secretaria da IPSA  
Praça XV de Novembro, 101 – salas 26, 27  
20010 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (021) 224-1722

## Criada Agência de Notícias Científicas

Uma agência de notícias especializada em divulgação científica está oferecendo seus serviços, em caráter experimental, aos meios de comunicação de massa de todo o país. Trata-se da ABDC (Agência Brasileira de Divulgação Científica), que o Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior (de São Bernardo do Campo, São Paulo), está instituindo com o apoio da Superintendência do Desenvolvimento Social do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

O objetivo principal da ABDC é fazer com que o trabalho dos cientistas brasileiros chegue ao conhecimento da maior parte da população que, quase sempre, desconhece as pesquisas que se realizam nas universidades e institutos. Para isso, a ABDC fornecerá material jornalístico para os meios de comunicação, buscando uma linguagem e abordagens que provoquem o interesse do grande público e dos próprios jornais, rádios e estações de televisão.

Na sua fase experimental, a ABDC fornecerá material a uma amostra de 20 jornais de todas as regiões do Brasil, escolhidos especialmente para uma avaliação inicial do trabalho. Depois disso, a partir de 1982, as matérias da ABDC serão oferecidas a todos os veículos que se interessarem por elas.

A experiência da ABDC insere-se num projeto maior do Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior que está implantando a partir de 1982 uma nova área de concentração no curso de Mestrado em Comunicação: a Comunicação Científica e Tecnológica.

O trabalho da ABDC deverá se integrar aos projetos e pesquisas da nova área de concentração do Mestrado em Comunicação do IMS. Contudo, para o desenvolvimento do trabalho jornalístico da ABDC, uma equipe de jornalistas profissionais foi formada sob a coordenação do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (MT 10790) e supervisionada pelos professores José Marques de Melo e Onésimo de Oliveira Cardoso.

## Catálogo de Teses do Espírito Santo

Importantes pesquisas, realizadas por diversos autores capixabas, recebem pouca ou nenhuma divulgação, formando um acervo perdido que, se reunido, poderia oferecer aos membros da comunidade subsídios para melhor compreensão de sua realidade. Por isso, preocupada com esse problema, a Biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves está registrando esse acervo, para que ele seja conhecido e possibilite novos estudos sobre o Espírito Santo.

Assim, quaisquer pesquisas que versem sobre as áreas de Ciência Política, Comunicação, Direito, Economia, Ecologia, Educação, Geo-

grafia, Habitação, Indústria, Patrimônio Histórico, Planejamento Urbano e Regional, Recursos Naturais, Saneamento, Sociologia, Transportes, Saúde Pública e Tecnologia, são de interesse para a elaboração de um *Catálogo de Teses do Espírito Santo*.

Para tanto, a Biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves se compromete a fazer a reprodução e a divulgação das teses, que ficarão à disposição da comunidade, além de registrá-las em catálogo impresso.

A colaboração de todos é imprescindível.

Contatos com:

Todéska, Margaret ou Rosana  
Biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves  
Av. César Hilal, 437, 1.º andar – Praia do Suá  
Vitória – Espírito Santo  
CEP 29.000 – Tel.: 227-5044 - ramal 64



## LISTA DE ABREVIATURAS

- |                |   |                |   |
|----------------|---|----------------|---|
| <i>Capes</i>   | – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior       | <i>Ildes</i>   | – Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento Econômico e Social                                |
| <i>Cebrae</i>  | – Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa              | <i>INEP</i>    | – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos   |
| <i>Cedec</i>   | – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea                        | <i>Ipalmo</i>  | – Instituto para as Relações entre a Itália e os Países da África, América Latina e Oriente Médio |
| <i>Cepal</i>   | – Centro de Estudos para a América Latina                           | <i>IPSA</i>    | – International Political Science Association   |
| <i>Cpdoc</i>   | – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea       | <i>ISEB</i>    | – Instituto Superior de Estudos Brasileiros   |
| <i>CNPq</i>    | – Conselho Nacional de Pesquisa                                     | <i>Iuperj</i>  | – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro  |
| <i>Ceplac</i>  | – Comissão Executiva de Planejamento do Cacao                       | <i>MEC</i>     | – Ministério da Educação e Cultura  |
| <i>CERU</i>    | – Centro de Estudos Rurais e Urbanos                                | <i>PIMES</i>   | – Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia   |
| <i>DAC</i>     | – Departamento de Assuntos Culturais                                | <i>PSD</i>     | – Partido Social Democrático  |
| <i>Fapesp</i>  | – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo              | <i>PTB</i>     | – Partido Trabalhista Brasileiro  |
| <i>FFLCH</i>   | – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas                 | <i>PUC</i>     | – Pontifícia Universidade Católica  |
| <i>Finep</i>   | – Financiadora de Estudos e Projetos                                | <i>UFF</i>     | – Universidade Federal Fluminense   |
| <i>Funarte</i> | – Fundação Nacional de Arte   | <i>UFMG</i>    | – Universidade Federal de Minas Gerais  |
| <i>Fundap</i>  | – Fundação de Desenvolvimento Administrativo                        | <i>UFPe</i>    | – Universidade Federal de Pernambuco  |
| <i>INL</i>     | – Departamento Nacional do Livro                                    | <i>UFRGS</i>   | – Universidade Federal do Rio Grande do Sul   |
| <i>IBGE</i>    | – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                   | <i>UFRJ</i>    | – Universidade Federal do Rio de Janeiro  |
| <i>Idesp</i>   | – Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo | <i>UFSC</i>    | – Universidade Federal de Santa Catarina  |
| <i>Indipo</i>  | – Instituto de Direito Público e Ciência Política                   | <i>UnB</i>     | – Universidade de Brasília  |
| <i>IJNPS</i>   | – Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais                     | <i>Unesco</i>  | – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura                                  |
|                |   | <i>Unesp</i>   | – Universidade do Estado de São Paulo   |
|                |   | <i>Unicamp</i> | – Universidade Estadual de Campinas   |
|                |   | <i>USP</i>     | – Universidade de São Paulo   |

**bib**

Sim, desejo receber regularmente e sem ônus, o Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais – BIB.

nome \_\_\_\_\_  
instituição \_\_\_\_\_  
endereço \_\_\_\_\_  
cidade \_\_\_\_\_ estado \_\_\_\_\_ cep \_\_\_\_\_  
data \_\_\_\_\_

Este pedido deverá ser enviado à Editora do BIB, Rua da Matriz, 82 – Botafogo, CEP 22260 Rio de Janeiro, RJ.

✂

**bib**

Sim, desejo receber regularmente e sem ônus, o Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais – BIB.

nome \_\_\_\_\_  
instituição \_\_\_\_\_  
endereço \_\_\_\_\_  
cidade \_\_\_\_\_ estado \_\_\_\_\_ cep \_\_\_\_\_  
data \_\_\_\_\_

Este pedido deverá ser enviado à Editora do BIB, Rua da Matriz, 82 – Botafogo, CEP 22260 Rio de Janeiro, RJ.

✂

### Resenhas Bibliográficas publicadas pelo BIB

- BIB 1** “Estado e Sociedade no Brasil: Uma Revisão Crítica”  
*Eli Diniz Cerqueira e Renato Raul Boschi*
- BIB 2** “Pontos de Vista sobre os Índios Brasileiros: Um Ensaio Bibliográfico”  
*Anthony Seeger e Eduardo Viveiros de Castro*
- BIB 3** “Estudos sobre Sindicalismo e Movimento Operário: Resenha de Algumas Tendências”  
*Luiz Werneck Vianna*
- BIB 4** “Revolução de 1930: uma Bibliografia Comentada”  
*Lúcia Lippi Oliveira*
- BIB 5** “Partidos Políticos, Representação e Processo Eleitoral no Brasil, 1945-1978”  
*Bolívar Lamounier e Maria D’Alva Gil Kinzo*
- BIB 6** “Os Movimentos ‘Messiânicos’ Brasileiros: Uma Leitura”  
*Alba Zaluar Guimarães*
- BIB 7** “Relações entre Negros e Brancos no Brasil”  
*Roque de Barros Laraia*
- BIB 8** “População e Política Populacional no Brasil: Uma Resenha de Estudos Recentes”  
*Amaury de Souza*
- BIB 9** “A Mulher na Força de Trabalho”  
*Maria Valéria Junho Pena*  
“Movimentos Sociais Urbanos”  
*Pedro Roberto Jacobi*
- BIB 10** “Estudos e Pesquisas sobre Mulher no Brasil”  
*Lia F. G. Fukui*
- BIB 11** “Educação e Sociedade no Brasil”  
*Luiz Antonio Cunha*  
“Habitação no Brasil: Uma Introdução à Literatura Recente”  
*Lícia do Prado Valladares e Ademir Figueiredo*

O BIB divulga periodicamente as atividades e realizações mais relevantes dos cientistas sociais brasileiros visando estimular a organização de uma rede de intercâmbio e cooperação institucional e científica.

O BIB, portanto, depende de você e da cooperação que você forneça.

Solicitamos o envio de comentários e de informações sobre teses, pesquisas e eventos para poder manter a continuidade do Boletim.

A correspondência pode ser enviada a

**Associação Nacional de Pós-Graduação e  
Pesquisa em Ciências Sociais**  
**Editoria do BIB**  
Rua da Matriz, 82 – Botafogo  
22260 – Rio de Janeiro – RJ